

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**Alice Felicíssimo**

**Usos do Modo Subjuntivo no Português Brasileiro**

**MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

**SÃO PAULO  
2015**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**Alice Felicíssimo**

**Usos do Modo Subjuntivo no Português Brasileiro**

**MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Língua Portuguesa do Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Profa. Dra. Regina Célia Pagliuchi da Silveira.

**SÃO PAULO**

**2015**

**Banca Examinadora**

---

---

---

*Não te deixes destruir...  
Ajuntando novas pedras  
e construindo novos poemas.*

*Recria tua vida, sempre, sempre.  
Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.*

*Faz de tua vida mesquinha  
um poema.  
E viverás no coração dos jovens  
e na memória das gerações que não de vir.*

*Esta fonte é para uso de todos os sedentos.  
Toma a tua parte.  
Vem a estas páginas  
e não entres seu uso  
aos que têm sede.*

*Cora Coralina*

*Para minha mãe, exemplo de mulher  
batalhadora e incansável.*

*Para meu pai (In Memoriam), com quem  
aprendi o gosto pela leitura.*

*Para meus filhos Luigi Neto e  
Bruno, que sempre acreditaram na minha capacidade de ir além.*

*Para Eliane, minha nora, que trouxe a  
Giuliana para as nossas vidas, fazendo  
valer a pena cada minuto da minha existência, mesmo aqueles mais  
difíceis.*

*Meu amor imenso a todos!*

*Com especial carinho agradeço à minha  
orientadora Profa. Dra. Regina Célia Pagluichi da Silveira.  
Obrigada pela paciência, carinho,  
compreensão e por não me abandonar em nenhum momento da  
caminhada.*

## AGRADECIMENTOS

*Pelas bênçãos a mim concedidas, que me deram força, proteção e coragem para concluir mais esta etapa da minha vida.*

*À banca de qualificação: Profa. Dra. Dieli Vezaro Palma e Profa. Dra. Siomara Ferrite Pacheco, pelas sugestões e observações enriquecedoras para a elaboração deste trabalho.*

*Ao Programa de Língua Portuguesa: Prof. Dr. João Hilton Sayeg de Siqueira e à Lourdes, pelas orientações e auxílios constantes.*

*Aos meus professores da PUC/SP, que desde a graduação vêm contribuindo com minha formação e crescimento pessoal, enriquecendo minha visão e reflexão a respeito das coisas do mundo.*

*Aos amigos do NUPPLE, pelos encontros nas reuniões enriquecedoras.*

*À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), por ter-me concedido bolsa de estudo.*

*Aos meus colegas e alunos da FMU.*

*Aos meus companheiros da pós-graduação, com quem dividi tantos momentos de incertezas e cansaço, em especial à Elaine Aparecida dos Santos Estracieri, pelo apoio nas horas de desespero.*

*Por fim, a todos aqueles que, de uma ou de outra forma, comigo partilharam o entusiasmo e a frustração, a excitação e o desânimo que a realização deste trabalho, em partes iguais gerou, deixo aqui a minha gratidão.*

## RESUMO

Este trabalho apresenta a descrição das ocorrências do Modo Subjuntivo com a noção de futuridade, de forma a expressar o não factual e a variação do Presente do Modo Subjuntivo pelo uso do Presente do Modo Indicativo. A pesquisa está fundamentada em princípios do funcionalismo linguístico e tem por ponto de partida as regras gramaticais de padrão normativo proposto por gramáticos tradicionais brasileiros. O uso do Modo Subjuntivo, assim como a variação, foi estudado numa perspectiva da gramática emergente givoniana, centrada na gramática para a comunicação, que emerge dos propósitos comunicativos moldando o discurso. Consideramos como variável dependente do modo verbal, para o entendimento do fenômeno de alternância entre os modos subjuntivo e indicativo, os aspectos linguísticos: tipo de oração, a escolha verbal da oração matriz e tempo verbal da ocorrência (na oração subordinada ou na independente). O sema de futuridade, identificado no nível proposicional, tende a preservar o uso do MS, segundo o padrão gramatical normativo, e é usado por falantes de média e alta escolaridade. Para o uso do Modo Indicativo com função de Imperativo constatamos que a seleção da morfologia verbal sofre pressão da relação pragmático-discursiva. O Modo Indicativo tem a função de expressar o Modo Imperativo, não contendo a “ordem”. Esse uso no Português Brasileiro ocorre com falantes de todos os níveis de escolaridade em situação presencial e de proximidade. Nas orações subordinadas a modalidade da certeza de quem fala, ainda que ela remeta ao tempo futuro, propicia o uso do Modo Indicativo. Essa variação ocorre, também, com falantes de todos os níveis de escolaridade.

Palavras-chave: Modo Subjuntivo; modo indicativo; usos do modo subjuntivo; variação subjuntivo/indicativo.

## ABSTRACT

This paper describes the occurrences of the Subjunctive Mode with the notion of futurity, to express the not factual and the variation of the present subjunctive mode by use of the present Indicative Mode. The research is based on principles of linguistic functionalism and has as a starting point the grammatical rules of the normative standard proposed by Brazilian traditional grammarians. The use of Subjunctive Mode, as the variation, was studied from the perspective of the emergent grammar of Givón, focused on grammar for communication and that emerges from communicative purposes shaping the discourse. We considered as a dependent variable of verbal mode, for understanding the phenomenon of alternation between subjunctive and indicative mode, the linguistic aspects: type of clause, verbal choice of main clause and verbal tense of the occurrence (the subordinate clause or independent clause). The sememe of futurity, identified in the propositional level, tends to preserve the use of the subjunctive mode, according to the normative standard grammar, and is used by speakers of medium and high level of education. For the use of the Indicative Mode with the imperative function, we found out that the selection of verbal morphology is under pressure of pragmatic-discursive relationship. The Indicative Mode serves to express the Imperative Mode, not containing the "order". This usage occurs in Brazilian Portuguese with speakers of all levels of education in face-to-face situations and with proximity. In subordinate clauses the modality of certainty of who speaks, even if it refers to future tense, propitiates the use of the Indicative Mode. This variation also occurs with speakers of all levels of education.

Keywords: Subjunctive mode; Indicative mode; subjunctive uses; subjunctive/indicative variation.

## SUMÁRIO

---

Considerações Iniciais .....	14
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>Tratamentos gramaticais dados por estudiosos brasileiros para o uso do Presente dos Modos Subjuntivo (MS) e Indicativo (MInd)</b> .....	19
.....	
1.1 Um breve histórico do Modo Subjuntivo .....	19
1.2 A contribuição de Mattoso Camara Jr. ....	20
1.3 Gramáticos contemporâneos da Língua Portuguesa .....	24
1.3.1 <i>Nova gramática do Português contemporâneo</i> (CUNHA & LINDLEY CINTRA, 1985) .....	25
1.3.2 <i>Gramática de usos do Português</i> (MOURA NEVES, 2000) .....	32
1.3.3 <i>Nova Gramática do Português Brasileiro</i> (CASTILHO (2010) .....	44
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>Quadro Teórico</b> .....	51
2.1 A passagem dos estudos do sistema para o uso efetivo da língua .....	51
2.2 O funcionalismo linguístico .....	53
2.3 A linguística centrada no uso .....	55
2.4 A gramaticalização .....	57
2.5 As contribuições da Gramática Sistêmico-funcional de Halliday .....	61
2.6 As contribuições do funcionalismo de Givón .....	69
2.7 A teoria dos mundos possíveis .....	72
2.8 Contrafactuais e a noção semântica do universo de crença .....	75
<b>CAPÍTULO III</b>	
<b>Os usos do Modo Subjuntivo no Português Brasileiro</b> .....	78
3.1 O uso do Modo Subjuntivo conforme a Gramática Tradicional .....	78
3.1.1 Em orações independentes .....	78

3.1.2 Nas orações Subordinadas.....	84
3.1.2.1 Subordinadas Substantivas .....	85
3.1.2.2 Subordinadas Adverbiais .....	95
3.1.3 O Modo Subjuntivo em orações introduzidas por <i>talvez</i> .....	109
3.2 O Modo Subjuntivo pelo Modo Indicativo .....	111
3.2.1 O Modo Subjuntivo pelo Modo Indicativo no Imperativo .....	112
3.2.2 O Modo Subjuntivo pelo Modo Indicativo nas orações Subordinadas Substantivas .....	114
Considerações Finais .....	125
Referências Bibliográficas .....	131

## **Anexos**

<b>Constituição da amostra</b> .....	135
1 Ocorrências em situações de fala oral televisiva - Campanha preferência do pedestre 2011 .....	135
2 Ocorrências no livro " <i>As verdades que ela não diz</i> " de Marcelo Rubens Paiva .....	136
3 Ocorrências diversas .....	137
4 Ocorrências em situações de fala oral televisiva – Implantação das ciclovias na cidade de São Paulo .....	138
5 Outras ocorrências .....	141
6 Ocorrências do uso do MS no material reunido pelo projeto NURC/SP.	142

## LISTA DE ABREVIÇÕES

**GT** – GRAMÁTICA TRADICIONAL

**LP** – LÍNGUA PORTUGUESA

**MS** – MODO SUBJUNTIVO

**MInd** – MODO INDICATIVO

**PB** – PORTUGUÊS BRASILEIRO

*Todas as coisas têm nome.  
(Têm nome todas as coisas?)*

*Todos os verbos são atos.  
(São atos todos os verbos?)*

*Com a gramática e o dicionário  
faremos nossos pequenos exercícios.*

*Mas quando lermos em voz alta o que escrevemos,  
não saberão se era prosa ou verso,  
e perguntarão o que se há de fazer com esses escritos:*

*porque existe um som de voz,  
e um eco — e um horizonte de pedra  
e uma floresta de rumores e água*

*que modificam os nomes e os verbos  
e tudo não é somente léxico e sintaxe.*

*Assim tenho visto.*

*Cecília Meireles (1960)*

## Considerações Iniciais

---

Esta dissertação está situada na linha de pesquisa História e Descrição da LP (Língua Portuguesa), do Programa de Estudos Pós-graduados em LP da PUC/SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo).

A pesquisa realizada tem por tema os usos do Presente do Modo Subjuntivo (MS) com a noção de futuridade, de forma a expressar o não factual.

O problema proposto é refletir sobre as seguintes questões: (1) as ocorrências do uso do Presente do MS; (2) a ocorrência do uso do Presente do MInd (Modo Indicativo) pelo Presente MS (Modo Subjuntivo) e (3) o porquê da ocorrência dessa variação. Todas as análises foram orientadas para obtermos subsídios para essas questões.

A pesquisa está fundamentada em princípios do funcionalismo linguístico e tem por ponto de partida as regras gramaticais de padrão normativo proposto por gramáticos tradicionais brasileiros. Tal funcionalismo compreende uma diversidade de tendências que compõem a sua abordagem, diferentemente dos estudos estruturalistas e gerativistas, ambos realizados fora do uso efetivo da língua.

A Escola Linguística de Praga, já na década de 30 do século passado, apresenta uma grande discussão a respeito de aspectos relacionados com a teoria funcional da linguagem, focalizando a função da linguagem na comunicação e sua função na sociedade. Por essa razão, os linguistas dessa escola interessaram-se pelo propósito do uso da língua e pela intenção do locutor, a fim de que este obtivesse sucesso na sua comunicação em sociedade. Dessa forma, o estudo da função dentro da situação de fala constitui, por um lado uma das orientações funcionais de Praga. Por outro lado, a função

da linguagem em um contexto social foi tratada focalizando-se a linguagem a serviço das camadas da sociedade. Esses pressupostos funcionais de Praga influenciaram as tendências funcionalistas difundidas e diversificadas, na década de 70 do mesmo século.

O cerne do funcionalismo linguístico propõe entender o uso efetivo da língua a partir de novas funções comunicativas e sociais aplicadas às unidades sistêmicas, de forma a produzir uma dinâmica constante para o sistema da língua. Sendo assim, dependendo da função da linguagem em um contexto social, ocorrem variações para as funções sistêmicas, dependendo do nível de escolaridade, idade, sexo e de outros fatores.

Decorrente da função da linguagem na comunicação, ocorre variação, aparecendo ou retomando funções em uso para as unidades do sistema, de forma a ativá-las, reativá-las e desativá-las. Com essa dinâmica, o tratamento dado ao uso, a partir das funções, propicia uma visão pancrônica da língua.

Os estudos funcionalistas gramaticais ora situam-se na função da linguagem na comunicação, ora na função da linguagem na sociedade, ora em ambas. Sendo assim, as orientações funcionalistas abordam correlações distintas entre o formalismo e o funcionalismo, que vêm sendo caracterizadas por três tipos: o conservador, o moderado e o funcionalismo extremo.

O tipo conservador busca as funções, sem propor uma nova análise da estrutura. O tipo moderado aponta a inadequação de uma análise formalista sistêmica e propõe uma análise funcionalista da estrutura da língua. O funcionalismo extremo nega a realidade da estrutura pela estrutura e propõe regras baseadas inteiramente na função: a estrutura é codificada apenas pela função.

A pesquisa realizada está fundamentada no tipo moderado e tem por problema a variação do Presente do MS pelo uso do Presente do MInd, sendo que ambos expressam a noção de futuridade. Tal noção opõe-se à modalidade da certeza contida no uso do MInd.

Esta dissertação tem por objetivo geral contribuir com os estudos funcionalistas do Português Brasileiro (PB). São objetivos específicos: (1) verificar o uso do Presente do MS; (2) examinar quando o Presente do MInd é usado com a função do MS e (3) apresentar as dimensões da semântica lexical, da proposicional e da pragmática discursiva para a variação dos usos do Presente do MS e MInd

Para subsidiar as reflexões propostas e apresentadas anteriormente, esta dissertação teve o seguinte procedimento metodológico:

1. Método qualitativo.

2. O *corpus* foi coletado em vários usos (oral e escrito), a fim de ser representativo para a análise da variação do uso do Presente do MS pelo Presente do MInd e, por vezes, a ocorrência do Pretérito do MS para o exame do modo historicamente designado Condicional, que expressa futuridade. Para dar conta dessas visões, os dados de análise foram coletados em:

2.1. variedade escrita: para verificar como o uso do MS é postulado por regras da gramática de uso padrão. Foram coletados dados do uso do MS em gramáticas tradicionais que apresentam as regras do uso padrão pelo escrito;

2.2. variedade oral: para averiguar como o uso MS pelo MInd ocorre com maior frequência na fala oral. Para a coleta dos dados de análise, tivemos o seguinte procedimento:

(A) coletamos ocorrências do uso do MS no material reunido pelo projeto NURC/SP. Justificamos a coleta desses dados tendo em vista serem as informantes pessoas de nível universitário, com escolaridade média alta, o que produziu a expectativa do uso do padrão gramatical normativo, mesmo que em situação de produção coloquial;

(B) coletamos ocorrências na obra *As verdades que ela não diz*, do autor Marcelo Rubens Paiva (2012). Justificamos essa coleta de dados pelo fato de, nesse livro, o autor transcrever o uso do PB em condições de produção oral de fala coloquial, e

(C) foram coletadas ocorrências, em situações de fala oral televisiva. Justificamos essa coleta devido ao uso efetivo do PB com espontaneidade tanto em entrevistas quanto em coleta de depoimentos e informações por repórteres, nas ruas. Esses informantes apresentam, também, variedades/variações linguísticas diferentes, pois pertencem a grupos sociais de alto, médio e baixo nível de escolaridade.

As análises foram realizadas a partir dos seguintes níveis propostos por Givón (1996): nível da semântica lexical; nível da semântica proposicional e nível da semântica pragmática discursiva.

Esta dissertação está composta por:

Cap. 1 – Esse capítulo apresenta tratamentos gramaticais prescritivos feitos por estudiosos brasileiros para o uso do Presente dos MS e Mind. Para tanto, conta com trabalhos realizados por Mattoso Câmara Jr, Celso Cunha & Lindley Cintra, Maria Helena de Moura Neves e Ataliba T. de Castilho para os usos do MS no PB.

Cap. 2 – Quadro Teórico. Esse capítulo reúne as bases teóricas que orientaram nossas análises. Abordaremos as contribuições do funcionalismo linguístico e da teoria de “mundos possíveis”. Como o funcionalismo apresenta diferentes vertentes, delas foram selecionadas as posições de HALLIDAY (2004) e GIVÓN (1996).

Cap. 3 – Os usos do MS no PB. Esse capítulo apresenta os resultados obtidos das análises, reunidos a partir das diferenças de uso do MS, segundo a GT (Gramática Tradicional) e contextos prescritivos para o MS nos quais ocorrem o MInd em diferentes contextos pragmático-discursivos.

Nas considerações finais, resgatamos nossos objetivos verificando se foram atendidos. Para tanto, retomamos menções e resultados apontados ao longo da dissertação, ressaltando os aspectos que consideramos relevantes no tocante ao tratamento do MS e da sua variação.

Nas referências bibliográficas, esta dissertação apresenta estudiosos que nos auxiliaram na escrita deste trabalho.

Nos anexos, disponibilizamos o *corpus* coletado em vários usos (oral e escrito), a fim de ser representativo do estudo que nos propusemos a realizar.

## CAPÍTULO I

### Tratamentos gramaticais dados por estudiosos brasileiros para o uso do Presente dos Modos Subjuntivo e Indicativo

---

---

Este capítulo apresenta uma revisão de tratamentos dados por autores brasileiros para a variação de usos do Presente do MS e, por vezes, de outros tempos do MS quando se fizerem necessários, tendo por ponto de partida um breve histórico do MS.

---

#### 1.1 Um breve histórico do MS

Em breve revisão histórica, pode-se dizer que a inflexão do modo Subjuntivo surge da necessidade de fazer compreender o que se quer. Na gramática de Port-Royal (1992 [1660]), a necessidade de expressar a alma, o espírito, está associada ao caráter condicionado do modo subjuntivo. Dessa forma tal gramática assemelha-se aos critérios nocionais e fonais definidores do Subjuntivo na norma padrão gramatical do Português.

Apresentamos, a seguir, as definições do modo Subjuntivo segundo alguns dos nossos gramáticos:

BUENO => Emprega-se o subjuntivo em orações dependentes de outras quando o seu fato verbal não é positivo, mas encerra desejo, súplica, incerteza, dúvida. (1963, p. 316).

BECHARA => SUBJUNTIVO - em referência a fatos duvidosos, prováveis, possíveis, etc. (1980, p. 104).

CEGALLA => O subjuntivo 'é o modo da possibilidade Usa-se para exprimir um fato possível incerto, hipotético, irreal ou dependente de outro. (1981, p. 377).

CUNHA => O SUBJUNTIVO, expressão de um desejo, apresenta o fato como possível ou duvidoso... (1978, p. 255).

MENDES DE ALMEIDA => O modo subjuntivo indica dependência também quando o fato é duvidoso ou indeterminado, sendo por isso chamado 'modo da possibilidade '. (1981, p. 226).

SAID ALI => O modo subjuntivo é próprio das orações principais optativas e das subordinadas em que se considera o fato como incerto e duvidoso... (1964, p. 166).

---

## 1.2 A contribuição de Mattoso Câmara Jr.

Mattoso Câmara Jr. (1956) diferencia o tempo e o modo. O autor propõe que o tempo e o modo põem o falante como ponto de referência daquele que enuncia. Nas línguas ocidentais modernas, o tempo passa a ser o centro do paradigma verbal, o aspecto passa a ser subsidiário e gramaticalmente exíguo. (MATTOSO CAMARA JR, 1956).

Segundo Mattoso Câmara Jr. (1956, p. 17), “houve uma ascensão e enriquecimento das formas temporais, a que corresponde, por sua vez, um empobrecimento e decréscimo das formas modais”.

Do ponto de vista diacrônico, desaparece também, o optativo, diluindo-se num subjuntivo mais amplo. O autor refere-se, ainda, a uma redução funcional do subjuntivo. Ressalta que, no alemão, o subjuntivo se restringe a um mero recurso de subordinação sintática. Entretanto, afirma que o caráter de enunciação dubitativa, não totalmente assertiva, ainda se mantém para o MS.

Apesar da subsistência do subjuntivo, Mattoso Camara (1956), relaciona-o a uma categoria conceitualmente “vaga e difusa”, que só ganha nitidez no contraste com o indicativo. Em outros termos, o autor assume a constatação do enfraquecimento do modo subjuntivo nas línguas ocidentais e a conseqüente elevação do indicativo à posição da forma modal por excelência.

Embora o imperativo se mantenha mais autônomo, o autor aponta uma tendência de substituição pelas formas indicativas. Cita o caso do português no Brasil que ao invés do uso das expressões: -me diga-, -me faça o favor-, -me passe uns cobres-, usa-se: -me diz-, -me faz favor-, -me passa uns cobres-.

Para Mattoso Câmara Jr., a multiplicidade dos modos formais tende a ser simplificada pelo indicativo como modo formal único. Isso não significa uma omissão linguística do falante em relação aos fatos que expõe, segundo o autor, mas, antes, seria um fator de natureza humana que o faz se envolver na exteriorização verbal. A forma como o falante se coloca faz com que exprima seu ponto de vista lexicalmente: o advérbio -talvez- para a dúvida; a locução -neste caso- para a hipótese etc. ou a insinuar-se nas formas indicativas sem retirar-lhes a fisionomia própria. (MATTOSO CAMARA JR., 1956, p.18).

Mattoso Câmara Jr. concorda com Alan Gardiner (GARDINER, 1932, 161-5 Apud MATTOSO CÂMARA JR., 1956, p. 19), quando este afirma que toda forma linguística tem função que pode parecer desconexa em virtude da possibilidade de uso metafórico. O autor cita Paul Garvin (GARVIN, 1954, 9 Apud MATTOSO CÂMARA JR., 1956, p. 19): “as unidades linguísticas têm séries gerais de significação antes do que significações pontuais”.

Apesar de as línguas ocidentais distribuírem as formas verbais nos planos paradigmáticos do tempo, do modo e da voz, o aspecto não ficou anulado; ele está muitas vezes na diferenciação léxica. Mattoso ressalta ainda a interferência do aspecto nas formas temporais. Indica também a interferência do modo na categoria do tempo. Apenas o presente está de acordo com a percepção objetiva, alcance específico do indicativo. O

passado e o futuro matizam-se de certos modais secundários, que tiram deles o caráter de asserção verdadeira. Tal variedade de usos, que leva, muitas vezes, a prevalecer MInd, justifica bem a frase de Cassirer (CASSIRER, p. 217, apud MATTOSO CÂMARA JR., 1956, p. 21): “o todo da consciência e seu conteúdo se distribuem, por assim dizer, em dois âmbitos: um brilhante, iluminado pela luz do “presente”, e outro envolvido na obscuridade”.

Ainda na linha das variações, Mattoso Câmara Jr. afirma que a intenção de dúvida, de potencialidade, de expectativa, de desejo, de volição na linguagem espontânea relaciona-se com o futuro. Sem tais intenções, o tempo futuro realiza-se pela forma do presente.

O autor cita Adelaide Hahn (HAHN, 1953 Apud MATTOSO CAMARA JR., 1956, p. 21), cuja tese afirma a derivação do subjuntivo e do optativo de formas futuras. Apresenta a visão de Fred Householder (HOUSEHOLDER, p. 391, Apud MATTOSO CAMARA JR., 1956, p. 21), que sustenta terem tido as formas subjuntivas, no proto-indo-europeu, um valor de predição confiante, de promessa ou de intenção, enquanto as optativas (futuro remoto) pressupunham uma espécie potencial.

Mattoso Câmara aponta que o Modo Subjuntivo ou Conjuntivo é o modo verbal que, desde do indo-europeu, foi destinado a assinalar:

...que o processo é apenas admitido em nosso espírito e, portanto, passível de dúvida, em oposição ao indicativo. Quando também traduz o desejo que o fato se dê, o Subjuntivo nas suas formas de presente tem valor de optativo (que nalgumas antigas línguas indo-europeias, como o grego e o sânscrito, formavam um modo especial) e se opõe ao imperativo, pela impossibilidade de ter o desejo caráter de ordem; ex.: “Natônio, tinhas prazer / lhe disse, gram brado” (CF. Epifanio, 1918, 202); como, porém, o imperativo só tem formas específicas de 2ª pessoa, singular e plural, nas outras pessoas, em

que se usa supletivamente o Subjuntivo desaparece a oposição entre optativo e imperativo. (1964, p. 326).

Mattoso Câmara já mostra o uso do Subjuntivo com função de imperativo. Todavia, não se refere ao contexto e este é muito importante para se diferenciar a dúvida da ordem nos termos do autor. Ainda acrescenta que, em Português, como nas demais línguas românicas, o Subjuntivo sofreu a interferência do Indicativo e só aparece em determinados tipos frasais.

Os tempos verbais desse modo compreendem Presente, Pretérito e Futuro, que se diferenciam entre si a partir do tempo da enunciação: (1) o presente e o pretérito de um lado e (2) de outro lado, o pretérito e o futuro. E os tempos da enunciação, por sua vez, são organizados gramaticalmente no verbo pelo modo.

Mattoso Câmara Jr. define o modo como a “propriedade que tem a forma verbal de designar a nossa atitude psíquica em face do fato que exprimimos”. (1964, p. 231). Consequentemente, a modalidade é vista como “a função lógica de exprimir a reação do sujeito pensante a sua representação” (MATTOSO CÂMARA JR., 1964, p. 231).

Segundo Mattoso Câmara, há modos verbais na Língua Portuguesa que são herança tradicional indo-europeia: (1) Indicativo em que asseguramos o fato; (2) Subjuntivo ou Conjuntivo, em que enunciamos um fato com dúvida ou desejo; (3) imperativo, em que queremos que um fato se dê. (MATTOSO CÂMARA JR., 1964, p. 231). Logo, a diferença entre os modos verbais é apresentada por um valor nocional.

Mattoso Câmara, embora sem bases teóricas funcionalistas para o uso efetivo da língua na comunicação, já apontava que o Presente MS muitas vezes é substituído pelo MInd. Constatamos, dessa forma, que o autor já assinalava para o uso do MInd a função

de atualizar o modo subjuntivo na interação comunicativa dos brasileiros. Frente à situação oscilante do emprego do MS, Mattoso Câmara a caracteriza como uma “servidão gramatical”, usada em determinados tipos de frases. Para ele, “servidão gramatical” é um termo que se aplica a fatos gramaticais meramente mórficos, sem correspondência com uma noção ou categoria gramatical. Na “servidão gramatical”, a forma particular não traz em si uma significação gramatical específica. Assim, em latim, a flexão de verbos depoentes era uma ‘servidão gramatical’ que se eliminou no latim vulgar. Em Português, muitas vezes a distribuição de masculino e feminino é uma “servidão gramatical”. Logo, o uso da flexão do Presente do MS é vista pelo autor como ‘servidão gramatical’, ainda que apresentada como variação mórfica do uso.

A causa diacrônica do uso do Presente do MS justifica o fato de Mattoso Câmara tê-lo considerado uma “servidão gramatical”, desde que se tenha uma visão panocrônica da língua. Nesse sentido, o uso do Presente do MS é um retardamento da evolução formal da língua em face da evolução semântica, provocada pela mudança na cultura. Dessa forma, pode-se entender a sua eliminação como uma adaptação linguística.

---

### **1.3 Gramáticos contemporâneos da LP**

Selecionamos três gramáticas contemporâneas da LP, a saber:

- *Nova gramática do Português contemporâneo* (CUNHA & LINDLEY CINTRA, 1985);
- *Gramática de usos do Português* (MOURA NEVES, 2011);
- *Gramática do PB* (CASTILHO, 2010).

Essas gramáticas foram selecionadas por serem contemporâneas e apresentarem tratamentos diferentes para os Modos Indicativo X Subjuntivo.

---

### 1.3.1 *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (CUNHA & LINDLEY CINTRA, 1985)

Cunha & Lindley Cintra (1985) apresentam o MS diferenciando-o do MInd. Para eles:

1. Quando nos servimos do MODO INDICATIVO, consideramos o fato expresso pelo verbo como *certo, real*, seja no presente, seja no passado, seja no futuro.

Ao empregarmos o MODO SUBJUNTIVO, é completamente diversa a nossa atitude. Encaramos, então, a existência ou não existência do fato como uma coisa *incerta, duvidosa, eventual* ou, mesmo, *irreal*. (...)

2. Em decorrência dessas distinções, podemos, desde já, estabelecer os seguintes princípios gerais, norteadores do emprego dos dois modos nas orações subordinadas substantivas:

1º O INDICATIVO é usado geralmente nas orações que completam os sentidos dos verbos como *afirmar, compreender, comprovar, crer* (no sentido afirmativo), *dizer, pensar, ver, verificar*.

2º O SUBJUNTIVO é o modo exigido nas orações que dependem de verbos cujo sentido está ligado à idéia de ordem, de proibição, de desejo, de vontade, de súplica, de condição e outras correlatas. É o caso por exemplo, dos verbos *desejar, duvidar, implorar, lamentar, negar, ordenar, pedir, proibir, querer, rogar e suplicar*. (pp. 453-454).

Os autores diferenciam a Nomenclatura Gramatical Portuguesa da Nomenclatura Gramatical Brasileira. A primeira emprega a designação CONJUNTIVO “do latim *Conjunctivus*”, e a brasileira, a designação SUBJUNTIVO “do latim, *Subjunctivus*, que serve para ligar, para subordinar”. (Cunha & Lindley Cintra, 2001, p. 466).

Como se pode verificar, os termos utilizados apresentam definições sintáticas, reforçadas pelas relações entre o MS e as orações independentes ou coordenadas, e em orações subordinadas.

Entretanto, embora os autores apresentem o MInd e o MS por meio de regras gramaticais, é clara a recorrência a verbos que contêm semanticamente modalidade, ou seja, atitudes de quem enuncia, ao ponto de considerarem a seleção verbal como responsável pela sintaxe no emprego do MS. Dessa forma, é a partir do enunciador que tratam sintaticamente o emprego do MS em orações independentes e subordinadas. Assim, o uso do MS em orações independentes pode exprimir, além das noções imperativas, outras noções semânticas. Os autores apresentam os seguintes valores semânticos para a enunciação (Cunha & Lindley Cintra 1985, pp. 454-455):

a) um desejo, um anelo:

**Chovam** hinos de glória na tua alma!  
(A. de Quetal)

Que as horas voltem sempre, as mesmas horas!  
(A. Meyer, P. 254)

b) uma hipótese, uma concessão:  
Seja a minha agonia uma centelha  
De glória! ...  
(O. Bilac, T, 197)

Que a tua música  
Seja o ritmo de uma conquista!  
E que o teu ritmo  
Seja a cadência de uma vida nova!  
(F.J. Tenreiro, OP, 62)

c) uma dúvida (geralmente precedido do advérbio *talvez*:  
Paula talvez lhe telefonasse à noite.  
(M.J. de Carvalho, PSB, 34.)

Um cachorro talvez **rosnasse** ou **mordesse**.  
(Adonias Filho, LBB, 101.)

d) uma ordem, uma proibição (na 3ª pessoa)

Que **levem** tudo no caixão:

A alma e o suporte!

(M. Torga, *P*, 126)

Que não se apague este lume!

(Meyer, *P*. 126)

e) uma exclamação denotadora de indignação:

Raios partam a vida e quem lá ande!

(F. Pessoa, *OP*, 316)

- Diabos te levem!

(F. Botelho, *X*, 198)

Ao tratarem do MS nas orações subordinadas, situam-no nas subordinadas substantivas, adjetivas e adverbiais.

Nas orações substantivas, Cunha & Lindley Cintra (1985) apresentam o uso do MS da seguinte forma (p. 456):

Usa-se geralmente o SUBJUNTIVO quando a ORAÇÃO PRINCIPAL exprime:

a) a vontade (nos matizes que vão do comando ao desejo) com referência ao fato de que se fala:

Não quero que ele me julgue sem pudor, uma mulher de prendas desoladas, nada tendo a defender.

(N. Piñon, *CC*, 145)

Em todo o caso, gostava que me considerasse um amigo.

(M.J. d, *AV*, 119)

b) um sentimento, ou uma *apreciação* que se emite com referência ao próprio fato em causa:

- Pior será que nos enxotem daqui...

(A. Peixoto, *RC*, 273.)

- Eu bem queria que tu fosses como empregado.

(Ferreira de Castro, *OC*, 1, 94)

c) dúvida que se tem quanto à realidade do fato enunciado:

Receava que eu me tornasse ingrato, que o tratasse mal na velhice.  
(A. Abelaira, NC, 14)

- Não acredito que ela chore aqui.  
(Autran Dourado, TA, 75)

Nas orações adjetivas, os autores (p. 457) apresentam o uso do MS pelo valor que essas orações exprimem, a saber:

O SUBJUNTIVO é de regra nas ORAÇÕES ADJETIVAS que exprimem:

a) um fim que se pretende alcançar, uma consequência:

Humana, mulher, a companheira tentava chama-lo a uma realidade que **reanimasse** fogueiras mortas, sonhos desfeitos.  
(M. Torga, NCM, 59.)

- Portanto, quero coisa de igreja, coisa pia, que dê gosto a um bom sacerdote, como é padre Estevão.  
(A. Callado, MC, 99)

b) um fato improvável:

Ainda que eu discordasse deles não diria nada para os não aborrecer, mas que sabia eu que pudesse contrariar essa opinião de amigos?  
(Machado de Assis, OC, I, 1081.)

Gerson saiu rapidamente, e durante bastante tempo não houve quem o convencesse a voltar lá.  
(A. Bessa Luís, AM, 139)

Tristão podia resolver esta minha luta interior cantando alguma coisa que me obrigasse a ouvi-lo.  
(Machado de Assis, OC, I, 1098.)

c) uma hipótese, uma conjectura, uma simulação:

Então não havia um direito que lhe **garantisse** a sua casa?  
(J. Lins do Rego, FM, 159.)

Estaria ali para dar esperança aos que tivessem perdido?  
(M.J. de Carvalho, AV, 138.)

Sonhara apenas com uma fazenda de gado onde pudesse viver no trato da criação, sentindo o cheiro da terra, o contato com a natureza, tendo a companhia de uma mulher (“Ah, Alzira” – suspirou) a quem amasse e com quem partilhasse de tudo isso.

(J. Conde C, 10.)

Nas orações adverbiais, Cunha & Lindley Cintra (pp. 458-460) propõem que o MS, conforme a regra, vem após as conjunções:

a) CAUSAIS, que negam a ideia de causa (*não porque, não que*):

Não que não *quisesse* amar, mas amar menos, sem tanto sofrimento.

(L. Fagundes Telles, DA, 107)

Eu deixei-me ir atrás daquela ternura, não que a compartisse, mas fazia-me bem.

(Machado de Assis, OC, I, 1124)

Foi a única coisa grandiosa da minha vida. Não porque me sentisse apaixonado, ela também não se apaixonara por mim.

(A. Abelaira, B, 49.)

b) CONCESSIVAS, (*embora, ainda que, conquanto, posto que, mesmo que, se bem que, etc.*):

O povo não gosta de assassinos, embora **inveja** os valentes.

(C. Drummond de Andrade, CA, 7.)

- Ainda que o morto se **chamasse** Adalardo, não seria o nosso.

(G. França de Lima, JV, 19.)

Se lhe tivessem dado ensino, encontraria meio de entendê-la.

(G. Ramos, V8, 47.)

Por muito que lhe desejasse ter aqui uma burra, não trocava de Barbaças por todas as burras desta freguesia.

(F. Namora, TJ, 165.)

c) FINAIS (*para que, a fim de que, porque*) :

Para que tudo retomasse a quietude inicial, e os Coelhos se resolvessem a vir gozar a fresca, seriam precisas horas, e então já não seria luz.

(M. Torga, NCM,64.)

Rubião não entendeu; mas o sócio explicou-lhe que era desligarem já a sociedade, a fim de que ele sozinho liquidasse a casa.

(Machado de Assis, OC, I, 670.)

d) TEMPORAIS, que marcam a anterioridade (*antes que, até que e semelhantes*)

- Vamos embora, antes que nos **veja**.

(Machado de Assis, OC, I, 1030.)

Deu para frequentar, pela manhã, a rua Erê e fica a conversar com Emilia até que eu me **levante**.

(A. Dos Anjos, DR, 183.)

Os autores tratam também do MS nas orações comparativas, condicionais e consecutivas, em razão de o MS ser o modo do eventual e do imaginário (pp. 459-460):

a) ORAÇÕES COMPARATIVAS iniciadas pela hipotética *como se*:

As pernas tremiam-me como se todos os nervos me **estivessem** golpeados.

(A. Castelo Branco, OS, I, 761.)

Cantavam os galos no poleiro como se fosse de madrugada.

(J. Lins do Rego, FM, 135.)

b) ORAÇÕES CONDICIONAIS, em que a condição é irrealizável ou hipotética:

Ó morte, dava-te a vida

Se tu lha fosses levar!...

(Guerra Junqueiro, S, 74.)

Se viesse o sol, tudo mudava.

(É. Veríssimo, LS, 138.)

c) ORAÇÕES CONSECUTIVAS que exprimem “simplesmente uma concepção, um fim a que se pretende ou pretenderia chegar, e não uma realidade” (Epifânio Dias):

- Que quer vomecê?- perguntou rudemente, de longe, interrompendo a marcha de modo que ela pudesse chegar até junto dele.

(F. Namora, TJ, 70.)

Pôs-lhe uma nota voluntariamente seca, em maneira que lhe apagasse a cor generosa da lembrança.

(Machado de Assis, OC, I, 1122.)

Os autores apresentam como substitutos do MS (p. 461):

1. O INFINITIVO. Comparem-se estas frases:

O professor mandou o aluno ler o romance

Exortava os companheiros a que continuassem a resistência – Exortava os companheiros a continuarem a resistência.

2. O gerúndio, principalmente nas orações condicionais. Comparem-se estas frases:

**Se seguisses** o caminho normal, chegarias primeiro

**Seguindo** o caminho normal, chegarias primeiro.

**Se andarmos** depressa, ainda o alcançaremos.

**Andando** depressa ainda o alcançaremos.

3. Substantivo abstrato. Comparem-se estas frases:

**Se tivesses voltado** serias bem recebido.

**Tua volta** seria bem recebida.

Acredito **que ele esteja inocente**.

Acredito em **sua inocência**.

4. Na construção elíptica. Comparem-se estas frases:

**Quer sejam ricos ou pobres, quer sejam brancos ou pretos**, são todos iguais perante a lei.

**Ricos ou pobres, brancos ou pretos**, todos são iguais perante a lei.

**Se fosse de ferro**, a ponte suportaria o peso.

**De ferro**, a ponte suportaria o peso.

Como se pode verificar pelos exemplos apresentados, os autores Cunha & Lindley Cintra seguem a organização e seleção de exemplos da gramática do uso padrão normativo, retirados de escritores literários portugueses e brasileiros, a partir de fragmentos textuais descontextualizados. Os escritores selecionados de ambos os países pertencem a escolas literárias de épocas diferentes. Raramente ocorrem

exemplos selecionados no uso oral, ainda que no padrão culto. Por essa razão, foram considerados por nós como gramáticos tradicionais formais, embora contemporâneos.

---

### 1.3.2 Gramática de usos do Português (Moura Neves, 2011)

Moura Neves (2011) aborda os usos do MS em sua gramática, relacionando este modo verbal a: (1) advérbios modalizadores; (2) orações subordinadas substantivas e (3) construções condicionais.

Para Moura Neves (2011, pp. 247-248), o grau de probabilidade está marcado nas escolhas que o falante faz ao formular seu enunciado. A autora relaciona o uso do MS ou do Futuro do Pretérito como as duas formas mais comuns de marcar menor grau de probabilidade, ou maior grau de incerteza. O uso do MI<sub>nd</sub> marca maior grau de certeza ou de probabilidade:

#### **Asseverativos relativos** (de eventualidade = acho que, é possível que)

O conteúdo do que se diz é apresentado como uma eventualidade, como algo que o falante crê ser possível ou impossível, provável ou improvável. Ele não se compromete com a verdade do que é dito, e, com isso, revela baixo grau de adesão ao enunciado, criando um efeito de atenuação:

*Ao caso de Pedro Nilson de Oliveira, TALVEZ seja possível aplicar a tese da inexperiência do candidato. (VEJ)*

O grau de probabilidade que o falante confere ao conteúdo de seu enunciado pode variar bastante, e a formulação reflete essas diferenças, de algum modo. As duas maneiras mais comuns de marcar menos probabilidade, ou seja, maior incerteza, são o emprego do **subjuntivo** ou do **futuro do pretérito**, além do emprego de outras marcas de eventualidade, como por exemplo, um **verbo auxiliar modal**.

*Agora aqui há um sossego cinzento e frio que TALVEZ seja meio triste, mas me faz bem. (B)*

**EVENTUALMENTE**, *poderia* testar o conhecimento teórico utilizado. (BF)

O nu **poderá POSSIVELMENTE** não ser casto, no restrito sentido do termo, mas jamais é imoral. (CRU)

No reverso, uma maneira de marcar maior grau de certeza ou de probabilidade é empregar, o **indicativo**.

Ela, **PROVAVELMENTE**, nem se **lembra** deles. (ACM)

Os três outros netos, Oswaldo, Fernando e Ricardo, estão viajando de carro para Recife e, **POSSIVELMENTE**, não **chegarão** a tempo para o enterro do avô. (OG)

O **advérbio TALVEZ**, por sua vez, tem como típica na construção com **subjuntivo**.

A marcha silenciosa ao lado do homem desconhecido **TALVEZ** não **significasse** outra coisa. (BH)

**TALVEZ tenhamos** entrado numa outra dimensão que tenha modificado o tempo. (BL)

É raro, e limitado a tempos verbais de valor pouco definido (como por exemplo, o pretérito imperfeito), o uso de **TALVEZ** com **indicativo**.

Ali, **TALVEZ**, **escrevia** para leitores de outros tempos ou nações. (ACM)

Mesmo nos casos de maior fixidez de emprego, entretanto, o falante dispõe de estratégias para imprimir ao seu enunciado o grau de certeza que melhor reflita sua intenção. Por exemplo, uma atenuação da incerteza elevada de **TALVEZ** pode ser obtida com a **focalização** desse elemento, por meio de **clivagem** com **é... que**, o que implica, aliás, o uso do modo **indicativo**.

*Tudo que vive (e é isso, **TALVEZ, que** divide as coisas vivas das coisas sem viva) é arbitrário.* (CT)

Ao tratar do modo de conexão das orações Substantivas, Moura Neves (2011, p.

334) discorre:

1.2 As **orações substantivas** constroem-se com **verbo** no **infinitivo** ou em um **modo finito**. Quanto ao modo de conexão, as **orações substantivas**:

- a) vêm introduzidas por uma **conjunção integrante** (**que**, em alguns casos pode estar elíptica), estando o **verbo**, nesse caso, sempre em uma forma **finita (indicativo ou subjuntivo)**

**QUE**

*Não surpreende **QUE** essa feira ocorra em nosso país.* (EM)

*Confesso **QUE** não me agrada usar violência.* (EL)

*Coitada, já não se lembrava mais de **QUE** ele está fora, em viagem.* (A)

**SE**

*Fiquei pensando se valia a pena viver.* (FR)

*Ontem Mariano me perguntou **SE** eu acreditava já ter sido outra pessoa numa vida anterior.* (FE)

*Não sei **SE**, ao passar por mim, me identificou.* (A)

Moura Neves classifica a oração subordinada substantiva objetiva direta como um subtipo funcional das orações completivas verbais (MOURA NEVES 2011, p. 344). A autora relaciona, como segue, o uso do MInd e MS nessas orações, (pp. 344-352):

Muito tipos de verbos se constroem com oração completiva direta.

- a) **Verbos de elocução**: são **verbos** introdutores do discurso.

Os verbos de elocução anunciam um discurso direto ou um discurso indireto. O discurso indireto constitui uma oração completiva, que pode ter as seguintes formas:

- **Conjunção que+oração** com **verbo** no **modo indicativo**

*Os médicos **disseram QUE** voltará a andar.* (HA)

*E **explicou QUE** a subversão **acaba** logo, até porque não era muita.* (SC)

Emerson **afirma QUE** as chances de ter de voltar a usar o velho F-5 **são mínimas** – mas existem. (REA)

Stokes (1965) **informa QUE** se **tem concluído**, em numerosos casos, que a testa e/ou o polícarpo reduzem a disponibilidade de oxigênio ao embrião... (TF)

O homem da flor **declarou QUE não era supersticioso**. (N)

# O verbo da oração completiva de verbos de elocução vem no subjuntivo quando se expressa injunção, isto é, quando se indica ordem, sugestão etc.

**Não digo QUE acredite em astrologia**. (MAN)

Seu pai **berrou QUE abandonassem** o serviço. (GT)

**Gritei QUE** o gaiteiro **tocasse** Saudades do Matão. (CE)

Alguns **verbos de elocução** expressam sempre **injunção**, e, por isso, constroem-se sempre com **oração completiva** no **subjuntivo**:

**Sugiro QUE procuremos ouvi-lo**.

**Ordenei QUE ocupasse** cadeira.

**Então lhe aconselhei QUE aceitasse** a luta.

b) **Verbos de atividade mental** (julgamento, opinião, crença etc.).

Os verbos de atividade mental (como **aceitar, achar, acreditar, admitir, calcular, compreender, considerar, certificar, crer, descobrir, duvidar, entender, fingir, ignorar, imaginar, pensar, prever, predizer, reconhecer, supor**) constroem-se com complemento oracional das seguintes formas:

• **Conjunção QUE+oração completiva** com **verbo** em forma **finita**

No modo **Indicativo**

**Não achas QUE estás** sendo injusto? (HP)

**Acredito QUE não serei preso**. (JA)

**Julgo** que não **sou capaz** de repetir, palavra por palavra, o diálogo que mantivemos. (A)

Por alguns momentos **penso QUE não chegaremos** ao pico, mas ninguém cogita desistir. (MAN)

Quando começar a fazê-lo, nós saberemos imediatamente. Mas **suponho QUE** não o fará. (BN)  
**Imagino QUE** não usarei nenhuma delas. (B)

### No modo subjuntivo

Não **creio**, mesmo, **QUE** o presidente **tenha participado** inicialmente da manobra. (TF)

Não **acredito QUE**, no terceiro mundo sobretudo, o Estado **possa** ser uma entidade ausente. (POL-O)

Não **julgo QUE** ele **esteja**, como disse, pregando no deserto. (DP)

Não **penso QUE seja** bom o Estado desembolsar dinheiro do Tesouro. (POL-O)

Primeiro **pensei QUE fosse** alguma performance de mágicos, depois **achei QUE fosse** uma daquelas brincadeiras de televisão, qual é a finalidade disso? (ESP)

Não **imaginei QUE fosse** do seu conhecimento. (Q)

### c) Verbos avaliativos factivos.

Os **verbos avaliativos factivos** caracterizam-se por expressar uma valiação do falante e, ao mesmo tempo, ter a propriedade de **factualidade**, isto é, ter o **complemento** assegurado sempre como um “fato”, seja afirmado ou seja negado o **estado de coisas** expresso na **oração principal**. São desse tipo os **verbos adorar, gostar, aprovar, detestar, censurar, reprovar, lamentar, deplorar, suportar, tolerar**.

Nessas construções, as estruturas de complementação são dos seguintes tipos:

- **Conjunção QUE+oração completiva** com **verbo** no **modo subjuntivo**; nesse caso os sujeitos dos verbos da oração principal e da oração completiva –sejam ou não expressos – não são correferenciais:

As crianças **adoram QUE** os pais **repitam** as histórias. (VEJ)

Não **gosto QUE atrapalhem** o pessoal da minha firma com pedidos bobos de auxílios infantis. (T)

Ele próprio [o profeta de Waco] se **definia** como o maior pecador de todos os tempos, **detestava QUE** o **chamassem** de Vernon e o FBI azucrinava-o recusando-se a chamá-lo de David. (VEJ)

Marta **lamentou** em espanhol **QUE** eu não **conhecesse** o México. (BH)

*Ela os aproveitou ao máximo. Mas não **lamenta QUE tenham acabado.*** (CH)

d) **Verbos Volitivos.**

Os **verbos** que exprimem “vontade” ou “desejo” constroem-se com **complemento** oracional das seguintes formas:

• **Conjunção QUE + oração completiva** com o **verbo** no **modo subjuntivo**. É a construção mais empregada quando o **sujeito** da **oração principal** e o da **oração completiva** não são correferenciais, caso em que o **sujeito** da **oração completiva** vem expresso:

***Prefiro QUE** você **tenha** outro namorado e **trabalhe.*** (MO)

*Os publicitários envolvidos não **pretendiam QUE** o objeto **fosse** apenas uma marca registrada do candidato.* (ESP)

***Receei QUE** ele **fosse** se zangar.* (ID)

*Eu **temia QUE** ela **fizesse** alguma asneira.* (TRH)

***Desejo QUE** o povo **confie** também.* (AP)

*E o que você **quer QUE** eu **faça?***

***Gostaria** também **QUE** me **contassem** tudo.*

***Espero QUE** tudo já **esteja** normalizado.*

Se o sujeito da **oração completiva** é correferencial ao da **oração principal**, ele não vem expresso:

*Mas agora é hora de retomar as coisas. Nos anos 60, o meu terror inspirou muita gente: Sganzerla, Capovilla. **Espero QUE** com isso que estou começando hoje, **influencie** a nova geração.* (ESP)

*Posto hoje no alto da gávea, **espero** em Deus **que** em breve **possa gritar** ao povo brasileiro: Alvissaras, meu Capitão.* (SIM-O)

# **A conjunção QUE** pode estar elíptica:

*Esta primeira reunião ministerial é o marco inicial de uma ação de equipe que **espero venha** a se estender, coordenada e*

*perseverantemente, por todo o nosso período governamental. (ME-O)*

*V. Exa. É humano, justo e generoso, e **espero** na **duvidará** em cooperar para o bem desta minha pátria. (TA-O)*

e) Verbos factivos e verbos de percepção.

Os **verbos factivos**, ou seja, de “fazer fazer” (**mandar, deixar, fazer**) e os **verbos de percepção** (**ver, ouvir, sentir**) compartilham propriedades construcionais. Eles podem ter como **complemento** uma **oração completiva direta**, sendo os **sujeitos** da **oração principal** e da **oração completiva** não correferenciais.

e.1) Os **verbos factivos** constroem-se das seguintes formas:

• **Conjunção QUE+oração completiva com verbo no modo subjuntivo**

***Mandei QUE** ela **trouxesse** o remédio. (BU)*

*Juvenília **deixou QUE** ela **trouxesse** o remédio. (AV)*

*Perdoe Eliodora e **deixe QUE** ela **morra** tranquila. (A)*

*Eu **fiz QUE** ele aqui se **renovasse**. (CF)*

*Paulinho **cuidou QUE** Cartola grande mestre no início de carreira nas noitadas do restaurante Zicartola, **chegasse** intacto no seu samba. (VIO)*

# Frequentemente a **oração completiva** do **verbo fazer** vem iniciada pela **preposição COM**, o que contraria as normas da gramática tradicional:

*Esse argumento **fez com QUE** ele dominasse a imperatriz. (FI)*

*Isso **faz com QUE** a realização do par não seja adjacente. (ANC)*

***Fazem com QUE** o som seja audível por toda a plateia. (CCI)*

*As botas de sete léguas **fizeram com QUE** madrugássemos na Academia. (COR)*

Segundo Moura Neves, a oração subordinada objetiva direta pode ser construída omitindo-se a conjunção **QUE**, chamada por ela de “complementador”. Nesse caso, o

verbo da matriz condiciona o verbo da oração subordinada. (MOURA NEVES, 2011, p. 355).

**Decidi Ø fosse estabelecido** um plano de aumento de consumo interno. (JK)

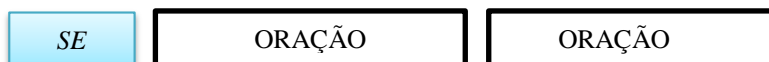
Mas mesmo selecionando o que **acredito Ø seja** o melhor, a Globo realiza uma minicobertura de fazer dó. (AMI)

**Pensei**, na ocasião, **Ø tivesse decidido** que, para melhor combater a corrupção, era necessário conhecê-la por dentro. (SC)

Decidi-me por um depoimento pessoal, que **espero Ø seja** de utilidade aos cidadãos menos atentos aos fatos ou que não disponham de um guia minucioso da cidade. (GTT)

Alguns verbos que podem reger uma objetiva direta sem a **conjunção QUE** são: **crer, pensar, acreditar, imaginar, compreender, duvidar, esperar, deduzir, concluir, supor, pretender, decidir, temer.**

Moura Neves (2011, pp. 829-830) afirma que podemos analisar as construções condicionais com base nas orações iniciadas pela conjunção – SE .



ou



Como em

**SE** Oração condicional **SE eu faço isso**  
Oração principal estou faltando a minha promessa. (PP)



- a) dada a realização do fato / a factualidade da **oração condicionante**, segue-se, necessariamente, a realização / a factualidade da **oração condicionada**:

*Se tudo está desse jeito, eu não posso confiar!* (PEM)

- b) dada a não realização / a não factualidade da **oração condicionante**, segue-se, necessariamente, a não realização / a não factualidade da **oração condicionada**:

*Pois olhe, SE o Natel tivesse escolhido o secretariado logo que saiu a indicação, a essas horas ele seria o governador eleito de São Paulo.* (BOC)

- c) dada a potencialidade da **oração condicionante**, segue-se a eventualidade da **oração condicionada**:

*Quer dizer que, SE eu chegar às nove, a revista vai vender de novo, os anunciantes vão voltar, vai se uma beleza!* (RE)

Para Moura Neves (2011 p. 836), são três os subtipos das condicionais: factuais / reais; contrafactuais / irreais e eventuais / potenciais.

A autora apresenta, como exemplos típicos das condicionais factuais/reais, as seguintes construções (p. 837):

*SE meus antepassados vieram, é claro que os deles vieram também.* (AC)

*Loteria, Padre, que história é esta, SE passo anos sem comprar sequer uma tirinha de bilhete de loteria?* (AM)

*SE não me encontrou no jornal, por que, ao chegar, não verificou se eu já estava em casa?* (AFA)

*Parabéns por quê, SE não faço anos; SE não sou prefeito; SE continuo a ser apenas aquilo que sempre fui e continuo a ser, isto é, um ninguém?* (AM)

Sobre as condicionais contrafactuais/irreais Moura Neves (2011, p. 840) exemplifica e comenta:

*SE a pergunta partisse de Irmã Flora, a resposta teria sido outra.* (CP)

*SE eu estivesse livre – repisou Raul – não tenho dúvida de que me casaria com ela, ainda que mamãe se zangasse.* (FR)

*SE Gil não tivesse feito as fotos, seria minha palavra contra a deles.* (ORA)

Mantêm-se, para as construções condicionais contrafactuais, a consideração de que a relação mais ampla expressa é o **fato** => **conclusão**. O que se observa, porém, é que essa relação conclusiva, diferentemente do que ocorre no caso das construções factuais, se dá com inversão da **polaridade** da **prótase** e da **apódase**.

Sobre os exemplos apresentados, Moura Neves (2011, pp. 841-842) discorre:

Como se pode observar, a **contrafactualidade** da primeira das três construções ilustradas é assegurada na própria indicação **modo-temporal** da **apódase**, pelo **futuro do pretérito composto** (teria sido), que é, na verdade, uma forma passada: dizer que, em dependência de uma determinada condição, “*alguém não teria / teria feito algo*”, é necessariamente dizer que “*alguém não fez / fez algo*”. Assim, mesmo que os interlocutores não soubessem de antemão que “*a pergunta não partiu de Irmá Flora*”, só pelo “*teria sido*” a construção se garantiria como **contrafactual**, isto é, estaria garantido que a pergunta não partiu dela.

Já na segunda dessas construções, verifica-s que, com **apódase** em **futuro do pretérito simples** – que é, realmente, um **futuro** (me casaria) – e estando a **prótase** em **imperfeito do subjuntivo** (estivesse), as indicações morfológicas apenas assinala uma **contrafactualidade possível**. Para que a contrafactualidade seja assegurada, isto é, para que a leitura seja inequivocamente **contrafactual**, é necessário que o confronto entre o conteúdo da **proposição** e o **contexto**, ou o conhecimento de mundo partilhado, assim o permita. Desse modo, na construção em exame, o que garante a contrafactualidade é a porção de texto anterior, na qual o falante afirmara que *não estava livre para casar-se: “estou nas vésperas de noivar oficialmente e não posso romper o compromisso”*.

Por outro lado, a contrafactualidade da construção é garantida, independentemente de qualquer assecuração do **contexto** e de qualquer informação prévia, se a **prótase** estiver no **pretérito-mais-que-perfeito do subjuntivo** (seja simples, seja composto o **futuro do pretérito** da **apódase**). É o que se pode observar na terceira das ocorrências. O pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo (*tivesse feito*) por si só garante que a condição não foi satisfeita: ao dizer-se “*SE Gil não tivesse feito as fotos*”, o que se é que “*Gil fez as fotos*”; a partir daí, ao dizer-se, na **apódase**, “*seria a minha palavra contra a deles*”, o que se afirma é: “**não** é a minha palavra contra a deles”, ou seja, afirma-se que aquilo que está expresso na **apódase** não constitui um fato.

Assim, com uma **prótase** no pretérito-mais-que-perfeito do subjuntivo, deixa-se de enunciar uma mera hipótese, que poderia, ou não, ser falsa (falsidade provável), mas – pela evidência de um tempo passado

– se garante a contrafactualidade das proposições postas em relação de condicionalidade.

Moura Neves (2011, p. 842) diz sobre as condicionais eventuais / potenciais e exemplifica:

Dizem-se **eventuais** as construções **condicionais** cuja **prótase** repousa sobre a eventualidade; o enunciado da apódase, no caso, é tido como certo, desde que **eventualmente** satisfeita a condição enunciada:

*SE seu Raul deixar eu mostro.* (FR)

*Você sabia que SE sair daqui não aranja um emprego nem para ganhar a metade do que você ganha?* (RE)

*SE o total de pedidos empatasse com mo volume de produção, a receita da empresa seria suculenta.* (AGF)

*UMA VEZ QUE essa premissa seja absorvida, a política degenera numa função correlativa à administração empresarial.* (IS)

Como se pode verificar, Moura Neves (2011) organiza sua gramática a partir dos itens lexicais e gramaticais da língua Portuguesa. Segundo a própria autora, a partir dos usos em textos reais, vai desvendando os itens constituintes da sua gramática. (MOURA NEVES, 2010, p. 13).

Observamos que os exemplos dados, em sua maioria, são retirados de textos mais monitorados, crônicas, revistas, jornais, textos literários de escritores brasileiros contemporâneos, também a partir de fragmentos textuais descontextualizados. Raramente ocorrem exemplos selecionados no uso oral, ainda que no padrão culto. Por essa razão consideramos a autora, pelas fontes de exemplificação, embora funcionalista, mais conservadora, pois mantém a classificação sistêmica e as funções tratadas são relativas à estrutura.

---

### 1.3.3 Nova Gramática do Português Brasileiro (CASTILHO (2010))

Castilho (2010) aborda o MS em sua gramática relacionando esse modo verbal às sentenças imperativas e às orações subordinadas substantivas, adjetivas e adverbiais.

Ao tratar das sentenças Imperativas, Castilho (2010 pp. 327-328) diz:

A imperativa direta ocorre quando o locutor ocupa uma posição socialmente superior ao interlocutor, surgindo assim sentenças nucleadas por verbos ou por advérbios:

(29)

- a) *Vaza! Some! Dá o fora! Caí fora!*
- b) *Ponha-se na rua! Desapareça! Deite-se! Ajoelhe!*
- c) *Saindo, saindo! Circulando! Andando! Direita, volver!*
- d) *Vai saindo! Pode ir andando! Pode sair!*
- e) *Para fora! Para dentro!*
- f) *Já! Agora! Agora mesmo!*
- g) *Já para dentro, agora mesmo!*

As seguintes estruturas sintáticas ocorrem nas imperativas diretas:

1. Predomina o sujeito elíptico, certamente devido à presença de se referente no ato de fala.
2. O verbo conjugado no imperativo, no subjuntivo, no indicativo (29a a 29c), no gerúndio ou no infinitivo, usados sozinhos ou em perífrases (29c a 29d).
3. Preposição seguida de advérbio (29e).
4. Advérbio sozinho (29f a 29g) ou preposicionado.

Observa-se nos exemplos anteriores que o locutor deseja imprimir ao seu interlocutor uma ação ou movimento (29a a 29d), uma mudança de sua localização no espaço (29e), no tempo (29f) ou em ambos (29g).

Mas se o locutor e interlocutor compartilharem a mesma situação social, a estratégia será partir para um ato de fala perlocutório, sugerindo, aconselhando, ponderando:

(30)

- a) *Pense deste modo...*
- b) *Leve em consideração esta possibilidade...*
- c) *Eu seu lugar eu agiria assim...*

Castilho (2010, p. 328) relaciona o uso do MS às sentenças Imperativas indiretas, como segue:

Invertendo-se a relação social entre o locutor e o interlocutor, temos a ordem indireta, ou seja, o pedido, surgindo sentenças complexas, como em:

(31)

- a) *Eu lhe peço que fique lá fora.*
- b) *Eu queria que o senhor saísse.*
- c) *Eu gostaria que o senhor entrasse.*
- d) *Eu quero que você faça isso para mim.*

As seguintes estruturas sintáticas ocorrem nas imperativas indiretas:

1. O sujeito expresso na sentença matriz e elidido na sentença encaixada (31a).
2. O verbo da matriz vem conjugado no indicativo presente, no imperfeito e no futuro do pretérito, este considerado forma de cortesia (31c).
3. O verbo da encaixada vem no subjuntivo, no estilo formal, observando-se uma correlação de tempos com o verbo da matriz: presente-presente em (31a), imperfeito-imperfeito em (31b), futuro do pretérito-imperfeito em (31c).

No estilo informal, o indicativo pode aparecer em lugar do subjuntivo:

(31')

- d) *Eu quero que você faz isso para mim.*

A forma do imperativo bate em retirada no PB, dando-se preferência ao indicativo e, secundariamente, ao subjuntivo. Esta constatação tem sido frequentemente tematizada na literatura.

Faracco (1986) mostra que as formas do indicativo implicam numa relação de intimidade, informalidade, ao passo que as formas do subjuntivo ocorrem quando há uma assimetria na interação, implicando numa relação de formalidade. No PB do Sul, Sudeste e Centro-Oeste, o indicativo substitui progressivamente as formas de imperativo e de subjuntivo, sobretudo em contextos em que ocorre *você*, como em (31d').

Para Castilho (2010, p. 355), o MS é o modo dos vários tipos de orações subordinadas. Com relação ao PB, o autor discorre:

É singular que o português brasileiro tenha preservado um traço de sinteticismo: a marcação da subordinação através dos morfemas {-e/ - a} do subjuntivo {-r, -do/ - to, -vogal nasal + do} das formas nominais, respectivamente, infinitivo, participio e gerúndio, Neste caso, estamos falando das subordinadas reduzidas, descritas em 9.2.4. (CASTILHO 2010, p. 355).

O autor, após analisar propriedades sintáticas diversas, concluiu existir três tipos de subordinadas: as substantivas que guardam uma relação argumental com a matriz; adjetivas e adverbiais que guardam uma relação adjuncional com a matriz.

O verbo como predicador, que denota uma ação, requer três participantes: um agente, um tema e um destinatário. Esses três elementos são chamados de “argumentos”. As substantivas compõem a “estrutura argumental” e complementar requerida pelo verbo da matriz. As adjetivas e adverbiais, orações adjacentes à matriz, não fazem parte dos ‘argumentos’ requeridos pelo verbo.

Assim, há orações que podem funcionar como complementos, e outras, como adjunto. Tradicionalmente, as substantivas funcionam, em geral, como complementos, e as adjetivas e adverbiais, como adjuntos.

Ao analisar as orações subordinadas substantivas pelas propriedades lexicais da sentença matriz, Castilho (2010, p.357) apresenta as sentenças:

Para uma descrição sistemática das substantivas, vejamos inicialmente os seguintes exemplos:  
(62)

a) Ordenei **fechar a porta**.

- b) Ordenei **que fechassem a porta**.
- c) Começa **que não sei onde isso vai parar**.
- d) É preciso **que todos entendam o seguinte...**
- e) Parece **que eu não sei, sô**.
- f) Luís descobriu **que pólvora queima**.
- g) Eu acho **que não vai mais para de chover**.
- h) Gosto **de que ele tenha essas companhias**.
- i) Não há necessidade **de que você se preocupe**.

Observando as sentenças complexas anteriores, notamos que (1) verbos e substantivos organizam a sentença matriz, (2) a subordinada pode ter o verbo em forma infinitiva ou em forma finita, (3) elas desempenham uma função argumental, posicionando-se em geral após a matriz, (4) há uma correlação modo-temporal entre o verbo da matriz e o verbo da subordinada, (5) a matriz modaliza a subordinada. Essas rápidas observações permitem organizar o estudo das substantivas, de acordo com a proposta multissistêmica desta gramática.

A partir das considerações acima, o autor passa a analisar as propriedades lexicais da sentença matriz:

As seguintes classes de palavras organizam a sentença matriz:

1. Verbos impessoais e estruturas formadas por ser + adjetivo especificam uma sentença subjetiva, como em (62c) a (62e).
2. Verbos transitivos diretos especificam uma sentença objetiva direta, como em (62f) e (62g). Sendo o português uma língua basicamente nominativa-acusativa, as objetivas diretas pre-dominarão numericamente sobre as outras. As gramáticas relacionam os seguintes verbos que operam na matriz das objetivas diretas:
  - Verbos declarativos: *dizer, declara, informar, fazer saber, comentar*.
  - Verbos evidenciais: *pensar, raciocinar, supor, achar*.
  - Verbos volitivos e optativos: *querer, desejar*. A negação desses verbos implica na negação da subordinada: “não quero que você venha” significa “quero que você não venha”.
  - Verbos causativos: seu sujeito é o causador do estado de coisa expresso na subordinada: *deixar, fazer, mandar, conseguir*.
  - Verbos de inquirição: *perguntar, indagar*, com conjunção *se*.
  - Verbos avaliativos: *lamentar, adorar, sentir*. Sua negação não implica na negação da substantiva. “Não gosto de falte” não implica na negação de “você faltar”.
3. Verbos transitivos oblíquos como gostar, em (62h).
4. Substantivos e adjetivos transitivos oblíquos: a substantiva pode funcionar igualmente como um complemento nominal, sempre preposicionada, como em (62i). Completivas nominais ocorrem com

substantivos deverbais tais como *necessidade, preocupação, impressão* e com adjetivos tais como *ciente, consciente* etc. Gonçalves/Souza/ Galvão (2008: 1068) mencionam as seguintes expressões nominais em que encaixam as substantivas.

aspectuais (*acostumado, habituado*), de modalidade deôntica orientada para o agente ou para o evento (*apto, capacidade, capaz, condição, possibilidade, oportunidade, obrigação*), avaliativos (*dificuldade, facilidade, problema, besteira*), de modo/maneira (jeito, modo, maneira, forma), anunciativos (*fato, assunto, negócio, conceito*), finalidade (*finalidade*) e de manipulação (*forçado, impelido, obrigado*).

Verbos declarativos têm admitido a preposição de antes da conjunção integrante, dando lugar a substantivas diretas preposicionadas:  
(62')

- a) Disse **de que não sabia nada**.
- b) Afirmo **de que não sou o criminoso** que vocês procuram.

(CASTILHO 2010, p.358)

Para Castilho (2010 p.366), as orações subordinadas adjetivas ou relativas “são sentenças encaixadas num sintagma nominal”.

Como complementadoras dos sintagmas nominais, descritos no capítulo “O sintagma nominal”, é claro que as adjetivas podem encaixar-se em qualquer expressão-núcleo desse sintagma, aí incluída a categoria vazia, assinalada abaixo por  $\emptyset$ :

(82)

- d) E eu **que não tinha nada com aquilo** quase apanhei.
- e) Isso **que você me disse** não faz o menor sentido.
- f) O  $\emptyset$  **que passou, passou**.
- g) Tudo **que eu queria dizer** já foi dito.
- h) Aquele  $\emptyset$  **que disse o contrário** vai apanhar.
- i) Os nossos  $\emptyset$ , **que não contavam com essa declaração**, trataram de cair fora.

As adjetivas são introduzidas por pronomes relativos, que integram uma classe fechada, a saber: que, qual, cujo, quanto, onde.

As orações Subordinadas Adverbiais, conforme Castilho (2010, p. 372), funcionam como complementos, fornecendo informações adicionais ao verbo da sentença matriz:

(93)

- a) *Ficarei porque Maria vem.*
- b) **Se Maria vier eu fico.**
- c) *Ficarei quando Maria vier.*
- d) *Ficarei para que Maria venha.*
- e) *Ficarei, embora Maria venha.*
- f) *Ficarei mais tempo do que Maria pensa.*
- g) *Ficarei tanto tempo que Maria se chateará.*
- h) *Maria falou alto, como costumava fazer.*
- i) *Inscrevi-me entre os pretendentes a Maria, à medida que ela os chamava para o teste.*

O autor detalha a tipologia dessas orações a partir da tradição gramatical (Castilho 2010 p. 372):

- . Causal (93a): a adverbial expressa uma causa para ficar.
- . Condicional (93b): a adverbial submete *ficar* a uma condição.
- . Temporal (93c): a adverbial localiza *ficar* no tempo.
- . Final (93d): a adverbial estabelece uma finalidade para *ficar*.
- . Concessiva (93e): a adverbial contraria a expectativa criada por *ficar*.
- . Comparativa (93f): a adverbial compara a duração de *ficar* a *pensar*.
- . Consecutivas (93g): a adverbial expõe uma consequência de *ficar*.
- . Conformativa ou modal (93h): a adverbial modula *ficar*.

Para Castilho (2010), dentre as orações subordinadas adverbiais as condicionais, temporais e causais têm sido as mais estudadas. O autor cita Neves/Braga (NEVES/BRAGA 1998: 197 Apud CASTILHO 2010, p.373), para quem essas orações “partem da escala de unidirecional da gramaticalização para estabelecer que causa e condição são bem gramaticalizadas”.

Com relação às condicionais, Castilho, que parte da classificação tradicional, apresenta os três tipos semânticos de relacionamento entre a condicionante (prótase) e a condicionada (apódase). O autor descreve cada um desses tipos abaixo (CASTILHO 2010 p. 375):

1. Condicionais real ou factual: o enunciado da prótase é concebido como real, e em decorrência disso o enunciado da apódase é tido como uma consequência necessária, igualmente real. Essas condicionais remetem para o mundo do já sabido, e geralmente apresentam o esquema [se + indicativo/indicativo].

2. Condicionais eventuais ou potenciais: a prótase é eventual, e a apódase confirma a hipótese anterior desde que seja satisfeita a condição verbalizada na prótase. As condicionais eventuais representam o mundo epistemicamente possível: Gryner (1990). O esquema habitual é [se + subjuntivo / indicativo].

3. Condicionais contrafactuais ou irreais: a prótase encerra uma afirmação falsa, contrária à realidade. Temos aí o esquema [se + subjuntivo/forma em *-ria*]

Frente ao que foi apresentado, Castilho (2010) é considerado, por ele mesmo, um funcionalista multissistêmico com visão cognitiva. Sendo assim, a seleção de seus exemplos apresenta falas coloquiais orais e escritas.

O autor mostra a tendência de variação de usos do MS pelo MInd e fortalece suas constatações citando diversos trabalhos de pesquisa que tratam dessa variação: “entre outros Scherre (2004, 2007), Paredes Silva/ Santos/ Ribeiro (2000) e Henrique Braga (2008)”. (CASTILHO 2010, p.440).

Em síntese, desde Mattoso Camara Jr. a variação de uso do MS vem ocorrendo no PB. Os gramáticos do uso da LP no Brasil, apresentados neste capítulo, tratam dessa variação a partir das funções de fala em ocorrência, indo de uma visão mais conservadora privilegiando o sistema, percorrendo uma visão menos e mais moderada.

## **CAPÍTULO II**

### **Quadro Teórico**

---

---

Este capítulo reúne as bases teóricas que orientaram nossas análises. Apresentamos as contribuições do “funcionalismo linguístico” e a teoria de “mundos possíveis”. Como o funcionalismo apresenta diferentes vertentes, delas foram selecionadas as posições de HALLIDAY (2004) e GIVÓN (1993).

---

#### **2.1 A passagem dos estudos do sistema para o uso efetivo da língua**

Quando a atenção dos linguistas se voltou para o uso efetivo da língua, ocorreu uma mudança de rumo nos estudos gramaticais. Anteriormente, a língua era vista como conjuntos de sentenças cuja função primária seria a expressão do pensamento.

A própria noção de competência proposta por Chomsky nos anos 50 está situada na dimensão da sentença, pois é definida como a capacidade de produzir, interpretar e julgar sentenças. Durante o gerativismo, o enfoque da competência tem prioridade sobre o estudo do desempenho. Todavia, a gramática da competência proposta por Chomsky é relativa ao saber interiorizado de um falante ideal, abstrato. Logo, o estudo das sentenças e sua sequenciação foi realizado independentemente do contexto em que ocorre, pois este é relativo ao desempenho.

O gerativismo privilegiou as noções de inatismo e de universais linguísticos: a aquisição da língua inata e os universais linguísticos são suas propriedades inatas do

organismo biológico e psicológico dos homens. Além disso, devido à teoria componencial chomskiana, a sintaxe é autônoma em relação à semântica.

Tanto os postulados estruturalistas, relativos à descrição do sistema visto fora do uso, quanto os postulados do gerativismo indicados acima, não foram suficientes para poderem analisar, descrever e explicar o uso efetivo da língua por um falante dotado de intenções e situado em um determinado grupo social, atuando em um determinado contexto de produção, de forma a interacionar-se comunicativamente em sociedade, segundo Martelotta (2011, p. 42/46).

O século XX, principalmente a segunda metade, é caracterizada por uma mudança nos estudos linguísticos. É o momento em que se instaura o funcionalismo.

Segundo essa vertente, a língua é vista como instrumento de interação social e a função primária da língua é a comunicação. Dessa forma, a competência linguística não é mais um conjunto de regras gramaticais fixas e ordenadas, visto que é substituída pela competência comunicativa, pela habilidade de conduzir a interação social por meio da língua. Em outros termos, a competência comunicativa é vista, pelos estudos funcionalistas, como um saber fazer com a língua para se obter com sucesso a interação comunicativa em sociedade. (NEVES, 1994).

Logo, o estudo do sistema linguístico passa a ter lugar no interior do sistema de usos linguísticos, e a descrição dos elementos linguísticos de uso de uma língua necessita do contexto em que ocorrem. E então, os universais linguísticos, que são especificações inerentes às finalidades da comunicação, à constituição dos papéis sociais dos usuários da língua e aos contextos em que a língua é usada, passam a ocupar um lugar de destaque no conhecimento da língua, e a pragmática, vista como o estudo

de seu uso efetivo, vem participar da ciência linguística, caracterizada, então, como pragmática-discursiva.

O funcionalismo necessita, assim, de um conjunto de subteorias retiradas das ciências cognitivas e das ciências sociais, passando a compor um papel central na determinação das estruturas e dos sistemas que organizam a gramática de uma língua. Essas estruturas não são fechadas e não podem ser definidas por regras ordenadas e necessárias, visto estarem em constante dinamismo e modificação e as regras serem vistas como optativas e seletivas, dependendo da interação comunicativa em um determinado contexto. Por essa razão, a língua é vista em uma pancronia e não apenas em uma sincronia.

A perspectiva dos estudos sincrônicos é a análise da língua em um recorte no tempo. Os estudos diacrônicos concentram-se no eixo histórico apresentando a evolução da língua. Os estudos pancrônicos, perspectiva de estudo mais completo, unem as duas visões anteriores.

---

## **2.2 O funcionalismo linguístico**

As duas grandes correntes do pensamento linguístico são o “formalismo” e o “funcionalismo”. Primeiro, a língua é um conjunto de enunciados, de fatores psicológicos relacionados à competência, responsável pela produção e avaliação da gramaticalidade dos enunciados. A avaliação das orações independe do contexto de produção, e a sintaxe não tem nenhuma relação com a semântica e a pragmática.

No funcionalismo, a língua é tida como instrumento de interação social; a competência comunicativa relaciona-se com o psicológico, resultando na capacidade de interagir por meio da linguagem. O contexto influencia o uso, e as descrições das expressões linguísticas, bem como a sintaxe e a semântica devem ser estudadas no funcionamento do discurso. Portanto, a função das formas linguísticas tem papel preponderante na análise, enquanto no formalismo a ênfase na forma vem em primeiro plano e a função seria secundária.

Segundo Dirven & Fried (DIRVEN & FRIED 1987, Apud M. H. DE MOURA NEVES 1997), o desenvolvimento do pensamento funcionalista pode ser acompanhado na evolução dos estudos nas seguintes escolas: Escola de Genebra (Sausurre, Bally e Tesnière que influencia Helbig e Martinet); Escola de Praga (com Mathesius e, a seguir, Trubetzkoy, Jakobson, Danes, Firbas, Vachek, Sgall etc.); Escola de Londres (Firth e, em seguida, Halliday) e o grupo da Holanda (Reichling e, a seguir, Dik).

Sintetizando o pensamento das teorias funcionalistas, cabe citarmos Martinet (MARTINET 1978, Apud M. H. DE MOURA NEVES 1997), para quem o principal interesse da linguística seria determinar como as pessoas conseguem comunicar-se por meio de língua, noção que complementa posteriormente com o que “deve constantemente guiar o linguista”, ressaltando que nada mais é do que sua “competência comunicativa” (MARTINET 1994, p.14 apud M. H. DE MOURA NEVES 1997).

Toda a abordagem funcionalista, então, está interessada em verificar como os falantes de uma língua se comunicam com eficiência, e o objeto de análise dessas teorias está claramente relacionado à competência comunicativa.

Desde a Escola Linguística de Praga, na década de 30 do século passado, as discussões ocorrem em torno da função da linguagem, ou seja, como sua função se verifica na sociedade que, então, prevê o propósito do uso e a intenção do usuário na aplicação de estratégias linguísticas.

O estudo da função dentro da situação de fala considera um contexto social, em que a linguagem está a serviço das camadas sociais. Tal constatação leva os linguistas de Praga a considerarem necessária uma língua institucionalizada, porém flexível a ponto de atender às necessidades comunicativas. Esses pressupostos funcionais da Escola de Praga influenciam as tendências funcionalistas difundidas e diversificadas na década de 70.

Nichols (1984 p.102-103) apresenta três orientações funcionalistas que abordam correlações distintas entre o formalismo e o funcionalismo.

(4) (a) O tipo conservador meramente prevê a inadequação de um enfoque estritamente formalista ou estruturalista, sem propor uma nova análise da estrutura. (b) O tipo moderado não apenas aponta a inadequação de uma análise formalista ou estruturalista, porém propõe uma análise funcionalista da estrutura, substituindo a abordagem inerentemente formal ou estrutural. (c) O funcionalismo extremo nega, de uma maneira ou outra, a realidade da estrutura pela estrutura. Propõe regras baseadas inteiramente na função e, por esta razão, não há condicionamentos puramente sintáticos; a estrutura é apenas codificada pela função.

---

### **2.3 A linguística centrada no uso**

Para Martelotta (2011), a abordagem centrada no uso considera a relação entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem dela em contextos reais de

comunicação, ou seja, a análise linguística nessa abordagem considera aspectos semânticos, pragmáticos e discursivos. (MARTELOTTA 2011, p.56)

Nos aspectos linguísticos considerados, o autor ressalta os processos cognitivos envolvidos na apreensão da experiência: a captação dos dados, a compreensão, o armazenamento na memória e a capacidade de organização, acesso, conexão, utilização e transmissão desses dados. Tais processos só ocorrem na interação, revelam a mente do falante tanto no seu aspecto individual quanto inserido em um contexto cultural. (MARTELOTTA 2011, p.56),

Segundo o autor, a visão dicotômica entre competência e desempenho, proposta por Chomsky, não é válida para a abordagem centrada no uso, cujos eventos é que fomentam a formação e o funcionamento do sistema linguístico interno do falante. O processamento mental e a constituição da estrutura acontecem concomitantemente ao uso que ele faz da língua. (MARTELOTTA 2011, p.58).

Para esse autor, os eventos de uso desempenham um duplo papel no esquema comunicativo: não se referem apenas ao sistema linguístico do falante, mas fornecem também o *input* para o sistema de outros falantes. Assim, os mecanismos estabelecidos no uso promovem alterações e extensões nas expressões linguísticas, representando o caráter dinâmico e emergente do sistema de adaptação das habilidades cognitivas humanas aos diferentes eventos comunicativos.

Para a abordagem centrada no uso, segundo Martelota (2011), a habilidade inata da linguagem humana está associada a outras habilidades cognitivas. Para o autor, os linguistas do uso relacionam a sintaxe aos fenômenos de natureza semântica ou discursiva e à pragmática. Veem a sintaxe como uma estrutura a serviço do discurso,

entendendo-se por discurso como o uso criativo da língua nos diferentes contextos de comunicação, que nesse sentido, é entendida como uma atividade compartilhada entre interlocutores que buscam uma compreensão mútua.

Dessa forma, não há uma gramática pronta que forneça todo o material que o falante precisa para se expressar, como afirma Martelotta (2011):

...o processo de trans/formação de uma língua, ou, mais especificamente, a gênese das estruturas morfossintáticas que caracteriza as sentenças possíveis de uma língua resulta da atuação de fatores de regularização e unificação ao lado de fatores de criação e inovação. (p. 58)

Para esse autor, as regras gramaticais refletem a criatividade humana e não são apenas de natureza sintática. Assim, se gramáticas estão sempre emergindo, as regras que regulam o sistema linguístico sempre se adaptam às novas situações contextuais que, por sua vez, influenciam nas escolhas do falante.

---

## **2.4 A gramaticalização**

Para falar de “gramaticalização”, não podemos deixar de retornar às duas grandes vertentes teóricas que resultam, principalmente, nas respectivas concepções sobre a gramática.

Para os formalistas, a gramática está geneticamente constituída no homem e é representada por um conjunto de regras lógicas e mentalmente pressupostas no discurso, disso decorrendo a concepção de que é dele separável e de que o precede.

O modelo formalista considera a gramática como uma entidade estática, armazenada em sua totalidade na mente do falante e, portanto, constitutivamente atemporal, sincrônica e homogênea.

Para os funcionalistas, ao contrário, a gramática é uma entidade *a posteriori*, organizada por um conjunto de regras observáveis nos usos linguísticos que emergem no discurso.

Em uma perspectiva funcionalista, a mudança acontece em virtude do próprio pressuposto de que as línguas são sistemas flexíveis, heterogêneos, constantemente moldados não só pelas exigências comunicativas dos usuários, assim como pela necessidade de organização do discurso.

Essa nova visão impactou a abordagem gramatical e culminou em novas maneiras de trata-la como a da gramática emergente assim definida por Hopper (1998, p. 156):

The notion of Emergent Grammar is meant to suggest that structure, or regularity, comes out of discourse and is shaped by discourse in an ongoing process. Grammar is, in this view, simply the name for certain categories of observed repetitions in discourse. It is hence not to be understood as a prerequisite for discourse, a prior possession attributable in identical form to both speaker and hearer. Its forms are not fixed templates but emerge out of face-to-face interaction in ways that reflect the individual speakers' past experience of these forms, and their assessment of the present context, including especially their interlocutors, whose experiences and assessments may be quite different. (Hopper, 1998, p. 156).\*

---

\* Em tradução livre: "A noção de Gramática Emergente significa que a estrutura, ou regularidade, vem do discurso e é moldada por ele em um processo contínuo. Nesse sentido, gramática é simplesmente o nome de certas repetições de categorias observadas no discurso. A gramática não é um pré-requisito para o discurso. Suas formas não são fixas e emergem da interação face-a-face, no sentido de que refletem a experiência individual passada que os falantes têm dessas formas, e sua avaliação no contexto atual, incluindo especialmente seus interlocutores, cujas experiências e avaliações podem ser bem diferentes. "

Segundo Martelotta (2011 p. 91), a teoria da gramaticalização se desenvolveu com os estudos da linguística funcionalista, a partir da década de 1970. O autor, com base nos estudos linguísticos, cita alguns dos principais teóricos: Bernd Heine, Tania Kuteva e Christian Lehmann e, apoiado nas pesquisas desenvolvidas por esses neogramáticos, define gramaticalização como:

...um processo de mudança linguística unidirecional, segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais”. (Martelotta 2011, p. 92).

Essa unidirecionalidade instaura-se nos cinco níveis linguísticos em que a gramaticalização, poderá ocorrer: o fonético/fonológico, o morfológico, o sintático, o semântico e o pragmático.

O processo de gramaticalização comprova a dinamicidade da língua, porque o falante, em sua necessidade de expressão, organiza seu discurso, elabora suas estratégias de interação com os itens lexicais à sua disposição, dispondo-os de maneira funcional.

Considerando que os itens lexicais representam as coisas do “universo biossocial”, como denomina Martelotta (1996), estes designam as entidades, ações e qualidades, ao passo que os elementos gramaticais organizam esses itens lexicais no discurso. Na extensão do uso de itens do léxico para outras funções gramaticais, acontece a gramaticalização.

Martelotta (1996 p. 47), exemplifica com *aí*, historicamente advérbio dêitico espacial, que passa a “temporal” e que funciona também como conectivo, dependendo do contexto de uso.

O processo metafórico, que é definido pelo sistema cognitivo experiencial inscrito em toda língua, segundo Martelotta (1996), tende a seguir uma trajetória de + (mais) concreto para – (menos) concreto, caracterizando um caminho de gramaticalização.

Assim, itens lexicais que representam as coisas do “universo biossocial” tendem a deslizar para conceitos mais abstratos. O autor exemplifica o caminho seguido por verbos, que passam de noções mais concretas para mais abstratas (“pegar” o ônibus e “pegar” no sentido de captar, compreender uma explicação). Heinne *et alii* (HEINE 1991 Apud MARTELOTTA 1996, p. 50), apresentam uma escala de abstração metafórica:

**PESSOA>OBJETO>ATIVIDADE>ESPAÇO>TEMPO>QUALIDADE**

O processo metonímico como caracterizador de um processo de gramaticalização, como definido por Martelotta (1996 p. 56): “é uma mudança sofrida por uma determinada forma “em função do contexto linguístico (e pragmático) em que está sendo utilizada”.

Esse processo de mudança sintática, segundo o autor, impacta não apenas a forma, mas toda a sentença da qual ela é parte. Ele cita como mecanismos de gramaticalização metonímicos: a reanálise e a inferência por pressão de informatividade.

Na reanálise, acontece a recategorização de uma forma linguística que cognitivamente caminha de um conceito para outro, dentro das categorias gramaticais ou de fora delas para dentro de uma delas. Um exemplo dado pelo autor é o verbo *ir*, que passa de um verbo pleno de movimento a verbo auxiliar indicando futuro.

Na inferência por pressão de informatividade, um elemento é pressionado pelo contexto a admitir um novo sentido; um exemplo é o uso atual do concessivo - *todavia* - . Segundo Machado (1977 Apud Martelotta 1996), - *todavia* -, do latim *tutavia*, tinha valor

temporal: - constantemente, sempre, a cada passo; depois: não obstante, ainda - . Esse valor temporal desapareceu e, com o passar do tempo, *todavia* concessivo passa a ocorrer em contextos específicos de uso da língua nos quais o valor de *sempre*, implícito na palavra, é usado para enfatizar simultaneamente a ideia concessiva da sentença anterior.

São diversas as motivações para a gramaticalização, muitas delas relacionadas a fatores de natureza comunicativa e outras associadas ao contato com outras línguas, como afirma Martelotta (2011):

Resumindo o que vimos até aqui sobre gramaticalização, podemos dizer que se trata de um processo de características translinguísticas que provê o desenvolvimento de elementos gramaticais nas línguas naturais. É um processo unidirecional motivado essencialmente por fatores cognitivos e comunicativos. (p. 117).

---

## **2.5 As contribuições da Gramática Sistêmico-funcional de Halliday**

Quando as pessoas falam ou escrevem, elas produzem textos. Segundo Halliday (2004), o termo "texto" refere-se a qualquer instância da linguagem, em qualquer meio que faça sentido para alguém que conheça a língua (cf. HALLIDAY and HASSAN, 1976: Chapter 1 Apud HALLIDAY 2004, p.3).

Para um gramático, o texto é um fenômeno rico e multifacetado que 'significa' de maneiras diferentes e que pode ser explorado a partir de diferentes pontos de vista.

Halliday (2004) apresenta como duas as principais visões sobre o texto: a primeira o vê como um objeto em si mesmo e a segunda focaliza o texto como um instrumento para descoberta de algo mais. No primeiro caso, por um lado, os gramáticos que

focalizam o texto como um objeto levantam questões como: “por que o texto significa o que ele significa (para mim ou para os outros)?” e “por que lhe são atribuídos valores da maneira como é?”. (HALLIDAY 2004 pg. 3). Por outro lado, ao se concentrar no texto como um instrumento, o gramático estará se questionando sobre o que o texto revela sobre o sistema de linguagem no qual é escrito ou falado.

Para Halliday (2004), tais perspectivas são claramente complementares. Não se pode explicar por que o texto significa o que ele significa com todas as várias leituras e valores que lhe podem ser conferidos, a não ser relacionando-o ao sistema linguístico como um todo. Igualmente, não se pode usá-lo como uma janela para o sistema, a menos que se entenda o que significa e o porquê.

Os textos podem ser duradouros ou efêmeros, importantes ou triviais: podem ser falados espontaneamente e, se gravados numa fita de áudio, podem ser vertidos para a escrita; um texto pode ser escrito e, caso se queira, lido em voz alta. Existem também textos mais complexos elaborados na escrita, porém ensaiados para a fala (um discurso presidencial seria um bom exemplo desse tipo de texto). (HALLIDAY 2004, p. 4). Quando os gramáticos dizem que, do seu ponto de vista, todos os textos são iguais, estão pensando neles como espécimes.

Segundo Halliday (2004), para se explicar a gramática há que se reconhecer na diversidade dos textos, por um lado os inúmeros recursos gramaticais da língua em contextos funcionais significativos, e todos precisam, igualmente, serem levados em conta. Vistos como artefatos, por outro lado, estarão longe de serem iguais. Cada texto capta seu sentido a partir da seleção dos mesmos recursos de construção do significado.

O que distingue um texto do outro é a maneira pela qual esses recursos são implementados

Halliday (2004) refere-se à língua como texto e como sistema, como som, como escrita e expressão, como estrutura - configurações de partes e como recursos - escolhas entre alternativas.

Para o autor, estas são algumas das diferentes formas nas quais a língua se apresenta quando se começa a explorar a gramática em termos funcionais, do ponto de vista de como ela cria e expressa significado.

Um texto é o produto de seleção em andamento em uma grande rede sistêmica. A teoria sistêmica recebe esse nome porque a gramática de uma língua é representada na forma de redes de sistemas, e, não como um inventário das estruturas. A estrutura é parte essencial da descrição, mas ela é interpretada como a forma externa feita pelas escolhas sistêmicas, não como a característica definidora da linguagem. A língua é um recurso para fazer sentido e o sentido reside em padrões sistêmicos de escolha.

Uma característica da abordagem da teoria sistêmica é a abrangência, que se a língua na sua totalidade, de modo que tudo o que é dito sobre um aspecto deve ser entendido sempre com referência ao todo. Ao mesmo tempo o que está sendo dito sobre qualquer aspecto também contribui para a visão geral mas, nesse aspecto, também é importante reconhecer onde tudo se encaixa.

Para Halliday (2004), há muitas razões para a adoção da perspectiva sistêmica: uma delas é de que as línguas evoluem - elas não são projetadas, e sistemas evoluídos não podem ser explicados simplesmente como a soma de suas partes.

O pensamento tradicional de se pensar sobre a língua precisa ser, se não substituído, complementado por um pensamento de 'sistemas' em que se busque compreender a natureza e a dinâmica de um sistema semiótico como um todo (cf. MATTHIESSEN and HALLIDAY, in prep., Chapter 1, and references therein to CAPRA, 1996 Apud HALLIDAY 2004, p. 21).

O autor apresenta o que ele denomina “dimensões críticas” ou formas de ordem da linguagem e os seus princípios ordenadores: a estrutura (ordem sintagmática); o sistema (ordem paradigmática); a estratificação; a instanciação e as metafunções.

Em relação às metafunções, Halliday (2004) desenvolve a ideia de que, enquanto potencial de significado, a língua se organiza em torno de redes relativamente independentes de escolhas e que tais redes correspondem a certas funções básicas da linguagem, as quais nomeia como “metafunções”.

Para justificar o uso do termo “metafunção”, ao invés de simplesmente “função”, o autor cita a longa tradição de se falar sobre “funções da linguagem” em contextos em que 'função' simplesmente significa propósito ou maneira de usar a língua, sem nenhuma significância para a análise da linguagem em si (cf. HALLIDAY e HASAN, 1985: Capítulo 1, MARTIN, 1990 Apud HALLIDAY, 2004).

Enfim, a análise sistêmica mostra que a funcionalidade é intrínseca à língua, isto é, toda a arquitetura da língua é disposta ao longo de linhas funcionais e, ao trazer à tona tal conceito, Moura Neves (1997), ao abordar as funções da linguagem cita Bühler, Jakobson (1963) e Halliday (1973). Para Bühler (BÜHLER, 1939 Apud M. H. DE MOURA NEVES, 1997), a linguagem teria funções de representação, de exteriorização e psíquica. Já para Jakobson (1963 Apud M. H. de MOURA NEVES 1997), as funções seriam:

referencial, emotiva, conativa, fática, metalinguística e poética. Moura Neves (1997) considera que as funções de Halliday (1973), sob a perspectiva funcionalista, aproxima-se mais das funções descritas por Bühler, considerando-as mais de interesse psicolinguístico, afastando-se do sistema e buscando explicar a linguagem pelo que está fora dela.

Para Halliday (2004), as funções da língua, em relação ao nosso ambiente ecológico e social, são basicamente duas: dar sentido à nossa experiência e agir sobre nossas relações sociais.

Para Halliday (2004), como já citado e justificado anteriormente, a linguagem tem “metafunções”. Para ele a linguagem “é do jeito que é” por causa das funções que evoluíram na espécie humana. Como já explicitado, o termo "metafunção" foi adotado para sugerir que a função é um componente integral dentro da teoria geral.

A linguagem interpreta a experiência humana, nomeia coisas, classificando-as em categorias, e vai mais longe ainda: interpreta as categorias em taxonomias, muitas vezes usando mais nomes para o fazer.

Halliday (2004) cita como exemplo nomes de construções humanas: - edifícios/casas/garagens/galpões; passeios/passos/marcha -, que são tipos de caminhada; - em/para/sob/em torno - como localizações relativas.

Para o autor, a linguagem fornece uma teoria da experiência humana, e alguns dos recursos lexico-gramaticais de toda língua são dedicadas a essa função, que Halliday (2004) nomeia de metafunção ideacional, e nela distingue dois componentes, o experiencial e o lógico.

Podemos relacionar a metafunção ideacional ao que comumente se denomina significado cognitivo, embora Halliday (2004) chame a atenção para a existência do elemento cognitivo em todas as funções linguísticas.

É por meio dessa função que o falante e o ouvinte organizam e incorporam na língua sua experiência dos fenômenos do mundo real, o que inclui sua experiência dos fenômenos do mundo interno da própria consciência, ou seja, suas reações, cognições, percepções, assim como seus atos linguísticos de falar e de entender.

Sempre que usamos a linguagem, há algo mais acontecendo. Ao mesmo tempo em que interpretamos, agimos: coordenamos as relações pessoais e sociais com as pessoas ao nosso redor.

Para Halliday (2004), se a função ideacional da gramática é a linguagem como reflexão, esta seria a linguagem como ação a que ele chama de metafunção interpessoal, sugerindo que essa função é ao mesmo tempo interativa e pessoal.

Na função interpessoal, o falante participa do processo de interação pela fala, no qual expressa não sua opinião, seus julgamentos e suas atitudes, assim como as relações com o outro e consigo mesmo. É uma operação interacional e pessoal, por meio da qual o falante manifesta o mundo exterior e interior. Neves afirma que tal processo vai além das funções retóricas, pois serve ao estabelecimento e à manutenção dos papéis sociais, inerentes à linguagem. (NEVES, 1997).

A metafunção textual instrumentaliza as duas funções anteriores. É a função que forma o texto, organiza as unidades linguísticas, dando unidade e significado ao texto. Assim, o discurso torna-se possível porque de um lado, o produtor consegue estruturar

seu texto e, de outro, o receptor pode entendê-lo. A sentença relaciona-se à unidade sintática e o texto à unidade operacional.

A função textual não diz respeito apenas ao cotexto, mas à organização interna da frase, ao seu significado como mensagem em si e em relação ao contexto de produção do texto. Para Halliday (2004), essa pode ser considerada como a função que permite ou facilita, já que as outras – interpretar a experiência e articular as relações interpessoais - dependem da capacidade de construir sequências do discurso em seu fluxo criando coesão e continuidade à medida que a comunicação avança.

A gramática sistêmico-funcional de Halliday relaciona as funções da língua em uso com o fenômeno da gramaticalização. Ao falar de gramaticalização, Halliday propõe que imaginemos uma linguagem na qual todos os significados fossem construídos lexicalmente. Não haveria palavras diferentes para cada item lexical em cada categoria gramatical, assim como, também, para tempo e pessoa de cada verbo, singular e plural de cada substantivo, e assim por diante.

Se pensada nessa perspectiva, tal linguagem precisaria de bilhões de palavras diferentes; em outras palavras, seria impossível apreendê-la de forma integral como um sistema e impossível de processá-la como texto, exceto em tão limitada escala que, funcionalmente, não seria de forma alguma uma linguagem.

Com tal situação imaginária, o autor leva-nos a considerar como condição necessária que muitos significados sejam gramaticalizados. Uma gramática sistêmica organiza-se exatamente em torno desse conceito de gramaticalização, em que o significado é interpretado em redes de contrastes interrelacionados.

Para além de ser uma teoria de descrição gramatical, razão pela qual adquire muitas vezes a designação mais restrita de Gramática Sistemico-Funcional (GSF), ela fornece também instrumentos de descrição, uma técnica e uma metalinguagem que são úteis para a análise de textos, pelo que, adicionalmente, pode ser encarada como um modelo de análise textual.

Halliday (1970), em artigo seminal da teoria de descrição gramatical, que desenvolveu juntamente com colegas das Universidades de Sydney e de Macquarie, na Austrália, Michael Alexander Kirkwood, questionava-se sobre a natureza da língua, perguntando-se por que “ela é como é”.

Para Halliday (2004), a teoria da gramática sistemico-funcional objetiva descrever e explicar os recursos de construção do sentido nas línguas. Ao decidir que partes da gramática cobrir, e até onde ir na discussão da teoria, o autor tinha em mente aqueles que querem usar a compreensão da gramática na análise e interpretação de textos.

Os contextos para análise do discurso são numerosos e variados: educacional, social, literário, político, legal, técnico e assim por diante. Todos os textos oriundos dessas esferas de comunicação humana podem ser analisados como espécimes ou como mecanismos ou ambos (espécime aqui pode significar representante de uma variedade funcional particular, ou um registro, como, por exemplo, Português jurídico, usado na esfera de comunicação legal).

O que é comum a toda essa variedade é que ela deve estar fundamentada em uma gramática que seja coerente, abrangente e ricamente dimensionada. Dizer isso nada mais é que sugerir que ‘gramática’ - o modelo de gramática - deve ser tão rico quanto a própria gramática (HALLIDAY, 1984b; 1996 Apud HALLIDAY 2004 p. 5).

Se a proposta parece complexa, é porque a gramática é complexa - tem de ser quando se considera tudo o que se faz com a linguagem. Halliday (2004) considera um desserviço fingir que a semiose - a elaboração e compreensão do significado – sejam uma questão mais simples do que realmente é.

---

## 2.6 As contribuições do funcionalismo de Givón

A base norteadora do pensamento funcionalista givoniano (1993) assenta-se em uma analogia da gramática da língua com o **organismo biológico**: a estrutura anatômica do organismo cumpre funções específicas. O processo evolutivo do organismo prevê diversas tendências: mudanças históricas ao longo do tempo podem apresentar uma estrutura opaca (não funcional), podem adaptar velhos organismos a novas funções, podem identificar uma ambiguidade funcional para uma única estrutura.

A metáfora do código biológico inscreve a gramática da língua como estratégias linguísticas emergentes em uma comunicação coerente. A gramática da língua serve às regularidades linguísticas sempre em renegociação, reformulação e, ao mesmo tempo, ao preenchimento dos propósitos comunicativos do falante.

Estabelece-se uma correlação entre princípios evolutivos e adaptativos oriundos da biologia, por um lado, e gramática, comunicação e processo comunicativo por outro. Ambos são vistos sob perspectiva biológica da funcionalidade da evolução. A integração dos níveis da gramática, da comunicação e da cognição, pela perspectiva funcional, obedece ao panorama evolutivo e adaptativo por meio do qual estratégias linguísticas sobrevivem por se adaptarem aos padrões cognitivos e comunicativos da gramática. A

visão funcional de gramática desencadeia alterações nesses três níveis, pois a funcionalidade requer escolhas e comportamentos inteligentes manifestados em cada situação comunicativa.

Diante do exposto, é possível concluir que a proposta givoniana está centrada na gramática para a comunicação. A natureza multi-proposicional da comunicação identifica o contexto discursivo como o controlador das escolhas linguísticas formadoras das gramáticas. Logo, a gramática, por sua vez, emerge de propósitos comunicativos, moldando o discurso. Mediante procedimentos gramaticais/discursivos, alcançam-se os procedimentos mentais. Assim, no pensamento givoniano, o postulado da não autonomia da gramática implica referência aos parâmetros cognitivos e comunicativos.

O pensamento funcionalista de Givón tem cunho moderado e está calcado nas motivações funcionais para a estrutura linguística emergente no discurso, no processo comunicativo. Ora, essa postura moderada exclui a linha de pensamento que prevê a inadequação da estrutura e a estrutura como mero reflexo da língua, de forma a situar, portanto, o ato comunicativo como ponto de confluência interativa entre forma e função. Logo, a gramática para comunicação adquire o estatuto de gramática provisória, flexível, adaptável aos propósitos dos participantes do contrato comunicativo.

A gramática atua em dois níveis, codificando informações no âmbito das cláusulas e correlacionando essas informações proposicionais em uma comunicação coerente.

Segundo Givón (1993 p. 21), a gramática opera no ato comunicativo:

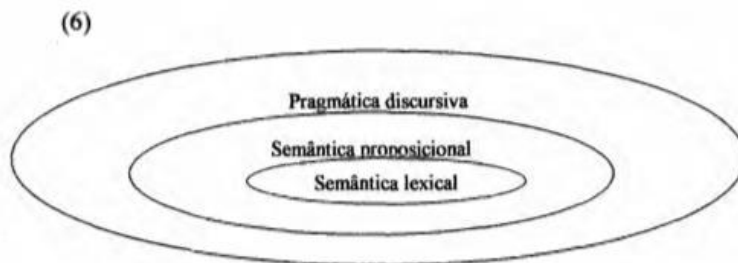
(5) c = > palavras (significado)  
GRAMÁTICA c = > cláusulas (informação) , ---- -V. discurso (coerência)^

O caráter multi-proposicional (informacional) do discurso compreende dois estágios preliminares: o estágio das palavras e o estágio das proposições.

As palavras no nosso léxico codificam conceitos e entidades acessíveis aos membros de uma determinada cultura. As cláusulas ou proposições combinam palavras disponíveis no léxico para expressar informações acerca de eventos, relações e estados.

Diversas proposições combinadas caracterizam o discurso como uma comunicação coerente. A propriedade da coerência textual/discursiva transcende o nível da informação proposicional e instaura-se no discurso, na integração das proposições dentro de um contexto comunicativo. A gramática definida como um código comunicativo compreende os níveis da informação proposicional nas cláusulas e na coerência discursiva da cláusula no contexto discursivo. Nesse sentido, a gramática e discurso/sistema comunicativo estão em uma relação biunívoca: o discurso molda a gramática na mesma proporção que a gramática configura discurso.

Givón (1993 p. 25-26) apresenta o seguinte gráfico para a organização hierárquica dos níveis:



Essa organização hierárquica obedece a uma leitura vertical, possibilitando a caracterização do significado das palavras sem referência à proposição e sem referência ao discurso. As proposições carregam informações do léxico mas não carregam funções discursivas. Estas por sua vez carregam as funções proposicionais de forma a encaixar as proposições no discurso. Em síntese, o contexto discursivo das proposições carrega função discursiva e estas são impossíveis de ser caracterizadas em menção à informação da semântica proposicional e lexical.

Em síntese, as contribuições apresentadas fundamentaram nossas análises, guiadas, então pelas seguintes categorias analíticas: semântica do léxico, semântica da proposição e semântica da pragmática discursiva. As considerações que acompanham as análises são baseadas tanto no modelo givoniano quanto no hallydiano.

---

## **2.7 A teoria dos mundos possíveis**

Iniciaremos as considerações sobre a concepção de mundo possíveis com alguns comentários sobre 'real' e 'irreal'.

HOUAISS apresenta cinco definições para o real dentre elas: (1) que existe realmente, verdadeiro e (2) que não é falso, ilusório ou artificial, para irreal: (1) que ou o que não é ou não parece ser real e (2) que ou o que se encontra fora da realidade.

Consideramos o conceito de que o que existe, na verdade, é a representação linguística que se faz do real. Para Lewis (1973), o mundo real, que passaremos a denominar atual, conforme proposto pelo autor, é só uma parte da realidade com a qual nós nos relacionamos espacial e temporalmente.

Nesta perspectiva, falar sobre mundos possíveis, nada mais é que considerar as regras da lógica de como as coisas são ou como podem ser, isto é, a teoria dos mundos possíveis de Lewis (1973), que visa abranger tudo que é logicamente possível, inclui tudo que realmente há no mundo atual.

Dessa forma, pode-se entender “mundo possível” como mundos logicamente possíveis. Leclerc define que um mundo possível:

É simplesmente um conjunto de situações possíveis (contrafactuais) que invocamos e estipulamos para avaliar semanticamente certas construções linguísticas em uso entre nós. Os possíveis, os estados de coisas e mundos possíveis, na medida em que podemos lhes atribuir uma existência, *não existem de forma independente de nossa mente*, como os objetos atuais e seus atributos. (LECLERC 2007, p.13)

Para o autor, a linguagem comum permite a paráfrase: há muitas maneiras de se imaginar como as coisas poderiam ter sido além da forma como elas realmente são. Lewis considera a frase - maneiras como as coisas poderiam ter sido -, uma “quantificação existencial”. (Lewis 1973, p. 4).

Tal frase que afirma a existência de muitas possibilidades de uma determinada descrição, entidades que poderiam ser chamadas de formas como as coisas poderiam ter sido, o autor prefere chamar de mundos possíveis.

Leclerc (2007, p.1) afirma que a noção de possibilidade está profundamente enraizada no mundo e nas nossas vidas, e questiona: quem nunca pensou da seguinte forma: se eu tivesse feito de outra maneira, o resultado teria sido outro. O autor relata a existência de patologias psicológicas, nas quais pessoas convivem com a pressão desses pensamentos contrafactuais. Para ele, somente indivíduos demasiadamente

fatalistas não aceitam a ideia de que *as coisas poderiam ter sido diferentes do que elas são*.

A teoria dos mundos possíveis pressupõe que a realidade é vista não apenas como o real (o que existe fisicamente neste mundo atual que habitamos), mas como a soma de tudo que possa ser imaginado como possível, ou seja, um universo composto pela pluralidade de mundos distintos.

Portanto, tudo que é logicamente possível não se esgota nas coisas e nos acontecimentos do mundo atual. Ao imaginarmos esse universo, o mundo atual ocuparia uma posição central em relação aos outros mundos possíveis.

Consideramos de significativa importância para a nossa análise a consideração do autor para quem, o real é indexical como –eu-, ou –aqui-, ou –agora-, isto é, depende da referência circunstancial da enunciação para localizar em qual mundo o enunciado está localizado.

Para Fiorin (2006) os dêiticos são expressões linguísticas cuja referência varia em função do contexto. Os termos –hoje-, -eu- ou –aqui-, dêiticos são indexicais por referirem-se respectivamente: ao dia, a uma pessoa (eu) ou a um lugar específico, de acordo com o contexto no qual está sendo utilizado. Lewis (1973) defende que “atual” é um indexical: não há o mundo atual, o que existe é que ao dizermos “mundo atual”, estamos nos referindo a esse mundo possível que habitamos e que poderia, dependendo do contexto, referir-se a outro dos mundos possíveis.

A teoria indexical do autor, no tocante à realidade, abarca ainda a noção de tempo, um exemplo é a noção de tempo presente, que para ele é apenas um tempo entre outros

tempos presentes nos mundos possíveis. O significado que damos a presente é indexical, e refere-se a qualquer tempo - t - nesse exato tempo - t -.

Consideramos importante ressaltar que a teoria sobre mundos possíveis, nada mais abarca que simplesmente lançar mão de situações possíveis para avaliar semanticamente certas construções linguísticas em uso. Para Lewis (1973) o realismo sobre os mundos possíveis é uma tentativa, a única bem sucedida, para sistematizar opiniões modais pré-existentes.

---

## **2.8 Contrafactuais e a noção semântica do universo de crença**

Segundo Leclerc (2007), o conceito de mundos possíveis desenvolvido por filósofos como Kripke (1972), Lewis (1973), Plantinga (1976), foi um recurso para resolver problemas da semântica formal. Eis alguns problemas: (a) as condições de verdade dos enunciados contrafactuais (Se Aécio tivesse vencido no estado de M.Gerais, Dilma Rouseff não teria sido reeleita) e (b) sentenças modificadas por operadores modais que expressam a necessidade e a possibilidade; daí a estreita relação entre a teoria dos mundos possíveis e a lógica modal.

Entende-se por modal todo estudo concernente à necessidade e/ou possibilidade de uma proposição qualquer. Outros sistemas modais foram construídos em torno de operadores que expressam o que é conhecido como - atitudes proposicionais -, tais como crenças, obrigação e desejos.

Para Lewis (1973), as construções contrafactuais estão relacionadas a um tipo de condicional com base na similaridade comparativa dos mundos possíveis. Ou seja,

remete-se a um estado de coisas possíveis. É contrafactual em um mundo se e somente se, o contrafactual se mantiver em certos momentos mas certamente não em todos eles. Para esclarecer o conceito, o autor explora o enunciado condicional: "Se cangurus não tivessem cauda, eles tombariam". O enunciado será verdadeiro para o nosso mundo se não levarmos em conta outros mundos possíveis, onde cangurus poderiam caminhar de muletas e, assim, ficar de pé.

Outro autor que aborda o conceito de contrafactual é Robert Martin (1986), o faz pelo viés do universo de crença, relacionando-o aos mundos possíveis. Define universo de crença como o conjunto das proposições que, no momento em que o orador se expressa, ele as aceita como verdadeiras ou as credencia como tal.

O autor relaciona e inclui a estrutura do universo de crença aos mundos possíveis, além do real ou atual, como denomina Lewis (1973), - aos olhos do locutor - o mundo do que poderia ser (mundos possíveis, que não contenham proposições contraditórias com as do real) e do mundo que poderia ter sido (mundos contrafactuais, que compreenderia pelo menos uma proposição contraditória com a do real).

Segundo Martin (1986), a noção de universo de crença ajuda a entender o que seja contrafactual. Considera como tal qualquer proposição falsa que poderíamos acreditar verdadeira ou que assim imaginamos. - Se Pedro tivesse conseguido - dá a entender que Pedro não conseguiu, mas ele poderia ter conseguido. - Pedro conseguisse - é uma proposição contrafactual. Ela não pertence ao estado real das crenças do falante.

Para Martin (1986), as proposições contrafactuais formam o que pode ser chamado de um "anti-universo", universo próprio do orador em um tempo anterior ao da fala, universo ou apenas alguns outros mundos da imaginação.

Analisando a oposição - que/se -, Martin (1986 p.293) compara duas proposições:

(1) *Não me lembro se ele trouxe o livro.*

(2) *Não me lembro que ele tenha trazido o livro.*

O autor observa que o segundo período (2), no subjuntivo composto, é mais complexo; trata-se de um possível epistêmico. Ao mesmo tempo em que sugere um mundo contrafactual, pode evocar a ideia de que ele me trouxe o livro. Essa frase baseada em um estado separado do estado real da minha crença (eu não me lembro de que ele o havia devolvido a mim) pode ser dita especialmente em resposta a qualquer situação como forma de negar que o livro tenha sido devolvido. Para o autor, sem dúvida, o subjuntivo desempenha um papel importante.

Assim, apresentamos neste capítulo as contribuições teóricas que orientarão as análises que se seguirão.

## **CAPÍTULO III**

### **Os usos do MS no PB**

---

Este capítulo privilegia o uso oral e escrito do Presente do MS no PB e apresenta os resultados obtidos das análises realizadas com as amostras levantadas.

Esses resultados foram agrupados a partir de:

- (1) o uso do MS conforme a GT;
- (2) o uso do MInd pelo MS em diferentes contextos;
- (3) O uso do Pretérito Imperfeito do MS em orações adverbiais.

Em cada caso foram considerados os níveis semântico, lexical, proposicional e o pragmático-discursivo.

---

#### **3.1 O uso do MS conforme a GT**

O uso do MS no PB ocorre para expressão informativa do não factual, contendo, portanto, a futuridade. A GT apresenta um conjunto de regras para o uso do MS, cujas análises realizadas indicam que todos os casos, apresentados como exemplo, pelos gramáticos, contêm o sema da futuridade.

---

##### **3.1.1 Em orações independentes**

São consideradas orações independentes as que ocorrem como minissentenças, com independência sintática em um período simples.

(1) “**Ponha**-se na rua! ” (59)\*

(1) a) No exemplo acima dado por Castilho (2010 p. 327), ocorre o gramema flexional do presente do MS, usado para a manifestação do modo imperativo. O verbo – pôr - resultante da seleção lexical, apresenta um conteúdo vocabular muito amplo em língua Portuguesa, resultado de várias ressemantizações.

Então, conforme HOUAISS, justificando um leque de acepções, a exemplificação das possibilidades de emprego do verbo pôr é farta, conduzindo-nos para: (1) fazer um relato, uma descrição de; detalhar, narrar; (2) afirmar com certeza; garantir, asseverar; (3) deslocar, transportar (algo) para [algum lugar]; colocar, depositar; (4) colocar, pendurar ou fixar (algo) [em outra coisa ou numa pessoa]; (5) fazer figurar; incluir; (6) montar, instalar; (7) postar (alguém, algo ou a si mesmo) em certa posição, estado ou em determinado local, para ali permanecer algum tempo. No caso analisado o verbo pôr contém o significado de postar alguém em determinado local, para ali permanecer algum tempo, ou seja, deslocar-se de um lugar para outro.

(1) b) Na construção proposicional, a oração independente traz como informação a relação entre dois lugares: dentro/fora (rua); alguém está dentro (presente) e sairá para a rua (futuridade).

(1) c) No contexto situacional pragmático-discursivo, o uso do gramema flexional do Presente do MS expressa uma ordem, sendo usado para expressão do modo imperativo. Assim, têm-se dois participantes: um sujeito da ordem e o outro que deve

---

\* Na apresentação de cada ocorrência, constarão: uma numeração inicial indicativa da análise e uma numeração no final indicativa da localização da ocorrência no *corpus* levantado.

obedecer à ordem. No nível da pragmática-discursiva, a relação interacional entre esses dois participantes é de ordenador/obediente, de forma a indicar a autoridade de quem fala, quem ordena. O uso do MS ocorre na interação eu/tu, em um contexto situacional dialógico, também designado por Halliday (1985), como metafunção interpessoal.

(2) “**Benza-me Deus!**” (55)

No exemplo acima (coleta de fala oral no uso comum dos brasileiros), o gramema flexional do presente do MS é usado para a manifestação do modo imperativo.

(2) a) O verbo –benzer- resulta da seleção lexical e apresenta o seguinte conteúdo vocabular, conforme HOUAISS: (1) fazer o sinal da cruz sobre algo ou alguém recitando fórmula litúrgicas, abençoar; (2) tornar próspero, coroar com bom resultado; (3) fazer benzeduras; (4) fazer uma cruz com a mão aberta desde a testa à cintura, e do ombro esquerdo ao direito; (5) admirar-se, espantar-se.

No caso analisado, o verbo benzer contém a definição vocabular de “admirar-se, espantar-se”.

(2) b) Na construção proposicional, a oração independente traz como informação a relação de um sujeito com um evento, sendo que esse sujeito por ela é afetado emocionalmente.

(2) c) No contexto situacional da pragmática-discursiva, o uso do gramema flexional do Presente do MS expressa uma emoção de espanto. Nesse caso - benza-me Deus - (oração independente) gramaticaliza-se pela mudança das classes gramaticais:

verbo + pronome + substantivo > interjeição. O uso dessa expressão com função interjetiva manifesta emoção. Segundo Cunha (1972):

A mesma reação emotiva pode ser expressa por mais de uma interjeição. Inversamente, uma só interjeição, pode corresponder a sentimentos variados e, até, opostos. O valor de cada forma interjectiva depende fundamentalmente da entonação. (CUNHA, 1972 p. 547).

(3) “Neste caso, **rache** a conta e **saia** fora. ” (18)

No exemplo acima (coleta de fala oral no uso comum dos brasileiros), o gramema flexional do presente do MS é usado para a manifestação do modo imperativo, conforme a GT. Esse caso indica que o falante controla a sua fala oral pelas regras da GT, sendo, portanto, de médio a alto nível de escolaridade.

(3) a) Os verbos – rachar - e – sair - resultam da seleção lexical. Conforme HOUAISS, o verbo – rachar- apresenta os seguintes conteúdos vocabulares: (1) dividir no sentido do comprimento; (2) abrir fendas em; (3) partir ou dividir violentamente, abrir de meio a meio; (4) partir em estilhaços, lascar; (5) maltratar com palavras, ofender; (6) dar a alguém a metade de lucros; (7) dividir proporcionalmente.

O verbo – sair - apresenta um conteúdo vocabular muito amplo em língua Portuguesa, resultado de várias ressemantizações. É dicionarizado, segundo HOUAISS, com trinta e seis definições, entre elas: (1) passar do interior para o exterior, ir ou passar para fora; (2) afastar-se, partir; (3) ausentar-se, retirar-se; (4) fugir de desviar-se; (5) escapar, livrar-se; (6) cessar de fazer, demitir-se.

No caso analisado, ocorrem duas orações: a primeira com o verbo – rachar -, sendo selecionado o conteúdo - dividir proporcionalmente - e a segunda com o verbo – sair - com a definição de - afastar-se, partir -.

(3) b) Na construção proposicional, a sequência oracional coordenada traz a relação de dois sujeitos; o primeiro é o agente de uma orientação, conselho, o qual contém como informação - evitar discussões -, mantendo, assim, o sema da futuridade.

(3) c) No contexto situacional pragmático-discursivo, o uso do gramema flexional do Presente do MS expressa - um conselho, uma orientação -, sendo dessa forma uma expressão do modo imperativo do qual foi desativada a – ordem -. Nessa dimensão, participam dois sujeitos: um que informa a respeito de uma situação conflitante vivida por ele, na qual não sabia como agir; o outro é o agente do conselho: para evitar discussão, divida proporcionalmente o gasto e vá embora.

O uso do MS ocorre na interação eu/tu, em um contexto situacional dialógico, também designado por Halliday (1985) como metafunção interpessoal.

(4) “Sério?! Me **conte** tudo...” (28)

No exemplo acima, o gramema flexional do presente do MS é usado para a manifestação do modo imperativo, conforme a GT.

(4) a) O verbo – contar - resulta da seleção lexical. Conforme HOUAISS, o verbo “contar” apresenta um conteúdo vocabular muito amplo em língua Portuguesa, resultado de várias ressemantizações, sendo dicionarizado com 20 definições, entre elas: (1) verificar o número, quantidade; (2) fazer entrar como parcela numa conta,

levar em conta; (3) ter idade; (4) ter, possuir; (5) marcar, registrar; (6) narrar, relatar.

No caso analisado, o verbo “contar” contém o significado de “narrar, relatar”.

(4) b) Na dimensão proposicional, a oração independente traz como informação a curiosidade de alguém a respeito de algo já narrado de forma a querer mais detalhes, mantendo, assim, o sema da futuridade.

(4) c) Na dimensão da pragmática discursiva, o uso do gramema flexional do Presente do MS expressa uma solicitação, embora seja usado como expressão do modo imperativo. No caso, são considerados dois participantes: um sujeito agente de uma narrativa, num tempo anterior imediato; e um sujeito agente de uma solicitação, modalizado pela curiosidade. Nessa dimensão, a relação entre esses dois participantes é de solicitador/solicitado. O uso do MS instaura-se na interação eu/tu, em um contexto situacional dialógico, também designado por Halliday (1985), como metafunção interpessoal.

Em síntese, os resultados obtidos do uso do modo gramatical do imperativo com a expressão do presente do MS indicam que: (1) o uso do modo imperativo com o valor de ordem só ocorre no PB quando, na relação interacional eu/tu, o agente da ordem representa o papel de autoridade; (2) o uso gramatical do modo imperativo no PB com a desativação da ordem e a ativação de outros valores interacionais, tais como: a solicitação, o aconselhamento e a orientação que mantêm o sema da futuridade.

Verificamos, também, que o uso gramatical do modo imperativo, segundo as regras do uso padrão normativo, ocorre com falantes de médio e alto nível de

escolaridade, o mesmo não ocorre no caso (2) - **Benza**-me Deus! -, devido à gramaticalização; o seu uso é comum na fala dos brasileiros, independentemente do nível de escolaridade. Tal uso decorre da religiosidade do brasileiro, presente em crenças culturais historicamente arraigadas em nossas cognições sociais, decorrentes da presença da igreja desde o momento da colonização do país pelos portugueses.

O uso do MS para construção do modo imperativo é uma variação regional dialetal no Brasil.

---

### **3.1.2 Nas orações subordinadas**

Gramaticalmente, são consideradas, pela GT, orações subordinadas as que funcionam ou como um termo essencial, ou complementar ou acessório da oração matriz, a principal.

Devido à repetição para o uso do MS na Subordinada, foram delimitadas para apresentações, neste item, as Substantivas e as Adverbiais.

---

#### **3.1.2.1 Subordinadas Substantivas**

As orações classificadas como subordinadas substantivas são aquelas integradas à oração principal, em um sintagma nominal, por uma conjunção integrante – que -.

##### **A) Com verbos volitivos na matriz**

Segundo MOURA NEVES (2011 p.351), os verbos volitivos relacionam-se à modalidade da vontade e expressam a atitude subjetiva de vontade ou desejo, projetando assim, o sema da futuridade para a relação subordinada.

(5) "A gente sabe que é um atendimento improvisado, que poderia estar melhor. A gente já está há um ano nessa situação, e a gente espera que nesse ano **seja resolvido**". (6)

(5) a) A seleção lexical da oração matriz é realizada com o verbo -esperar-. Conforme HOUAISS, o verbo -esperar- contém seis definições em língua Portuguesa, entre elas: (1) ter esperança em, contar com; (2) estar ou ficar à espera de, aguardar; (3) supor, conjecturar; (4) ter esperança em.

No caso analisado, o verbo –esperar- contém a definição de - ter esperança em, contar com -. A oração subordinada substantiva tem a função sintática de objeto e é expressa pela composição -ser resolvido-, flexionada pelo gramema do presente do MS, justificando conforme a GT sai atualização por um falante de médio a alto nível de escolaridade.

(5) b) Na dimensão proposicional, a oração matriz traz como informação a esperança de quem fala a respeito de um acontecimento futuro (a resolução de algo), mantendo, assim, o sema da futuridade.

(5) c) Na dimensão da pragmática discursiva, o uso do gramema flexional do Presente do MS expressa, na interação eu/tu, uma esperança para a modificação no futuro de uma situação atual: a situação atual é o mau atendimento que perdura há um ano. A

situação futura, sintaticamente ligada à matriz como objeto da esperança, é o desejo de um atendimento melhor e consolidado. O uso de - a gente - resulta da gramaticalização do pronome pessoal de 1ª pessoa do plural (nós) pelo processo de lexema que passa a gramema.

(6) com as crianças, então, esperamos que não **haja** maiores problemas. (57)

(6) a) A seleção lexical da oração matriz é realizada com o verbo –esperar-. Conforme HOUAISS, para o verbo –esperar-, o verbete consta de seis definições em língua Portuguesa, entre elas: (1) ter esperança em, contar com; (2) estar ou ficar à espera de, aguardar; (3) supor, conjeturar; (4) ter esperança em.

No caso analisado, o verbo –esperar- contém o significado de: (2) estar ou ficar à espera de. A oração subordinada substantiva tem a função sintática de objeto: não haver maiores problemas.

(6) b) Na dimensão proposicional, a oração matriz traz como informação: alguém espera que tudo possa vir a ocorrer bem no futuro, mantendo assim o sema da futuridade.

(6) c) Na dimensão da pragmática discursiva, o uso do gramema flexional do Presente do MS expressa, na interação eu/tu, -uma ameaça- para a não ocorrência no futuro de maiores problemas com as crianças, manifestada no conteúdo semântico da oração subordinada substantiva. A situação futura é sintaticamente ligada à matriz como objeto de um aviso, em forma de ameaça. Nesse caso, no nível pragmático-discursivo, ocorre a ressemantização do verbo –esperar-.

(7) “Peço encarecidamente que o PSDB nunca mais se **eleja**, eles acabaram com a educação, com a vida dos professores...” (31)

(7) a) A seleção lexical da oração matriz é realizada com o verbo –pedir-. Conforme HOUAISS, o verbo –pedir- contém, na unidade vocabular, oito definições em língua Portuguesa, entre elas: (1) rogar que conceda, solicitar; (2) suplicar, implorar; (3) exigir, reclamar; (4) requerer, demandar; (5) querer, necessitar.

No caso analisado, ao verbo –pedir- cabe o significado de: (4) requerer, demandar. A oração subordinada substantiva tem a função sintática de objeto do que está sendo requerido.

(7) b) Na dimensão proposicional, a oração matriz traz como informação: o -querer muito de alguém, o requerer de alguém- a respeito de algo a acontecer no futuro, mantendo, assim, o sema da futuridade.

(7) c) Na dimensão da pragmática discursiva, uso do gramema flexional do Presente do MS, expressa, na interação eu/tu, -um forte querer- a respeito da não reeleição do PSDB, em nenhum momento do futuro. O acontecimento futuro é sintaticamente ligado à matriz como objeto de um -forte querer- seguido de uma explicação (eles acabaram com a educação, com a vida dos professores). Nesse caso, na dimensão da pragmática discursiva, ocorre a ressemantização de –pedir encarecidamente- > - querer muito-. O gramema flexional do Presente do MS imprime o desejo, expresso no verbo da matriz, segundo a GT (CUNHA & LINDLEY CINTRA, 2001, p. 468).

(8) ... dizem né? -- você vê – dentro da profissão do vendedor... a coisa mais difícil é você manter realmente o indivíduo... éh Olto horas em contato direto com os

clientes::... realmente difícil... então a gente inclusive::... pede que o indivíduo não **perca** tempo nesses horários certo?... e **procure** almoçar... no seu território de trabalho... por ali mesmo em vez de ter que deslocar de um território de trabalho para sua casa (Nurc 235)

(8) a) A seleção lexical da oração matriz é realizada com o verbo –pedir-. Conforme HOUAISS, o verbo –pedir- expressa, na unidade vocabular, oito definições em língua Portuguesa, entre elas: (1) solicitar que conceda, fazer pedidos; (2) solicitar insistentemente, suplicar, implorar; (3) exigir, demandar; (4) exigir, estipular (preço, valor) e (5) necessitar de, demandar, requerer.

No caso analisado, o verbo –pedir- contém o significado de -exigir, demandar-. A oração subordinada substantiva tem a função sintática de objeto do que está sendo demandado.

(8) b) Na dimensão proposicional, a oração matriz traz uma exigência velada para que a equipe de vendedores adote práticas que os deixem próximos de seus clientes, mantendo, assim, o sema da futuridade.

(8) c) Na dimensão da pragmática discursiva, o uso do gramema flexional do Presente do MS expressa, na interação eu/tu, -uma demanda- do superior à equipe de seus vendedores para que no futuro fiquem mais próximos dos clientes, não perdendo tempo para o deslocamento de lugares distantes até eles. A situação futura é sintaticamente ligada à matriz como objeto de uma -demanda, de uma exigência-.

(9) seu N...nós gostaríamos que o senhor **contasse** pra gente... todo seu ciclo de vida... desde... a inFÂNCia... adolesCÊNcia maturidade época de casaMENTo... como é que FOI... como é que o senhor conheceu sua esposa como foi o casaMEN::to ahn:: a sua adolescência enfim tudo que o senhor podia contar pra

gente as assim de interessante nós gostaríamos que o senhor **contasse** por favor...  
(Inq. Nurc/SP 208)

(9) a) A seleção lexical da oração matriz é realizada com o verbo –gostar-. Conforme HOUAISS, o verbo –gostar- assume nove definições em língua Portuguesa, entre elas: (1) achar saboroso, apreciar; (2) achar agradável, sentir prazer em, amar, apreciar; (3) dedicar amor, amizade ou simpatia a (alguém); amar, querer, estimar; (4) dar-se bem com, acomodar-se com, ser compatível com; (5) julgar bom, aprovar e (6) ter hábito, costume ou mania de.

No caso analisado, o verbo –gostar- exprime o significado de –querer-. A oração subordinada substantiva tem a função sintática de complementar informações para a oração matriz e tal informação adicional é expressa pela flexão do gramema do pretérito do MS.

(9) b) Na dimensão proposicional, a oração matriz traz a modalização de um pedido, uma solicitação, para que alguém conte algo. O sema da futuridade se mantém na proposição.

(9) c) Na dimensão da pragmática discursiva, o uso do gramema flexional do Pretérito MS expressa, na interação eu/tu, -uma solicitação- a uma pessoa de mais idade a quem o solicitante deve respeito. O uso do MS dá-se em um contexto situacional no qual o enunciador mostra formalidade na relação com o seu interlocutor. Portanto, o MS está a serviço tanto da formalidade quanto da gentileza que o interlocutor quer imprimir na sua fala.

## **B) Com verbos evidenciais na matriz**

Castilho (2010, p.358) denomina –evidenciais- os verbos cognitivos de atividade mental e que relacionam-se à modalidade epistêmica, ao expressar percepção, cognição e atitude mental diante do fato a ser enunciado. Para Moura Neves (2011, p.347) esses são verbos de atividade mental.

(10) “Suponho que você **venha**.” (Castilho, 2010 p.360)

(10) a) A seleção lexical da oração matriz é realizada com o verbo –supor- que conforme HOUAISS, contém, na unidade vocabular, duas definições em língua Portuguesa, a saber: (1) admitir hipoteticamente e (2) considerar(-se), julgar(-se), achar(-se). No caso analisado esse verbo contém o significado de: (2) considerar, julgar.

A oração subordinada substantiva tem a função sintática de objeto do que está sendo suposto, imaginado, presumido.

(10) b) Na dimensão proposicional, a oração matriz traz como informação a suposição a respeito de algo que está para acontecer, mantendo, assim, o sema da futuridade.

(10) c) Na dimensão da pragmática discursiva, o uso do gramema flexional do Presente do MS expressa, na interação eu/tu, uma atitude mental diante do fato que poderá ocorrer. A situação futura é sintaticamente ligada à matriz a partir da suposição do sujeito enunciador.

(11) “Eu acredito que sim... eu defendo que a bicicleta... ela **tenha** um espaço que nunca vai ser o dominante... (35a)

(11) a) A seleção lexical da oração matriz é realizada com o verbo –acreditar-. Conforme HOUAISS, o verbo –acreditar- contém, na unidade vocabular, seis definições em Língua Portuguesa, a saber: (1) aceitar, estar ou ficar convencido da veracidade, existência ou ocorrência de, crer; (2) supor ou intuir boas intenções, confiar; (3) julgar ou pensar possível ou provável a realização de (possibilidade ou probabilidade); (4) tornar(-se) digno de estima e confiança; (5) dar ou emprestar a (alguém) autoridade para agir em seu nome e (6) conferir poder ou autoridade a (alguém) para representar país ou instituição perante (país estrangeiro ou outra instituição), credenciar.

No caso analisado, o verbo –acreditar- contém o significado de: (1) aceitar, estar ou ficar convencido da veracidade, existência ou ocorrência de, crer. A oração subordinada substantiva tem a função sintática de objeto de estar convencido da veracidade, crer.

(11) b) Na dimensão proposicional, a oração matriz traz como informação a crença a respeito de algo que poderá acontecer no futuro (a bicicleta nunca vai ser dominante no futuro, mas terá seu espaço); assim, o sema da futuridade se mantém.

(11) c) Na dimensão da pragmática discursiva, o uso do gramema flexional do Presente do MS expressa, na interação eu/tu, uma atitude mental diante do fato que poderá ocorrer. A situação futura é sintaticamente ligada à matriz a partir da crença do sujeito enunciador.

(12) “nós nunca vamos virar uma Amsterdã ou eh... uma Estocolmo... mas nós vamos ter um espaço que calculo que 5 a 6% da população **possa** utilizar a bicicleta.” (35b)

(12) a) A seleção lexical da oração matriz é realizada com o verbo – calcular-. Conforme HOUAISS, o verbo –calcular- contém cinco definições em língua Portuguesa, a saber: (1) determinar (valor ou grandeza numérica) por meio de cálculo matemático; (2) determinar o valor ou a importância de alguma coisa (concreta ou abstrata); (3) avaliar as condições prováveis para que algo se produza ou se concretize; estimar; (4) organizar de maneira a obter resultado compensatório ou lucrativo; planejar e (5) admitir como possibilidade real, como possível, esperar.

No caso analisado, ao verbo –calcular- cabe o significado de: (3) avaliar as condições prováveis para que algo se produza ou se concretize; estimar. A oração subordinada substantiva tem a função sintática de objeto e é expressa pela composição -poder utilizar-, flexionada pelo gramema do presente do MS + infinitivo.

(12) b) Na dimensão proposicional, a oração matriz traz como informação a avaliação de quem fala a respeito de um acontecimento futuro: a quantidade de pessoas que usarão a bicicleta como meio de transporte, mantendo, assim, o sema da futuridade.

(12) c) Na dimensão da pragmática discursiva, o uso do gramema flexional do Presente do MS expressa, na interação eu/tu, uma estimativa para o futuro, de acordo com a projeção que o falante quer transmitir ao interlocutor. A situação futura está sintaticamente ligada à matriz como resposta a uma estimativa de cálculo.

(13) acredito que seja... por uma votação... do tipo que classificamos como maioria absoluta... [...] (a) (NURC/SP/REC/131)

(13) a) A seleção lexical da oração matriz é realizada com o verbo “acreditar”. Conforme HOUAISS, o verbo –acreditar- contém, na unidade vocabular, seis definições em língua Portuguesa, a saber: (1) aceitar, estar ou ficar convencido da veracidade, existência ou ocorrência de, crer; (2) supor ou intuir boas intenções, confiar; (3) julgar ou pensar possível ou provável a realização de (possibilidade ou probabilidade); (4) tornar(-se) digno de estima e confiança; (5) dar ou emprestar a (alguém) autoridade para agir em seu nome e (6) conferir poder ou autoridade a (alguém) para representar país ou instituição perante (país estrangeiro ou outra instituição), credenciar.

No caso analisado, o verbo –acreditar- contém o significado de: (1) aceitar, estar ou ficar convencido da veracidade, existência ou ocorrência de, crer. A oração subordinada substantiva tem a função sintática de objeto do estar convencido da veracidade, crer.

(13) b) Na dimensão proposicional, a oração matriz traz como informação a crença de como a votação e eleição acontecerão no futuro, “como maioria absoluta”, mantendo, assim, o sema da futuridade.

(13) c) Na dimensão pragmática discursiva o uso do gramema flexional do Presente do MS expressa, na interação eu/tu, uma atitude mental diante do fato que ocorrerá. A situação futura é sintaticamente ligada à matriz a partir da crença do sujeito enunciador.

(14) “é exatamente por isso... que nós acreditamos... que... uma sociedade democrática... **seja** um tipo de sociedade inclusive onde os sindicatos podem realmente participar... [...]” (c) (NURC/SP/REC/131)

(14) a) A seleção lexical da oração matriz é realizada com o verbo –acreditar-. Conforme HOUAISS, o verbo –acreditar- contém na unidade vocabular seis definições, em língua Portuguesa, a saber: (1) aceitar, estar ou ficar convencido da veracidade, existência ou ocorrência de, crer; (2) supor ou intuir boas intenções, confiar; (3) julgar ou pensar possível ou provável a realização de (possibilidade ou probabilidade); (4) tornar(-se) digno de estima e confiança; (5) dar ou emprestar a (alguém) autoridade para agir em seu nome e (6) conferir poder ou autoridade a (alguém) para representar país ou instituição perante (país estrangeiro ou outra instituição), credenciar.

No caso analisado, o verbo –acreditar- contém o significado de; (1) aceitar, estar ou ficar convencido da veracidade, existência ou ocorrência de, crer. A oração subordinada substantiva tem a função sintática de objeto do estar convencido da veracidade, crer.

(14) b) Na dimensão proposicional, a oração matriz traz como informação a crença de como será uma sociedade democrática na qual os sindicatos tenham, efetivamente, participação. A crença na construção dessa sociedade democrática com a participação de todos os segmentos da sociedade expressa uma confiança no futuro mantendo, assim, o sema da futuridade.

(14) c) Na dimensão da pragmática discursiva, o uso do gramema flexional do Presente do MS expressa, na interação eu/tu, uma atitude mental, ou seja, a crença do enunciador de como realmente deverá ser uma sociedade democrática.

Em síntese os resultados obtidos das análises das orações Subordinadas Substantivas apontaram-nos várias características linguísticas no uso do MS.

- a seleção lexical decorre de verbos volitivos e evidenciais para a construção da oração matriz. Esses verbos já contêm o sema de futuridade, a respeito do objeto de volição e de evidência e, por essa razão, segundo o padrão gramatical exigem a aplicação da regra do uso do Presente do MS na oração subordinada a eles;
- a caracterização dos significados das palavras sem referência à proposição e ao discurso é outra marca linguística, segundo a organização hierárquica de Givón (1993). Trata-se apenas da instância vocabular e por essa razão um mesmo vocábulo contém –n- definições;
- o Presente do MS em orações subordinadas substantivas é usado por falantes de média e alta escolaridade, pois os informantes de baixa escolaridade não usam orações subordinadas.

No que se refere ao uso de verbos volitivos e evidenciais, os resultados obtidos conferem e complementam Castilho (2010), para quem o uso do MS decorre dos verbos da oração matriz. Esses verbos podem ser: declarativos, evidenciais, volitivos e optativos, causativos, perceptivos, de inquirição e avaliativos. Todos eles contêm, semanticamente, a futuridade e a possibilidade de mundos possíveis.

---

### **3.1.2.2 Subordinadas Adverbiais**

Castilho (2010) afirma que a oração adverbial junta-se à oração matriz adicionando novas informações; e a GT classifica-as como: causal, condicional,

temporal, final, concessiva, comparativa, consecutiva, conformativa ou modal e proporcional.

### A) **Concessivas**

Para Castilho (2010), as concessivas estabelecem um contraste com a matriz. Ainda que a construção ‘embora + subjuntivo’ seja a concessiva mais frequente, essas orações podem, também, ser introduzidas pelas conjunções concessivas -se bem que-, -mesmo que-.

(15) é preciso realmente estar convencido disso e ele é uma coisa que não vai ser fácil convencer então desistimos... eu pelo menos desisti não se toca mais no assunto... mas realmente então está encerrado mas gostaríamos demais de mais filhos... embora eu **fique** quase biruta... ((risos)) (Nurc D2-SP-360-90-94)

(15) a) A seleção lexical da oração matriz é realizada com o verbo “gostar”. Conforme HOUAISS, o verbo –gostar- apresenta nove definições em língua Portuguesa, a saber: (1) achar saboroso, apreciar; (2) achar agradável, sentir prazer em, amar, apreciar; (3) dedicar amor, amizade ou simpatia a (alguém); amar, querer, estimar; (4) dar-se bem com, acomodar-se com, ser compatível com; (5) julgar bom, aprovar e (6) ter hábito, costume ou mania de.

No caso analisado, o verbo –gostar- contém o significado de: -querer-. A oração subordinada adverbial tem a função sintática de complementar informações para a oração matriz, ou seja, uma informação adicional que é expressa com a flexão do gramema do presente do MS.

(15) b) Na dimensão proposicional, a oração matriz traz como informação o querer de alguém de ter mais filhos, ainda que eles deixem esse alguém muito desorientado.

(15) c) Na dimensão da pragmática discursiva, o uso do gramema flexional do Presente do MS expressa, na interação eu/tu, a certeza de alguém a respeito da dificuldade de criar seus atuais filhos e a reafirmação da escolha de não os ter mais filhos. Dessa forma, o EU reafirma a sua decisão de não ter mais filhos e a justifica pela dificuldade que os filhos já tidos lhe causa. A concessiva adiciona a informação - embora nós queiramos ter mais filhos-. O uso do gramema flexional do Presente do MS também demonstra um contraste típico da construção concessiva. O MS na concessiva contém uma negativa à afirmação feita na oração principal; ocorre em um contexto situacional em que o falante expressa ao seu interlocutor a situação factual da sua dificuldade de criar os filhos que já tem.

## B) Finais

As adverbiais finais só se constroem com o MS ou, alternativamente, com construções com o infinitivo preposicionado. Elas expressam a intenção, o objetivo ou a finalidade contida na matriz principal. (CASTILHO, 2010 p. 377)

(16) ... eu achei que as coisas dali para frente seriam mais difíceis eu comecei o colegial... pensando...em Medicina...e pensando em contar com o meu pai... para... o custeio do estudo mas desde o momento em que eu... o perdi eu:: preferi uma carreira profissionalizante... um colegial profissionalizante para que eu **tivesse** chance de trabalhar assim... que formar não é? (Inq. Nurc/SP 360).

(16) a) A seleção lexical da oração matriz é realizada com o verbo –preferir-. Conforme HOUAISS, o verbo –preferir- contém três definições em língua Portuguesa, a saber: (1) escolher uma pessoa ou coisa entre outras, decidir-se por; (2) gostar mais de (algo ou alguém) [do que de outro ou outrem] e (3) ter preferência; ser preferido.

No caso analisado, cabe ao verbo –preferir- o significado de: (1) escolher uma pessoa ou coisa entre outras, decidir-se por. A oração subordinada tem a função sintática de complementar a informação com a finalidade pretendida pelo enunciador; tal finalidade está expressa na flexão do gramema do Pretérito Imperfeito do MS.

(16) b) Na dimensão proposicional, a oração matriz traz a informação de uma escolha feita pelo falante, no passado, com uma finalidade possível no futuro; assim, o gramema flexional do MS mantém o sema da futuridade.

(16) c) Na dimensão da pragmática discursiva, o uso do gramema flexional do Pretérito Imperfeito do MS, na interação eu/tu, expressa aquela situação do passado na qual o falante considerava as possibilidades de ocorrência que o futuro lhe reservava. O uso do Pretérito Imperfeito do MS, neste caso, contém semanticamente a futuridade e as possibilidades inerentes aos mundos possíveis.

(17) ‘...acredito que haverá mais condição para que as pessoas **possam se locomover...**’ (36)

(17) a) A seleção lexical da oração matriz é realizada com o verbo -acreditar-. Conforme HOUAISS, o verbo –acreditar- contém, na unidade vocabular, seis definições em língua Portuguesa, a saber: (1) aceitar, estar ou ficar convencido da veracidade, existência ou ocorrência de, crer; (2) supor ou intuir boas intenções, confiar; (3) julgar ou pensar possível ou provável a realização de (possibilidade ou probabilidade); (4) tornar(-se) digno de estima e confiança; (5) dar ou emprestar a (alguém) autoridade para agir em seu nome e (6) conferir poder ou autoridade a (alguém) para representar país ou instituição perante (país estrangeiro ou outra instituição), credenciar.

No caso analisado, o verbo –acreditar- contém o significado de: (1) aceitar, estar ou ficar convencido da veracidade, existência ou ocorrência de, crer.

(17) b) Na dimensão proposicional, a oração matriz traz como informação a crença a respeito de algo que poderá acontecer no futuro. A oração subordinada adverbial tem a função sintática de adicionar a finalidade (a locomoção das pessoas no futuro), e a oração matriz, a crença do falante de que algo possa ocorrer como condição necessária para a futura locomoção das pessoas. O gramema flexional do MS mantém o sema da futuridade.

(17) c) Na dimensão da pragmática discursiva o uso do gramema flexional do Pretérito Imperfeito do MS expressa, na interação eu/tu, uma atitude mental diante das possibilidades para o futuro. A situação futura é sintaticamente ligada à matriz a partir da crença do sujeito enunciador.

### C) Condicionais

Castilho (2010) apresenta três tipos semânticos de condicionais: (a) condicional real ou factual, (b) eventuais ou potenciais, (c) contrafactuais ou irrealis e (d) as condicionais que criam espaços mentais.

(18) “ Se **tivesse** um recuo para estacionar o carro, com cargas e descarga **ficaria** melhor...” (33)

(18) a) A seleção lexical da oração matriz (apódase), é realizada com o gramema flexional do Futuro do Pretérito do MInd do verbo –ficar-. Conforme HOUAISS, esse verbo apresenta vinte e oito definições, entre elas: (1) permanecer num lugar; continuar a estar num lugar; (2) continuar algum tempo em determinada atitude, gesto,

posição, situação ou estado, manter-se; (3) tomar ou permanecer em determinada disposição de espírito e (4) estar ou pôr(-se) em harmonia com, assentar, ajustar-se.

No caso analisado, o verbo –ficar- contém o significado de: (4) estar ou pôr(-se) em harmonia com, assentar, ajustar-se. O MS da subordinada encerra uma contrafactualidade possível em relação à oração matriz.

(18) b) Na dimensão proposicional, a oração condicional contém a informação de uma possibilidade de ocorrência futura. O enunciador constrói um cenário de como teria ficado melhor a carga e descarga de um veículo. Com o sema da possibilidade, a futuridade é mantida.

(18) c) Na dimensão da pragmática discursiva, o uso do gramema flexional do Pretérito Imperfeito do MS expressa, na interação eu/tu, uma atitude mental diante do que poderia ter ocorrido. No caso em análise, o uso do MS expressa uma possibilidade, uma relação não factual com o mundo atual, ou seja, a construção dos mundos possíveis. O uso do Futuro do Pretérito era designado anteriormente, antes da NGB, condicional, visto tratar-se de uma condição/condicionado (com sema de futuridade) situada no passado.

(19) “Se **tivesse tido** um planejamento... não sendo na Rua Barra Funda poderia ser na Vitorino Carmilo.. um comércio intenso de funileiros aqui e outros ramos de atividades como materiais de construção...” (37)

(19) a) A seleção lexical da oração matriz (apódase) é realizada com o gramema flexional do Futuro do Pretérito do MInd do verbo –poder-. Conforme HOUAISS, esse verbo apresenta vinte e uma definições, entre elas: (1) ter a faculdade ou a

possibilidade de; (2) possuir força física ou moral, ter influência, valimento; (3) ter autorização para; (4) ser capaz de, estar em condições de (5) correr risco de, expor-se a e (6) ter ocasião ou meio de, conseguir.

No caso analisado, o verbo –poder- contém o significado de: (1) ter a faculdade ou a possibilidade de. O MS da subordinada encerra uma contrafactualidade possível em relação à oração matriz.

(19) b) Na dimensão proposicional, a condicional traz informação de uma possibilidade (se no passado um planejamento urbano no bairro da Barra Funda ocorresse). Também, neste caso, no binômio condição/condicionado, têm-se a condição: se tivesse tido um planejamento urbano no bairro da Barra Funda; condicionado: um comércio intenso de funileiros e outros ramos de atividade estariam ocorrendo nesse bairro. Tanto a condição quanto o condicionado estão situados no passado e não ocorreram no presente.

(19) c) Na dimensão da pragmática discursiva, o uso do gramema flexional do Pretérito Mais-que-Perfeito composto do MS expressa, na interação eu/tu, uma atitude mental diante de como certa situação poderia ter ocorrido no passado, como uma melhor alternativa, segundo a opinião do falante. Nesta ocorrência o gramema flexional do Pretérito-mais-que perfeito do MS indica morfológicamente o valor modal de possibilidade. Por se tratar, no caso analisado, do não factual na relação entre o passado e o presente, projeta-se a construção dos mundos possíveis.

(20) “Se **acontecesse** com você... você se sentiria da mesma maneira...” (40)

(20) a) A seleção lexical da oração matriz (apódase), é realizada com o gramema flexional do Futuro do Pretérito do MInd do verbo –sentir-. Conforme HOUAISS, esse verbo apresenta treze definições, entre elas: (1) ter a sensação de, perceber por meio dos sentidos; (2) ter capacidade de percepção, consciência, sensibilidade (física ou moral) etc.; (3) apresentar-se (em determinada condição física, mental, espiritual); (4) ser sensível a, deixar-se impressionar por e (5) entreouvir pressentir, adivinhar, pressagiar, prever.

No caso analisado, o verbo –sentir- contém o significado de: (2) ter capacidade de percepção, consciência, sensibilidade (física ou moral). O MS da subordinada encerra uma contrafactualidade possível em relação à matriz.

(20) b) Na dimensão proposicional, a condicional traz informação de uma possibilidade. Nesse caso, o falante informa a respeito de dois binômios sintático-semânticos. O primeiro, de causa/consequência: causa - algo aconteceu com alguém e a consequência – alguém se sentiu mal. O outro binômio é de condição/condicionado: condição - se esse algo tivesse acontecido com você; condicionado - você se sentiria mal como eu. O uso da expressão -da mesma maneira- funciona como elemento de relação entre esses dois binômios analisados. Mantém-se, assim, o sema de futuridade devido à possibilidade informada.

(20) c) Na dimensão da pragmática discursiva, o uso do gramema flexional do Pretérito Imperfeito do MS expressa, na interação eu/tu, uma atitude mental de empatia: o fato poderia acontecer com o interlocutor. O uso MS indica uma contrafactualidade possível. No caso em análise, esse uso expressa o não factual

(condição/condicionado) em relação ao factual, ou seja, causa e consequência. Dessa relação, o falante constrói, no seu enunciado, a projeção de mundos possíveis.

(21) “Aqui já tá difícil de estacionar... já não tem mais estacionamento... caso **implantem** vai ser inútil...” (41)

(21) a) A seleção lexical da oração condicional é realizada com o gramema flexional do Presente do MS com o verbo –implantar-. Conforme HOUAISS, o verbo -implantar- contém na unidade vocabular cinco definições em língua Portuguesa, a saber: (1) plantar[-se] (alguma coisa) [em], inserir(-se), enraizar(-se); (2) iniciar e promover o desenvolvimento de (algo ou de si mesmo), estabelecer(-se); (3) elevar ou prender ao topo de, içar, hastear, arvorar; (4) demarcar, localizar (prédios etc.) e (5) introduzir (implante) [em].

No caso analisado, o verbo –implantar- contém o significado de: (2) iniciar e promover o desenvolvimento de algo.

(21) b) Na dimensão proposicional, a oração matriz traz como informação a crença a respeito de algo que poderá acontecer no futuro. Neste caso, o falante informa a respeito de dois binômios sintático-semânticos. O primeiro, de causa/consequência; causa não ter mais estacionamento, consequência – ficar difícil estacionar o carro na região. O outro binômio é de condição/condicionado: condição - a implantação da ciclovia; condicionado - a inutilidade dessa implantação. O uso do Presente do MInd em lugar do uso do Presente do MS possibilita a informação dos dois binômios analisados pela localização temporal acontecido/acontecível.

(21) c) Na dimensão da pragmática discursiva, o uso do gramema flexional do Presente MS expressa, na interação eu/tu, uma atitude mental de certeza do falante (a inutilidade da implantação), por já não haver mais espaço nas ruas para o estacionamento de carros. O uso MS indica uma contrafactualidade possível. No caso em análise, esse uso expressa o não factual: a implantação futura das ciclovias na cidade de São Paulo. Dessa forma, o falante constrói no seu enunciado, a projeção de mundos possíveis a partir da sua opinião contrária a respeito da implantação futura das ciclovias.

(22) “Que nem agora né? eu fui em S.Miguel pegar um remédio prá esposa lá, eu ia de carro né... Se eu fosse de carro eu ia gastar mais de 45 minutos... porque o trânsito está parado aí...de bicicleta eu fui e voltei em menos de 20 minutos.”(45)

(22) a) A seleção lexical da oração matriz (apódase) é realizada com a locução verbal: o gramema flexional do Pretérito Imperfeito do MIInd do verbo –ir- + infinitivo do verbo –gastar-. O verbo –ir- apresenta um conteúdo vocabular muito amplo em língua Portuguesa, resultado de várias ressemantizações. O dicionário HOUAISS apresenta vinte e nove definições, entre elas: (1) deslocar-se de um lugar a outro; (2) apresentar-se (em determinada condição física, emocional, material), passar, estar; (3) correr de modo determinado, desenvolver-se; (4) transcorrer (como um todo); (5) decorrer, desenrolar-se e (6) alcançar determinado resultado (favorável ou não), sair-se.

No caso analisado, cabe ao verbo –ir- o significado de: (3) correr de modo determinado, desenvolver-se. O MS da subordinada encerra uma contrafactualidade possível em relação à matriz.

(22) b) Na dimensão proposicional, a oração matriz traz como informação a certeza a respeito da quantidade de tempo gasto para se locomover de bicicleta com o trânsito parado. Neste caso, o falante informa a respeito de dois binômios sintático-semânticos. O primeiro, de causa/consequência: causa - ir de bicicleta com o trânsito parado a S. Miguel; consequência – voltar para casa em menos de 20 minutos. O outro, de condição/condicionado: condição – ir de carro a S. Miguel com o trânsito parado; condicionado - gastar mais de quarenta e cinco minutos. O uso do Pretérito Imperfeito do MS e do MInd possibilita a informação dos dois binômios analisados pela localização temporal acontecido/acontecível.

(22) c) Na dimensão da pragmática discursiva, o uso do gramema flexional do Pretérito Imperfeito do MS expressa, na interação eu/tu, uma atitude mental de certeza do falante de gastar maior tempo para se locomover até S. Miguel indo de carro. O uso do MS indica uma contrafactualidade possível. No caso em análise, esse uso expressa o não factual (se eu fosse de carro). Dessa forma, o falante constrói no seu enunciado, a projeção de mundos possíveis, a partir da sua opinião a favor da implantação futura das ciclovias na cidade de São Paulo.

(23) “Se **tivesse** condição... iria trabalhar de transporte público.” (52)

(23) a) A seleção lexical da oração matriz é realizada com a locução verbal: o gramema flexional do Futuro do Pretérito do MInd do verbo –ir- + infinitivo do verbo –trabalhar-. O verbo –ir- apresenta um conteúdo vocabular muito amplo, em língua Portuguesa, resultado de várias ressemantizações das vinte e nove definições apresentadas por HOUAISS: (1) deslocar-se de um lugar a outro; (2) apresentar-se (em determinada condição física, emocional, material), passar, estar; (3) correr de

modo determinado, desenvolver-se; (4) transcorrer (como um todo); (5) decorrer, desenrolar-se e (6) alcançar determinado resultado (favorável ou não), sair-se. No caso analisado, o verbo –ir- contém o significado de: (1) deslocar-se de um lugar a outro. O MS da subordinada encerra uma contrafactualidade possível em relação à matriz.

(23) b) Na dimensão proposicional, a oração condicional contém a informação de uma possibilidade de ocorrência futura (ter condições de deslocamento rápido). O falante informa a sua preferência pelo transporte público para se deslocar até o trabalho, mas não toma tal decisão pelas péssimas condições oferecidas pelo transporte público na cidade de São Paulo. Com o sema da possibilidade, a futuridade é mantida.

(23) c) Na dimensão da pragmática discursiva, o uso do gramema flexional do Pretérito Imperfeito do MS expressa, na interação eu/tu, uma atitude mental diante de possibilidade. No caso em análise, o uso do MS expressa uma relação não factual com o mundo atual, ou seja, a construção dos mundos possíveis. O uso do Futuro do Pretérito (iria) era designado anteriormente, antes da NGB, condicional, visto tratar-se de uma condição/condicionado (com sema de futuridade) situada no passado. A construção de um outro mundo possível está a serviço tanto de justificativa quanto de cobrança de melhores condições de transporte público.

(24) foi circunstâncias que não favoreceram eu não::...não consegui no Itamarati...( ) não não consegui não...nem cheguei a tentar... acrescido do fato que que aí depois soube que para mulher era muito difícil que eles quase não admitiam era difícilimo et cetera et cetera... e aí faltou ânimo para tentar para valer... eu acho que aí se eu tivesse tentado teria conseguido ((risos)) os interesses começam... a se:: (Inq. Nurc/SP 360)

(24) a) A seleção lexical da oração matriz (apódase), é realizada com o gramema flexional do Futuro do Pretérito Composto do MS do verbo –ter-. O verbo –ter- apresenta um conteúdo vocabular muito amplo em língua Portuguesa resultado de várias ressemantizações. Segundo o dicionário HOUAISS, há quarenta definições, entre elas: (1) entrar na posse de, receber; (2) estar na posse, ser proprietário ou estar no gozo de; (2) possuir, usufruir; (3) ser a causa de estar ou existir; ser visitado, presenciado etc. por; (4) gozar de (certa condição, privilégio, direito); (5) manter vinculação de determinado tipo (p.ex., de parentesco, hierárquica, afetiva) com e (6) levar a efeito, efetuar, realizar.

No caso analisado, o verbo –ter- contém o significado de: (6) levar a efeito, efetuar, realizar. O MS da subordinada encerra uma contrafactualidade possível em relação à oração matriz.

(24) b) Na dimensão proposicional, a condicional traz informação de possibilidade. Também, neste caso, há uma projeção de mundos possíveis, ou seja, informa a respeito do que seria possível de ter acontecido, caso o enunciador tivesse feito uma outra escolha. O sema de possibilidade se mantém.

(24) c) Na dimensão da pragmática discursiva, o uso do gramema flexional do Pretérito Imperfeito do MS expressa, na interação eu/tu, uma atitude mental diante da possibilidade de ocorrência de uma decisão do falante no passado. O enunciador apresenta outra possibilidade com uma relação não factual com o mundo atual. O uso do MS relaciona-se com as possibilidades não vividas no passado, de como as coisas poderiam ter sido. A possibilidade destacada pelo falante expressa um certo

arrependimento pela escolha feita anteriormente, à luz do presente, no tempo real. Essa possibilidade do passado projeta mundos possíveis.

Em síntese, os resultados obtidos das análises das orações Subordinadas Adverbiais apontaram-nos várias características linguísticas no uso do MS.

- a seleção lexical de verbos para a construção da oração matriz está diretamente relacionada aos binômios sintático-semânticos de meio/fim e condição/condicionado, sendo portanto, verbos volitivos ou evidenciais;

- esses binômios são inseridos na oração matriz, sendo que, no caso de meio/fim, a oração matriz expressa a intenção, o objetivo ou o meio para a oração subordinada com o sema da finalidade. Concluindo, a seleção lexical dos verbos da oração matriz são, por exemplo: achar, acreditar, preferir etc.;

- na dimensão lexical, o enunciador seleciona, entre as predicções contidas no vocábulo, uma delas para organizar o seu enunciado, desde que o sema da futuridade esteja presente;

- na dimensão proposicional, o falante expressa a sua informação para o ouvinte.

O uso do MS ocorre na construção das informações que o falante transmite a seu interlocutor, de forma que o uso do MS apresenta variação para a atitude do falante como por exemplo: a certeza, o desejo, a opinião favorável, a possibilidade etc., variações relacionadas ao sema da futuridade. Assim, o enunciador constrói, na dimensão informativa, uma opinião para o seu interlocutor, seja ela favorável ou desfavorável.

Na dimensão da pragmática discursiva, o uso do MS no Presente e no Pretérito e no Futuro do Pretérito composto, por conterem o sema da futuridade, projetam mundos possíveis; no mundo possível -1-, uma possibilidade e no mundo possível -

2”- outra possibilidade, ambas expressões da incerteza do futuro em relação ao não acontecido, ou seja, o não factual.

Esses resultados obtidos conferem e complementam a posição de Castilho (2010, p.372), para quem a oração adverbial funciona como adjunção ao verbo da sentença matriz, ou seja, há uma associação entre o verbo da matriz e a subordinada adverbial.

---

### 3.1.3 O MS em orações introduzidas por *talvez*

A tradição gramatical prescreve o MS na expressão de dúvida, geralmente precedido do advérbio *talvez*.

Castilho (2010) considera esse advérbio um modalizador epistêmico quase asseverativo, ou seja, expressa uma avaliação do falante como uma hipótese. O autor afirma, ainda, que é uma forma de o falante não assumir responsabilidade sobre a proposição.

(25) e MAIS uma vez eu... eu vejo a influência do clima e tudo mais... se é um clima chuvoso talvez até me ajude. (NURC 245)

(25) a) Na dimensão lexical, o verbo selecionado pelo enunciador é –ajudar-. Conforme HOUAISS, o verbo –ajudar- contém, na unidade vocabular, cinco definições em língua Portuguesa, entre elas: (1) prestar socorro, assistência - auxiliar, assistir; (2) auxiliar (a si mesmo ou mutuamente); (3) valer-se, aproveitar-se, servir-se; (4) tornar mais fácil; facilitar, propiciar e (Regionalismo: Nordeste do Brasil) nos engenhos de açúcar realizar a operação de ajuda ('adição').

No caso analisado, o verbo –ajudar- contém o significado de: (4) tornar mais fácil; facilitar, propiciar. O MS relacionado a *talvez* insere, no enunciado, o sema da futuridade.

(25) b) A dimensão proposicional traz informação de que um clima chuvoso pode trazer ajuda para o enunciador realizar algo. O sema de futuridade se mantém na informação pois se trata do não factual.

(25) c) Na dimensão da pragmática discursiva, o uso do gramema flexional do Presente do MS expressa, na interação eu/tu, uma modalização epistêmica quase asseverativa, visto expressa uma avaliação do falante a respeito de algo que pode vir a acontecer. O uso do MS com –talvez- projeta os mundos possíveis: é possível, sim, que ajude e é possível que não ajude.

(26) **Talvez** você **possa** dizer mais alguma coisa do que eu nesse campo...  
(NURC 1020)

(26) a) Na dimensão lexical, o verbo selecionado pelo enunciador é –poder-. Conforme HOUAISS, esse verbo apresenta vinte e uma definições, entre elas: (1) ter a faculdade ou a possibilidade de; (2) possuir força física ou moral, ter influência, valimento; (3) ter autorização para; (4) ser capaz de, estar em condições de (5) correr risco de, expor-se a e (6) ter ocasião ou meio de, conseguir.

No caso analisado, -poder- contém o significado de: (4) ser capaz de, estar em condições de. O MS relacionado a *talvez* insere, no enunciado, o sema da futuridade.

(26) b) A dimensão proposicional traz informação de uma avaliação do falante como uma hipótese de que alguém tenha o poder de dizer algo a mais do que ele no campo tratado. O sema de futuridade se mantém na informação, já que se trata do não factual.

(26) c) Na dimensão da pragmática discursiva, o uso do gramema flexional do Presente do MS expressa, na interação eu/tu, uma avaliação do enunciador apresentada como uma hipótese a respeito do poder que o outro tem de dizer algo mais, ou seja, de ter maior domínio sobre o assunto. O uso do MS com –talvez- projeta os mundos possíveis: é possível sim que o outro tenha mais contribuição a dar a respeito de uma questão e é possível que não a tenha.

Em síntese, todos os casos analisados com o uso do MS antecedido por *talvez* seguem a GT. Não foi encontrado nenhum caso com a presença de *talvez* sem a ocorrência do MS nas GT consultadas que sublinham o uso do padrão gramatical normativo.

O MS relacionado a *talvez* insere, no enunciado, o sema da futuridade.

---

### 3.2 O MS pelo MInd

Mattoso Camara (1956), ao se debruçar sobre o MS, já o considerava uma categoria conceitualmente -vaga e difusa- que só ganha nitidez no contraste com o indicativo. Em outros termos, o autor assume a constatação do enfraquecimento do modo subjuntivo nas línguas ocidentais e a consequente elevação do indicativo à posição da forma modal por excelência.

O autor ressalta o caso do imperativo, em que, embora se mantenha mais autônomo, ocorre nele uma tendência de substituição pelas formas indicativas. Cita o caso do português no Brasil que, ao invés do uso das expressões: - me diga, me faça o favor, me passe uns cobres -, usa-se: - me diz, me faz favor, me passa uns cobres- .

---

### 3.2.1 O MS pelo MInd no Imperativo

Pela regra gramatical, na 1ª e 3ª o MS forma o imperativo na 1ª e 3ª pessoas do singular e plural, e o Presente do Indicativo nas 2ªs. pessoas do singular e plural. Segundo Castilho (2010 p. 439), a substituição do –tu- por –você- mudou, radicalmente, a situação dos pronomes pessoais no PB. O pronome pessoal –você-, derivado de Vossa Mercê, é um pronome discursivamente da 2ª. pessoa, mas gramaticalmente da 3ª. pessoa e, portanto, nela conjugado. Da mesma forma, -vós- por -os senhores-, e –nós- por -a gente-, que também levam o verbo para a 3ª. pessoa. O autor justifica, assim, os usos do MS e o MInd nessas construções.

Para Castilho (2010, p. 328), no PB do Centro-Oeste, Sul e Sudeste, no uso, o MI vai substituindo gradativamente o Imperativo e o MS.

- (27) (1) "**Faz** você. Eu não sei fazer café." (8)
- (9) "**Fica** tranquilo, eu tranquei a casa." (9)
- (10) "Não **faz** rodeios com metáforas." (10)
- (11) "**Deixa** ela decidir tudo. **Faça** como eu." (11)
- (12) "**Fica** mais um pouco", ela pediu. (12)
- (13) "**Vem** comigo" (13)
- (14) "Vaca, piranha. **Vai** pra cozinha, filha da mãe!" (14)
- (15) "**Baixa** um pouco, vai", ela pediu. (15)
- (16) "**Abaixa**...", ela adocicou a voz. (16)
- (17) "Para mim pagar essa conta, vai pesar no orçamento. **Bebe** este vinho com gosto, curtindo cada gota!" (17)
- (19) "Se não achar, **liga** para o Rômulo." (19)
- (20) "Esta rua é a mais congestionada. **Vai** pela faixa da direita." (20)

Os exemplos elencados no caso (27) são semelhantes e serão analisados conjuntamente. Esses exemplos são transcrições de falas coloquiais coletadas no livro “*As verdades que ela não diz*”, do autor Marcelo Rubens Paiva.

(27) a) Na seleção lexical, são selecionados vários verbos com o significado de solicitação: -faz, você eu não sei fazer café-; de orientação: -não faz rodeios com metáforas-, -deixa ela decidir-, -faça como eu-, -se não achar, liga para o Rômulo-, -esta rua é a mais congestionada, vai pela faixa da direita-; de pedido: -fica mais um pouco-, -vem comigo-, -abaixa um pouco, vai-; de agressão: -vaca, piranha-, -vai pra cozinha, filha da mãe-; de conforto: -fica tranquilo, que tranquei a porta-. Em todos esses casos, o gramema flexional do Presente do MInd tem a função de expressar o modo imperativo, não contendo a ordem.

27 b) Na dimensão construção proposicional, o falante informa a seu interlocutor a respeito de algo modalizado com diferentes sentidos, tais como solicitação, pedido, orientação etc.

(27) c) Na dimensão da pragmática discursiva, o uso do gramema flexional do Presente do MInd tem a função de substituir a ordem por outras modalidades, como foi indicado acima.

Conforme Silveira (1998), um dos traços culturais do brasileiro é a cortesia, de sorte que, na dimensão da pragmática discursiva, o brasileiro usa o MInd com a função de imperativo, sem conter –ordem-, utilizando outras formas que, nos casos analisados, é a substituição do MS pelo Mind. Trata-se de um caso de

gramaticalização do Imperativo > MInd. A relação pragmático-discursiva entre esses dois participantes é de intimidade e informalidade e ocorre no uso de falantes com níveis de escolaridades diferentes.

Os resultados obtidos do uso do MInd com função de modo imperativo indicam que:

- a seleção da morfologia verbal sofre pressão da relação pragmático-discursiva. O uso do MInd ocorre em um contexto situacional dialógico, também designado por Halliday (2004), como metafunção interpessoal;
- o MInd, até por ser uma categoria não marcada e mais simples de se apreender cognitivamente, representa proximidade e intimidade;
- a ocorrência do MInd com falantes de todos os níveis de escolaridade em situação presencial e de proximidade, é frequente.

---

### 3.2.2 O MS pelo MInd nas orações Subordinadas Substantivas

Nas orações Subordinadas Substantivas o MInd usado com função de MS, ocorre com verbos evidenciais e volitivos na oração matriz.

#### A) Com verbos evidenciais na matriz

Como já foi indicado, os verbos evidenciais são verbos cognitivos de atividade mental e se relacionam à modalidade epistêmica. Expressam percepção, cognição e atitude mental diante do fato a ser enunciado.

(28) ".. acho que **deve** sim, ajudar os pedestres..." (2)

(28) a) A seleção lexical da oração matriz é realizada com o verbo –achar-. Conforme HOUAISS, o verbo –achar- contém na unidade vocabular dez definições em língua Portuguesa, entre elas: (1) encontrar por ter procurado ou por acaso; (2) realizar (algo novo), descobrir; (3) estar em determinado local ou situação, encontrar-se; (4) ter impressão ou opinião, considerar e (5) afirmar por julgamento voluntário, julgar.

No caso analisado, ao verbo –achar- cabe o significado de: (5) afirmar por julgamento voluntário, julgar.

(28) b) Na dimensão proposicional, a oração matriz traz como informação o julgamento do enunciador a respeito da obrigação de se proteger o mais fraco, de maneira que as providências devem ser tomadas o mais rápido possível no futuro próximo. Assim, é mantido o sema da futuridade na informação.

(28) c) Na dimensão da pragmática discursiva, o uso do gramema flexional do Presente do MInd expressa, na interação eu/tu, uma atitude mental diante do fato que tem necessidade de ocorrer. Sendo assim, o uso do tempo presente relaciona-se ao factual, à necessidade informada. O falante quer imprimir, intencionalmente, na fala, a sua certeza sobre a necessidade informada.

(29) “Acredito que ele **privilegia** o controle da poluição, pois reutiliza a água....” (24)

(29) a) A seleção lexical da oração matriz é realizada com o verbo –acreditar-. Conforme HOUAISS, o verbo –acreditar- contém na unidade vocabular seis definições em língua Portuguesa, a saber: (1) aceitar, estar ou ficar convencido da veracidade, existência ou ocorrência de, crer; (2) supor ou intuir boas intenções, confiar; (3) julgar

ou pensar possível ou provável a realização de (possibilidade ou probabilidade); (4) tornar(-se) digno de estima e confiança; (5) dar ou emprestar a (alguém) autoridade para agir em seu nome e (6) conferir poder ou autoridade a (alguém) para representar país ou instituição perante (país estrangeiro ou outra instituição), credenciar.

No caso analisado, o verbo –acreditar- contém o significado de: (1) aceitar, estar ou ficar convencido da veracidade, existência ou ocorrência de, crer.

(29) b) Na dimensão proposicional, a oração matriz traz como informação o convencimento do informante a respeito do que alguém privilegia como controle da poluição. Assim, trata-se de algo que já está acontecendo no presente e, por essa razão, é mantido o sema da factualidade na informação.

(29) c) Na dimensão da pragmática discursiva, o uso do gramema flexional do Presente do MInd expressa, na interação eu/tu, uma atitude mental diante do fato que já ocorre. O uso do MInd, neste contexto, tem a função de expressar a certeza do falante em relação ao que já vem ocorrendo. A factualidade da situação é sintaticamente ligada à matriz a partir da certeza do sujeito enunciador, decorrente da validade do que vem sendo realizado.

(30) “Eu não acho que a gente **deve** chamar só os alunos iniciantes, não, a gente deve chamar todas as classes.” (25)

(30) a) A seleção lexical da oração matriz é realizada com o verbo –achar-. Conforme HOUAISS, o verbo –achar- contém, na unidade vocabular, dez definições em língua Portuguesa, entre elas: (1) encontrar por ter procurado ou por acaso; (2) realizar (algo

novo), descobrir; (3) estar em determinado local ou situação, encontrar-se: (4) ter impressão ou opinião, considerar e (5) afirmar por julgamento voluntário, julgar.

No caso analisado, cabe ao verbo –achar- o significado de: (5) afirmar por julgamento voluntário, julgar.

(30) b) Na dimensão proposicional, a oração matriz traz como informação o julgamento do enunciador a respeito de algo, no caso a necessidade de se chamar todas as classes e não apenas as dos alunos iniciantes. Por se tratar do julgamento de uma necessidade, o sema da futuridade está mantido e se relaciona ao não factual.

(30) c) Na dimensão da pragmática discursiva, o uso do gramema flexional do Presente do MIInd tem por função, na interação eu/nós, expressar a atitude mental de certeza frente a um fato que tem a necessidade de ocorrer. Por esse motivo, o uso do tempo presente expressa o factual, ainda que no futuro. A situação é colocada no presente e ligada à matriz a partir da certeza do sujeito enunciador.

(31) “Tô achando ótimo a ampliação de uma ciclovia que **melhora** a segurança...” (39)

(31) a) A seleção lexical da oração matriz é realizada com o verbo –achar-. Conforme HOUAISS, o verbo –achar- contém na unidade vocabular dez definições em língua Portuguesa, entre elas: (1) encontrar por ter procurado ou por acaso; (2) realizar (algo novo), descobrir; (3) estar em determinado local ou situação, encontrar-se: (4) ter impressão ou opinião, considerar e (5) afirmar por julgamento voluntário, julgar.

No caso analisado, o verbo –achar- contém o significado de: (5) afirmar por julgamento voluntário, julgar.

(31) b) Na dimensão proposicional, a oração matriz traz como informação o julgamento do enunciador que avalia de forma positiva a ampliação de uma ciclovia. Na oração subordinada, ocorre a informação de que esta ampliação melhorará a segurança. Assim, é mantido o sema da futuridade na informação.

(31) c) Na dimensão da pragmático-discursiva, o uso do gramema flexional do Presente do MIInd tem a função de expressar, na interação eu/tu, a atitude mental de certeza em um julgamento favorável à ampliação da ciclovia. O uso do MIInd estabelece uma relação de causa e consequência, sendo a causa: a ampliação da ciclovia, e a consequência: a melhoria da segurança. Esse binômio sintático-semântico está sendo expresso com a função de modalizar pela certeza o que está sendo enunciado. Assim, a factualidade representada na ampliação da ciclovia é ligada sintaticamente à oração matriz em decorrência da certeza que modaliza o sujeito enunciador.

(32) “Acredito que aqui **tem** espaço pros dois...”

(32) a) A seleção lexical da oração matriz é realizada com o verbo –acreditar-. Conforme HOUAISS, o verbo –acreditar- contém na unidade vocabular seis definições em Língua Portuguesa, a saber: (1) aceitar, estar ou ficar convencido da veracidade, existência ou ocorrência de, crer; (2) supor ou intuir boas intenções, confiar; (3) julgar ou pensar possível ou provável a realização de (possibilidade ou probabilidade); (4) tornar(-se) digno de estima e confiança; (5) dar ou emprestar a (alguém) autoridade

para agir em seu nome e (6) conferir poder ou autoridade a (alguém) para representar país ou instituição perante (país estrangeiro ou outra instituição), credenciar.

No caso analisado, o verbo –acreditar- contém o significado de: (1) aceitar, estar ou ficar convencido da veracidade, existência ou ocorrência de, crer.

(32) b) Na construção proposicional, a oração matriz traz como informação a crença a respeito de algo que já acontece no presente. Assim, é mantido o sema da factualidade.

(32) c) Na dimensão da pragmática discursiva, o uso do gramema flexional do Presente do MInd expressa, na interação eu/tu, uma atitude mental diante do fato que, na opinião do falante, já ocorre. No uso do MInd, em um contexto em que prescritivamente o MS seria indicado, o falante pretende situar discursivamente sua fala no tempo da realidade, no agora, no factual. O falante imprime na sua fala a sua crença da certeza no que está enunciando. A factualidade da situação é sintaticamente ligada à matriz a partir da crença do sujeito enunciador.

(33) por exemplo a cooperativa dos usineiros... acredito que ela presta... aos usineiros... informações sobre: o mercado... (NURC/SP/REC/131) (b)

(33) a) A seleção lexical da oração matriz é realizada com o verbo –acreditar-. Conforme HOUAISS, o verbo –acreditar- assume seis definições vocabulares em língua Portuguesa, a saber: (1) aceitar, estar ou ficar convencido da veracidade, existência ou ocorrência de, crer; (2) supor ou intuir boas intenções, confiar; (3) julgar ou pensar possível ou provável a realização de (possibilidade ou probabilidade); (4) tornar(-se) digno de estima e confiança; (5) dar ou emprestar a (alguém) autoridade

para agir em seu nome e (6) conferir poder ou autoridade a (alguém) para representar país ou instituição perante (país estrangeiro ou outra instituição), credenciar.

No caso analisado, o verbo –acreditar- contém o significado de: (1) aceitar, estar ou ficar convencido da veracidade, existência ou ocorrência de, crer.

(33) b) Na dimensão proposicional, a oração matriz traz como informação a crença a respeito de algo que já acontece no presente. Assim é mantido o sema da facticidade.

(33) c) Na dimensão da pragmática discursiva, o uso do gramema flexional do Presente do MIInd expressa, na interação eu/tu, uma atitude mental de certeza, de facticidade diante do fato que, na opinião do falante, já ocorre. O falante imprime na sua fala a sua crença da certeza do que está enunciando. A facticidade da situação é sintaticamente ligada à matriz a partir da crença do sujeito enunciadador.

## B) Com verbos volitivos na matriz

Como já foi indicado, os verbos volitivos se relacionam à modalidade da vontade, expressam a atitude subjetiva de vontade ou desejo.

(34) ...me **deseja** sorte! (26)

Essa oração autônoma, acima exemplificada, tem implícita uma matriz com o verbo –pedir- (eu peço que ...) e expressa o valor semântico de pedido.

(34) a) A seleção lexical da oração matriz é realizada com o verbo –pedir-. Conforme HOUAISS, o verbo –pedir- contém, na unidade vocabular, oito definições em língua

Portuguesa, entre elas: (1) rogar que conceda, solicitar; (2) suplicar, implorar; (3) exigir, reclamar; (4) requerer, demandar e (5) querer, necessitar.

No caso analisado, o verbo –pedir- contém o significado de; (1) rogar que conceda, solicitar. A oração subordinada tem a função sintática de objeto do que está sendo requerido.

(34) b) Na dimensão proposicional, a oração matriz traz como informação o pedido de quem fala para que lhe seja desejado algo, no caso um desejo de boa sorte agora, para algo que ocorrerá no futuro. Assim, é mantido o sema da futuridade na informação.

(34) c) Na dimensão da pragmática discursiva, o uso do gramema flexional do Presente do MInd expressa, na interação eu/tu, uma solicitação para que o outro lhe deseje agora, no presente, uma boa sorte quanto a algo que ocorrerá no futuro. O falante encontra-se em um contexto situacional de fragilidade, em uma situação emocional de insegurança. O uso do MInd também revela uma informalidade e intimidade na relação do falante com o interlocutor. Assim, a factualidade é representada no pedido implícito na oração matriz e liga as duas orações.

(35) “O professor quer que eu **pego** as teorias sobre o tema... (53)

(35) a) A seleção lexical da oração matriz é realizada com o verbo -querer-. Conforme HOUAISS, o verbo –querer- contém, na unidade vocabular, vinte e uma definições em língua Portuguesa, entre elas:(1) ter o desejo ou a intenção de; tencionar, projetar; (2) desejar que (alguém) esteja ou desejar estar em determinada situação, posição, estado etc.; (3) desejar com especial interesse; aspirar, pretender; (4) aspirar ou

desejar adquirir ou possuir; (5) fazer tenção de; ensaiar, tentar, procurar; (6) ter em mente (como objetivo) quanto a; pretender, desejar e (7) ter simpatia, amizade ou afeto por.

No caso analisado, o verbo -querer- contém o significado de: (3) desejar com especial interesse; aspirar, pretender.

(35) b) Na dimensão proposicional, a oração matriz como informação o que é solicitado pelo falante ao seu interlocutor, no caso as orientações de um professor para que trabalhe com as teorias sobre o tema. Assim, é mantido o sema da futuramente na informação.

(35) c) Na dimensão da pragmática discursiva, o uso do gramema flexional do Presente do MInd, na interação eu/tu, transmite ao interlocutor o que o outro espera do falante, no caso como o professor orientou seu trabalho. Também nesse caso o uso MInd revela não só uma informalidade e intimidade na relação do falante com seu interlocutor, como também a pressão do factual, do tempo real.

(36) ...você liga para o dentista ou quer que eu **faço** isso? (conversa entre mãe e filha 23/04/2015) (58)

(36) a) A seleção lexical da oração matriz é realizada com o verbo -querer-, que conforme HOUAISS, contém, na unidade vocabular, vinte e uma definições em Língua Portuguesa, entre elas:(1) ter o desejo ou a intenção de; tencionar, projetar; (2) desejar que (alguém) esteja ou desejar estar em determinada situação, posição, estado etc.; (3) desejar com especial interesse; aspirar, pretender; (4) aspirar ou desejar adquirir

ou possuir; (5) fazer tenção de; ensaiar, tentar, procurar; (6) ter em mente (como objetivo) quanto a; pretender, desejar e (7) manifestar a própria vontade com decisão.

No caso analisado, o verbo –querer- contém o significado de: (7) manifestar a própria vontade com decisão.

(36) b) Na dimensão proposicional, a oração matriz traz como informação a solicitação de um posicionamento do enunciador ao seu interlocutor sobre quem se encarregará de uma determinada tarefa. O sema da futuridade se mantém na informação de que algo deverá ser feito por alguém.

(36) c) Na dimensão da pragmática discursiva, o uso do gramema flexional do Presente do MInd expressa, na interação eu/tu, o que está sendo pedido, a decisão de alguém sobre quem fará uma determinada tarefa. Também nesse caso, o uso MInd revela uma informalidade e intimidade na relação do falante com o interlocutor, além da pressão do factual, do tempo real, sobre o que deverá ser feito.

Em síntese, os resultados obtidos do uso do MS pelo MInd nas orações Subordinadas Substantivas indicam que:

- O MInd é usado com a função de expressar a certeza do falante a respeito do que ocorrerá necessariamente no futuro;
- Na dimensão lexical, a relação estabelecida entre o verbo selecionado e a oração matriz é feita por meio da expressão da afirmação por julgamento, da crença da veracidade de algo, do desejar com especial interesse, da solicitação e da manifestação da vontade;

- Na dimensão proposicional, é a informação dada com a certeza de quem fala, ainda que ela remeta ao tempo futuro, comprovado pelo sema da futuridade;
- Na dimensão pragmática discursiva, na relação eu/tu, ratifica-se a emissão de uma opinião, de um julgamento, positivo ou negativo a respeito de algo e esse julgamento está modalizado pela certeza de quem fala.

## Considerações Finais

---

Para finalizar essa dissertação, são retomados os objetivos que orientaram a realização desse trabalho.

Objetivo (1): verificar o uso do Presente do MS. Os resultados obtidos das análises indicam que este objetivo foi atingido:

O presente do MS é guiado pelo uso padrão normativo e ocorre com falantes de médio e alto nível de escolaridade.

Esse uso foi verificado:

- no modo imperativo com valor de ordem. Nesse uso, no PB, ocorre quando o falante representa o papel de autoridade na relação interacional eu/tu. Verificamos, também, o uso do modo imperativo com o Presente do MS em situações contextuais em que ocorre a desativação da ordem e a ativação de outros valores interacionais, tais como: a solicitação, o aconselhamento e a orientação, pois nesses valores o sema da futuridade mantém-se. Verificamos, ainda, que o uso do MS para a formação do modo imperativo é realizado com a terceira pessoa do singular, pois –tu- é substituído por você, na região geográfica pesquisada;
- em orações subordinadas substantivas. Esse uso do MS na oração subordinada substantiva decorre da seleção lexical dos verbos volitivos e evidenciais para a construção da oração matriz. Tais verbos já contêm o sema de futuridade, a respeito do objeto de volição e de evidência e, por essa razão, segundo o padrão gramatical, exigem a aplicação da regra do uso do Presente do MS na oração subordinada a eles;
- em orações subordinadas adverbiais. Esse uso na adverbial ocorre para a manifestação de binômios sintático-semânticos de meio/fim e condição/condicionado. Esses binômios contêm o sema de futuridade e de mundos possíveis;

- na ocorrência do advérbio –talvez-: o uso do Presente do MS segue a regra do uso padrão gramatical, pois mantém o sema de futuridade de mundos possíveis.

Objetivo (2): examinar quando o Presente do MInd é usado com a função do MS. Os resultados obtidos das análises indicam que esse objetivo, também, foi alcançado:

O presente do MInd pelo Presente do MS ocorre:

- no uso do MInd com função de modo imperativo. Nesse uso a seleção morfológica verbal sofre pressão da relação pragmático-discursiva. Nesses casos, o uso do MInd ocorre em um contexto situacional dialógico, também designado por Halliday (2004), como metafunção interpessoal. Para Halliday, a metafunção ideacional é, ao mesmo tempo, interativa e pessoal, pela qual o falante participa do processo de interação pela fala, expressando seu mundo exterior e interior. Consideramos ainda que o MInd, até por ser uma categoria não marcada e mais simples de se apreender cognitivamente, represente proximidade e intimidade. Esses casos de uso do MInd com função de modo imperativo ocorrem com falantes de todos os níveis de escolaridade, em situação presencial e de proximidade;

- em orações subordinadas substantivas. Esse uso do MS na oração subordinada substantiva resulta da seleção lexical dos verbos volitivos e evidenciais para a construção da oração matriz. O uso do MInd pelo MS expressa a certeza do falante a respeito do que ocorrerá necessariamente no futuro, desativando os mundos possíveis.

Na dimensão lexical, a relação estabelecida entre o verbo selecionado e a oração matriz é feita por meio da expressão do julgamento, da crença, do desejo, da solicitação, da intenção e manifestação da vontade. A dimensão proposicional, a informação é dada com a certeza de quem fala, ainda que remeta ao tempo futuro.

Na dimensão da pragmática discursiva, o falante emite um julgamento, na relação eu/tu, uma opinião positiva ou negativa a respeito de algo, julgamento este, modalizado pela certeza de quem fala.

Essas ocorrências de uso do MInd em contextos nos quais a GT prescreve o uso do MS, são casos de gramaticalização do MInd pelo MS, evidenciando a relação estabelecida entre o funcionamento linguístico e o sistema da língua.

No processo de gramaticalização, o falante, em sua necessidade de expressão, organiza sua fala e elabora sua estratégia de interação com os itens lexicais que estão à sua disposição e os dispõe, funcionalmente.

Relacionamos o uso do MInd à manifestação do ato de fala que trata dos conteúdos que se realizam no mundo, indicando a certeza do falante quanto ao que está expressando. Tais casos também ocorrem com falantes de médio e alto nível de escolaridade.

A relação entre o maior nível de escolaridade e a preferência pelo uso do MS aponta-nos a relevância da escola na retenção da norma padrão. No entanto, não previsto pela GT, uma situação informal na qual exista uma relação de proximidade e intimidade entre o eu/tu, propicia a gramaticalização do MS em MInd. É essa gramaticalização que tem a função de expressar a certeza de quem fala a respeito de algo futuro, indicando a necessidade de ocorrência desse processo em tempo futuro. Nesse caso não há a projeção de mundos possíveis.

Objetivo (3): apresentar as dimensões da semântica lexical, da proposicional e da pragmática discursiva para a variação dos usos do Presente do MS e MInd. Acreditamos, ainda, que esse objetivo tenha sido cumprido.

Seguindo a verticalidade proposta por Givón (1993), encontramos as seguintes dimensões: a semântica lexical, a semântica proposicional e a semântica pragmática discursiva.

A dimensão lexical mostrou-se extremamente importante, na expressão do enunciado, porque ela estabelece a primeira relação semântica entre enunciador e enunciatário. O enunciador expressa-se pela afirmação do seu julgamento, da crença da veracidade de algo, do desejo com especial interesse, da solicitação e da manifestação da vontade. Tal seleção lexical ocorre não apenas pela seleção do vocábulo, mas também pela seleção de uma das definições contidas no vocábulo.

Na dimensão proposicional, a informação é dada com a certeza de quem fala, ainda que ela se remeta a um tempo futuro. O sema da futuridade mantém-se nessas informações, modalizadas pela certeza do falante, desativando, assim, a projeção de mundos possíveis.

Na dimensão proposicional, as informações podem estar expressas em uma oração ou numa sequência oracional co-subordinada. Essas subordinações têm valores sintáticos de substantivos e advérbios. As orações adjetivas não foram tratadas nesta dissertação.

Na dimensão pragmático-discursiva, na relação eu/tu há a emissão de uma opinião, de um julgamento positivo ou negativo, a respeito de algo e esse julgamento está modalizado pela certeza de quem fala.

Consideramos que o contexto comunicativo influencia a variação do MS pelo MInd. Na dimensão da pragmática discursiva, é que se rompe com a correlação estabelecida pela norma gramatical padrão, para o uso do MS. É nessa dimensão que ocorre a manifestação do MInd.

Em outros termos, a pesquisa realizada confirmou a hierarquização proposta por Givón, isto é, as palavras do nosso léxico codificam conceitos e entidades acessíveis, e as proposições combinam as palavras disponíveis no léxico para expressar informações acerca de eventos, relações e estados. Diversas proposições combinadas caracterizam o discurso como uma comunicação coerente.

A propriedade da coerência textual-discursiva transcende o nível da informação proposicional e instaura-se no discurso, na integração das proposições dentro de um contexto comunicativo.

A gramática, definida como um código comunicativo, compreende os níveis da informação proposicional nas cláusulas e na coerência discursiva da cláusula, no contexto discursivo. Nesse sentido, a gramática e discurso/sistema comunicativo estão em uma relação biunívoca: o discurso molda a gramática na mesma proporção que a gramática configura o discurso.

Essa organização hierárquica obedece a uma leitura vertical, possibilitando a caracterização do significado das palavras sem referência à proposição e sem referência ao discurso. As proposições carregam informações do léxico, mas não carregam funções discursivas. As funções discursivas carregam as funções proposicionais de forma a encaixar as proposições no discurso. Em síntese, o contexto discursivo das proposições carrega função discursiva e estas são impossíveis de serem caracterizadas sem menção à informação das semânticas proposicional e lexical.

Frente ao exposto, as questões que orientaram esta pesquisa, para a sua problematização, poderiam ser assim expostas:

- o uso do Presente do MS ocorre guiado pelas regras do uso padrão normativo e caracterizam em sua ocorrência, o nível de escolaridade médio e alto do enunciador.

Tal ocorrência se dá para expressão do modo imperativo e períodos subordinados com orações substantivas que têm, na oração matriz, a seleção lexical de verbos volitivos e evidenciais. O MS ocorre ainda em orações subordinadas adverbiais para expressão de binômios sintático-semânticos de condição/condicionado e meio/fim.

- O uso do Presente do MInd (Modo Indicativo) com a função de Presente MS ocorre com falantes independentemente do nível de escolaridade, tanto para a expressão do Modo Imperativo quanto para a expressão do MS em orações subordinadas, gerando a gramaticalização do MS pelo MInd, ou seja, um gramema gramaticalizado em outro gramema, pelas flexões verbais;

- a variação do uso do Presente do MInd (Modo Indicativo) pelo Presente MS ocorre com frequência e suas causas podem ser explicadas pela modalidade enunciativa do falante e pela verticalidade das dimensões semânticas propostas por Givón (1993).

A pesquisa realizada abre perspectiva para novos trabalhos com outros tempos do MS e para amostras coletadas na fala escrita, pois as analisadas nessa dissertação, embora escritas, são relativas à oralidade.

Essas perspectivas podem ser complementadas com a afirmação de Castilho (2010 p. 32), de que decorrem de sua observação a respeito do uso efetivo de uma língua por seus falantes: “faz falta uma teoria que postule a língua em seu dinamismo, com um conjunto articulado de processos”. O autor, diferentemente de Givón (1993), considera que são quatro os sistemas linguísticos ativados, quando falamos ou escrevemos: o léxico, a semântica, o discurso e a gramática. A partir desses sistemas, o autor postula em sua gramática a teoria multissistêmica.

No que se refere ao PB, há muito a ser investigado. Acreditamos ter feito, com a pesquisa realizada, uma pequena contribuição.

## Referências bibliográficas

---

**ARNAULD & LANCELOT.** *Gramática de Port-Royal.* São Paulo: Martins Fontes, 1992 [1660].

**BACK,** Angela Cristina Di Palma. **COAN** Márluce. Os pretéritos mais-que-perfeito simples e imperfeito sob a ótica da iconicidade e da gramaticalização. DELTA vol.28 no.2 São Paulo 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502012000200008> (abril/2015).

**BAGNO,** Marcos. *Gramática do Português Brasileiro.* São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

**BECHARA,** Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

**BUENO,** F. da S. Gramática normativa da língua portuguesa. São Paulo: Saraiva, 1963.

**CAMARA JR., J. M.** *Uma forma verbal Portuguesa: estudo estilístico-gramatical.* Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1956.

\_\_\_\_\_. *Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa.* Brasília: Universidade de Brasília, 1964

**CASTILHO,** Ataliba T. de. *Gramática do Português Brasileiro.* São Paulo: Contexto, 2010.

**CEGALLA,** D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa: com numerosos exercícios.* São Paulo: Nacional, 1981.

**COAN,** M. *Anterioridade a um ponto de referência passado: pretérito (mais-que)perfeito.* Florianópolis; UFSC, 1997. Dissertação de Mestrado.

**CUNHA,** C & **CINTRA,** L. F. L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo.* 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

**DECAT,** Maria Beatriz Nascimento. *Estruturas Desgarradas em Língua Portuguesa.* Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

**DILLINGER,** Mike. *Forma e função na Linguística,* In: DELTA, vol.7, n.1, 1991, p. 395-407.

**FAGUNDES,** Edson Domingos. *As ocorrências do Modo Subjuntivo nas entrevistas do VARSUL no estado do Paraná e as possibilidades de variação com o Modo Indicativo.* Curitiba, 2007. 218 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Paraná.

**FIORIN**, José Luiz. *Introdução à linguística*. São Paulo: Contexto, 2006.

**FONTE**, Juliana Simões. *As informações gramaticais disponíveis no dicionário de usos do Português do Brasil*. UNESP: ReVEL, v. 9, n. 17, 2011.

**GIVÓN**, T. *English grammar*. Amsterdam/Philadelphia; John Benjamins, vol. I e II, 1993.

\_\_\_\_\_. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia; John Benjamins, 1995.

**HALLIDAY**, M.A.K. *Exploration in the Functions of Language*. Londres: Edward Arnold, 1973.

\_\_\_\_\_. *An Introduction to Funcional Grammar*. Baltimore. Edward Arnold, 1985.

**HOUAISS**, Antonio. VILLAR Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009

**HOPPER**, Paul J. Emergent grammar. Carnegie Mellon University, Chapter 6, p. 155-75, 1998.

**IGNÁCIO**, Sebastião Exedito / **HINTZE**, Ana Cristina Jaeger. *Um estudo sobre as funções de expressões gramaticalizadas* in NEVES, Maria Helena de Moura (org) *Descrição do Português: definindo rumos de pesquisa*. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2001.

**KOCH**, I.G.V. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

**LECLERC** André. *O essencialismo desde Kripke* in **IMAGUIRE** Guido, **OLIVEIRA** Manfredo de, **ALMEIDA** Custódio de (orgs.) *Metafísica Contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2007, p.376-399.

**LE MOS**, Pedro Mendes Ferreira. *O reverso do mundo: lógica, metafísica e semântica dos condicionais contrafactuais*. Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Filosofia, 2010.

**LEWIS**, David K. *Counterfactuals* Oxford / UK: Blackwell Publishing, 1973.

**MAINGUENEAU**, D. *Análise de textos de comunicação*. Trad. de Cecília P. de Souza e Silva e Décio Rocha. 6ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

**MARCUSCHI**, L.A. *Produção Textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

**MARTELOTTA**, Mário Eduardo. *Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

**MARTELOTTA**, M.E.; **LIMA-HERNANDES**, M.C.; **CASSEB-GALVÃO**, V.C. – Orgs. (2007). *Introdução à Gramaticalização – em homenagem a Maria Luiza Braga*. São Paulo: Parábola.

**MARTELOTTA**, M.E. e **ALONSO**, K.S. In *Funcionalismo Linguístico – Novas Tendências Teóricas*. (Edson Rosa de Souza – org). São Paulo: Contexto, 2012, p. 87-106.

**MARTELOTTA**, M.E., **VOTRE**, S. e **CAZARIO**, M.M. (orgs) *Gramaticalização no Português do Brasil – uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, capítulo 2, 1996.

**MARTIN**, Robert. *La notion sémantique d'univers de croyance*. In *Linguistique générale et linguistique romane – Histoire de la grammaire*. Actes du XVIII congrés international de linguistique et philologie romanes. Aix-em-Provence: Université de Provence, 1986.

**MATTOS E SILVA**, R.V. A mudança linguística no funcionalismo. In *Caminhos da linguística histórica*. São Paulo: Parábola, 2008, p. 71-95.

**NEVES**, M. H. *Uma visão geral da Gramática Funcional*. São Paulo: Alfa, 38: 109-127, 1994.

\_\_\_\_\_. *A Gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. *A Gramática de usos é uma Gramática Funcional*. São Paulo: Alfa, v.41, n.esp., p.15-24, 1997.

\_\_\_\_\_. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

\_\_\_\_\_. *A Gramática passada a limpo*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

**NICHOLS**, J. *Functional Theories of grammar*. Annual Review of Anthropology, 13, 1984, (97-117).7

**PAIVA**, Marcelo Rubens. *As verdades que ela não diz*. Rio de Janeiro: Foz, 2012.

**PALMA**, D.V. “Gramaticalização, pensar metafórico, indeterminação do sentido e ensino de Língua Portuguesa” in *Língua Portuguesa em calidoscópio*. (Neusa Bastos – org.) São Paulo: EDUC, 2004, p.158-178.

**PERINI**, Mário A. *Gramática do Português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

**PIMPÃO**, T. S. *Variação no presente do indicativo do modo subjuntivo: uma abordagem discursivo-pragmática*. Florianópolis, 1999. 128 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina.

**PRETI**, Dino. *Análise de textos orais*. **PRETI** Dino (org) - Projeto de estudo da Norma linguística Urbana Culta de São Paulo. São Paulo: Humanitas, 2010.

\_\_\_\_\_. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

\_\_\_\_\_. *Cortesia verbal*. **PRETI** Dino (org). São Paulo: Humanitas, 2008.

\_\_\_\_\_. *Variações na fala e na escrita*. **PRETI** Dino (org) São Paulo: Humanitas, 2008.

**SAID ALI**, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3ª ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1964.

\_\_\_\_\_. *Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa*. Brasília: Universidade de Brasília, 1964

**SILVEIRA**, Regina Célia Pagliuchi da. *Aspectos da identidade cultural brasileira para uma perspectiva interculturalista no ensino/aprendizagem de Português Língua Estrangeira*. In: **SILVEIRA**, Regina Célia Pagliuchi da. (org.). *Português língua estrangeira: perspectivas*. São Paulo: Cortez, 1998.

**TRAVAGLIA**, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 14.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

## Anexos

### Constituição da amostra

---

O corpus foi coletado em vários usos (oral e escrito), a fim de ser representativo para a análise da variação do uso do Presente do MS pelo Presente do MInd e, por vezes, a ocorrência do Pretérito do MS para o exame do modo historicamente designado Condicional, que expressa futuridade.

---

#### 1 Ocorrências em situações de fala oral televisiva - Campanha preferência do pedestre 2011

A fim de reduzir os índices de atropelamentos, a Secretaria Municipal de Transportes (SMT) do município de São Paulo lançou, em 2011, o Programa de Proteção ao Pedestre e respeito às faixas de segurança, buscando promover atitudes de solidariedade humana no resgate de valores de proteção aos cidadãos.

Com efeito, estatísticas apontavam que, aproximadamente 50% das vítimas fatais em acidentes de trânsito na cidade de São Paulo eram pedestres. Então, motivada por essa triste realidade, a população envolveu-se na discussão sobre o assunto e, questionadas em entrevistas espontâneas nas ruas da cidade, expressou sua opinião.

<http://www.youtube.com/watch?v=JlHn8oeMAbl>

(1) "... deve procurar diretamente o pessoal que **pode** realmente ajudar..."

[http://www.youtube.com/watch?v=0aTNwXBJ5\\_0](http://www.youtube.com/watch?v=0aTNwXBJ5_0)

(2) ".. acho que **deve** sim, ajudar os pedestres..."

(3) "Deve orientar para que **espera** a sinalização e não avançar o sinal de vermelho."

<http://www.youtube.com/watch?v=mYWAxzC-LYg>

(4) "Tem medo de a pessoa **atropelar**, sei lá..."

Com subjuntivo: "*Tem medo de que a pessoa o atropele....*"

<http://www.youtube.com/watch?v=AoLBTnjRroc>

(5) "Meu pai fala que se a gente está distraída pode ser que **acontece!**" (PI)  
(indicativo pelo subjuntivo) (estiver/aconteça)

<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2014/02/alunos-tem-aula-dentro-de-banheiro-em-escola-publica-no-rs.html>

(6) "A gente sabe que é um atendimento improvisado, que poderia estar melhor. A gente já está há um ano nessa situação, e a gente espera que nesse ano **seja** resolvido", admite a diretora Vânia L.

---

## 2 Ocorrências no livro "*As verdades que ela não diz*" de Marcelo Rubens Paiva

As ocorrências colhidas nessa obra transcrevem o uso do PB em condições de produção oral de fala coloquial. A escolha dessa obra justifica-se exatamente por reproduzir, em condições de fala oral, conversas de intimidade entre casais.

(7) Óbvio que eu **deixo** você sair com seus amigos". → opção pelo indicativo, sentido de agora, neste momento. Com o uso do subjuntivo "que eu deixe", o sentido se referiria a uma hipótese mais verdadeira sempre. (pg. 10)

(8) "**Faz** você. Eu não sei fazer café." (pg. 10) (Escolha indicativo) Você **faz** o trabalho, eu estou cansado.

(9) "**Fica** tranquilo, eu tranquei a casa." (pg. 10)

- (10) "Não **faz** rodeios com metáforas." (pg. 14)
- (11) "**Deixa** ela decidir tudo. **Faça** como eu." (pg. 21)
- (12) "**Fica** mais um pouco", ela pediu. (pg. 81).
- (13) "**Vem** comigo" (pg. 81)
- (14) "Vaca, piranha. **Vai** pra cozinha, filha da mãe!" (pg. 117)
- (15) "**Baixa** um pouco, vai", ela pediu. (pg.121)
- (16) "**Abaixa**...", ela adocicou a voz. (pg. 121).
- (17) "Para mim pagar essa conta, vai pesar no orçamento. **Bebe** este vinho com gosto, curtindo cada gota!" (pg. 132)
- (18) **Fala do autor:** - Neste caso, **rache** a conta e **saia** fora. (pg. 134)
- (19) "Se não achar, **liga** para o Rômulo." (pg. 144)
- (20) "Esta rua é a mais congestionada. **Vai** pela faixa da direita." (pg. 146)
- (21) "Não **esquece** os colares", ele diz (pg. 148)
- (22) "Você acha que não é possível **haver** amizade entre um homem e uma mulher?"  
(pg.15)
- 

### 3 Ocorrências diversas

Ocorrências de uso do PB em condições de produção oral de fala coloquial.

No decorrer da pesquisa, sempre que possível, prestávamos atenção à forma como as pessoas se comunicavam. As anotações se referem a coletas em situação informal e relaxada, sem prévia preparação dos falantes.

(23) “Professora não vou poder ir à faculdade hoje... preciso finalizar a compra de passagens e reserva de hotéis para que os executivos **viajem** amanhã...” (fala de aluna 02/09/2014 FMU)

(24) “Acredito que ele **privilegia** o controle da poluição, pois reutiliza a água....” (Fala de aluna a propósito de programa de tratamento de água de uma determinada empresa: FMU 25/09)

(25) “Eu não acho que a gente **deve** chamar só os alunos iniciantes não, a gente deve chamar todas as classes.” (fala de aluna 16/08/2014 FMU)

(26) ...me **deseja** sorte! (conversa entre amigas 17/09/2014)

(27) “**Aproveite** tudo nessa viagem.” (conversa entre amigas sobre viagem (15/07/14)

(28) “Sério? Me **conte** tudo... (conversa entre amigas 19/08/2014) (1)

(29) “Mas... **fica** tranquila!” (conversa entre amigas 19/08/2014) (2)

(30) “Não tenho certeza se será oferecida DP dessa disciplina neste semestre. Pode ser que **vai ser** para o próximo semestre.” (fala de aluna 20/08 – 2014)

(31) “Peço encarecidamente que o PSDB nunca mais se **eleja**, eles acabaram com a educação com a vida dos professores.....” (conversa entre amigas 21/09/2014)

---

#### **4 Ocorrências em situações de fala oral televisiva – Implantação das ciclovias na cidade de São Paulo**

Em 2014, a bicicleta passa a ser considerada como um novo modal de transporte da cidade de São Paulo. A Prefeitura de São Paulo, então, propõe-se a

iniciar a implementação dos 400 quilômetros de ciclovias até o final de 2015, compromisso de campanha do atual prefeito da cidade. Entretanto à medida que as ciclovias se expandem, cresce a polêmica sobre o assunto.

Motoristas, pedestre, ciclistas e moradores das localidades onde foram implantadas as ciclovias se envolvem na discussão e, questionadas em entrevistas espontâneas nas ruas da cidade, expressam suas opiniões.

Essa coleta de dados justifica-se pelo interesse das pessoas em opinarem, favoravelmente ou não, quanto à implantação das ciclovias.

<http://www.youtube.com/watch?v=o1vry2uKkU4>

(32) “As novas ciclovias que estão surgindo estão com menos problemas que as primeiras, então a gente acredita que a tendência **é ficar** cada vez melhor e mais ciclovias na cidade...” (33) “ Se **tivesse** um recuo para estacionar o carro, com cargas e descarga ficaria melhor...”

<http://www.youtube.com/watch?v=izU-iBnGjJA>

(34) “Ela **tem que ter** coletividade, conexão entre os outros modais de transporte, por exemplo: você está na região central, primeira: ela tem que conectar com trem e metrô e tem que conectar com as estações de ônibus... / ...segunda: referencialmente e só em casos extremos, não usar a calçada, porque a calçada é do pedestre... / terceira: não tirar o rolamento do carro...”

[http://www.youtube.com/watch?v=9hqvqLItD\\_M](http://www.youtube.com/watch?v=9hqvqLItD_M) (35 e 36)

(35a) “Eu acredito que sim... eu defendo que a bicicleta... ela **tenha** um espaço que nunca vai ser o dominante... nós nunca vamos virar uma Amsterdã ou eh... uma Estocolmo...”

(35b) “... mas nós vamos ter um espaço que calculo que 5 a 6% da população **possa** utilizar a bicicleta.”

(36) “...acredito que haverá mais condição para que as pessoas **possam** se locomover...”

<http://www.youtube.com/watch?v=lf7D3ac2IH0>

(37) “Se **tivesse tido** um planejamento... não sendo na Rua Barra Funda poderia ser na Vitorino Carmilo... um comércio intenso de funileiros aqui e outros ramos de atividades como materiais de construção... atrapalhou fortemente a atividades deles.../ espero que um dia **pode** vir até mais ciclistas...”

<http://www.youtube.com/watch?v=ceEqtbWILpQ> (38 e 39)

(38) “A ciclovia aqui pra gente foi... uma coisa que aconteceu do dia para a noite... num teve ninguém que **chegou e fez** uma pesquisa.”

(39) “Tô achando ótimo a ampliação de uma ciclovia que **melhora** a segurança...”

<http://www.youtube.com/watch?v=GLpSwR3JsN8> (40 a 41)

(40) “Se **acontecesse** com você... você se sentiria da mesma maneira...”

(41) “Aqui já tá difícil de estacionar... já não tem mais estacionamento... caso **implantem** vai ser inútil...” (condicional Pres MS)

<http://www.youtube.com/watch?v=GNwXzUiwP2A> (42 a 44)

(42) “ ...não tem um vizinho aqui que **esteja** de acordo...”

(43) “...fazer um abaixo assinado... se pelo menos eles **conseguissem** fazer com que **seja** só sábado e domingo...”

(44) “Acredito que aqui **tem** espaço pros dois...”

<http://www.youtube.com/watch?v=w74zNUC8cNA>

(45) “Que nem agora né? eu fui em S.Miguel pegar um remédio prá esposa lá, eu ia de carro né... Se eu **fosse** de carro eu ia gastar mais de 45 minutos... porque o trânsito está parado aí... de bicicleta eu fui e voltei em menos de 20 minutos.”

[http://www.youtube.com/watch?v=UxxBeC\\_CWi8](http://www.youtube.com/watch?v=UxxBeC_CWi8)

(46) “Tá sendo o primeiro então nós estamos tomando todo esse cuidado pra gente poder né... fazer uma sinalização pra garantir que os ciclistas **atravessem** a ponte.”

<http://www.youtube.com/watch?v=zB-P00PSbRI>

(47) “O trânsito é realmente caótico em São Paulo... mas as pessoas vão se acostumando... quanto mais pessoas **andarem** de bicicleta... mais os motoristas sente a presença dos ciclistas e vão acostumando sentindo que existe ciclistas e respeitando mais.”

<http://www.youtube.com/watch?v=zB-P00PSbRI>

(48) “Precisa haver uma campanha de conscientização geral... as pessoas precisam entender que a bicicleta não **está** lá pra atrapalhar...”

<http://www.youtube.com/watch?v=JGRDXYNjgxE>

(49) “O que a gente não recomenda é que a pessoa **pedale** com o fone de ouvido porque o fone de ouvido vai com certeza... vai tirar um pouco a sua atenção dos carros que estão em volta.”

<http://www.youtube.com/watch?v=-lBQeAl8wiY>

(50) “Faz um sinal aqui... ultrapassa numa boa... como gentil ciclista que você é, você manda ele vir agora e quem sabe ele até **agradece...**”

[Jornal Bom dia Brasil 22/09/2014 \(51 e 52\)](#)

(51) “Quando **tiver** ciclovias no meu bairro... vou sim trabalhar de bicicleta.”

(52) “Se **tivesse** condição... iria trabalhar de transporte público.”

---

## 5 Outras ocorrências

Outras ocorrências de uso do PB, oral e escrita, reproduções de condições de produção oral de fala coloquial.

Dados também coletados no decorrer da pesquisa, anotações aleatórias em situação informal e relaxada, sem prévia preparação dos falantes.

(53) “O professor quer que eu **pego** as teorias sobre o tema... [...] ... mas **seja** o que Deus quiser né? Vamos conseguir...” (aluna mestrado PUCSP 24/09/14)

(54) “Falei com ela ontem... [...] estava muito chateada e decepcionada... precisava sair fora ... disse que ia viajar hoje.... [...] pensei::...**vai que** ele **resolve** vir aqui ... (conversa entre amigas 22/02/15)

(55) **Benza**-me Deus! (coleta de fala oral no uso comum dos brasileiros)

(56) “Suponho que você **venha**. ” (Castilho 2010 p. 360)

(57) com as crianças, então, esperamos que não **haja** maiores problemas (levantamento fala oral situacional conflitante de discussão outubro/2014)

(58) ...você liga para o dentista ou quer que eu faça isso? (conversa informal entre mãe e filho em 23/04/2015)

(59) “**Ponha**-se na rua! ” (Castilho, 2010, p. 327)

---

## 6 Ocorrências do uso do MS no material reunido pelo projeto NURC/SP

Os dados foram retirados de obras publicadas pelo projeto NURC/SP, material do volume da série *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*, publicada em 1990. (DINO PRETI 2010, p.7).

Segundo esse autor, trata-se de gravações com falantes cultos (entendidos como tal os de formação universitária completa), que foram transcritas e que, ainda hoje, servem de estudos sobre a fala oral urbana nas várias cidades onde a pesquisa foi realizada.

Por trata-se de informantes de nível universitário, com escolaridade média alta, a expectativa é do uso do padrão gramatical normativo, mesmo que em situação de produção coloquial.

Análise de textos orais (Dini Pretti org)

**P.14**

245 L1 e MAIS uma vez eu... eu vejo a influência do clima e tudo mais... se é um clima chuvoso tal talvez até me **ajude**.

**Pg. 15**

235 L1 dizem né? -- você vê – dentro da profissão do vendedor... a coisa mais difícil é você manter realmente o indivíduo... éh Olto horas em contato direto com os clientes::... realmente difícil... então a gente inclusive::... pede para que o indivíduo não **perca** tempo nesses horários certo?... e **procure** almoçar... no seu território de trabalho... por ali mesmo em vez de ter que deslocar de um território de trabalho para sua ca::sa (Nurc 235)

[

**P. 42**

é preciso realmente estar convencido disso e ele é uma coisa que não vai ser fácil convencer então desistimos... eu pelo menos desisti não se toca mais no assunto... mas realmente então está encerrado mas gostaríamos demais de mais filhos... embora eu **fique** quase biruta... ((risos)) (Nurc D2-SP-360-90-94)

**Pg. 43**

**1550 L2**

foi circunstâncias que não favoreceram eu não::... não consegui no Itamarati... ( ) não não consegui não... nem cheguei a tentar... acrescido do fato que que aí depois

soube que para mulher era muito difícil que eles quase não admitiam era difícilimo et cetera et cetera... e aí faltou ânimo para tentar para valer... eu acho que aí **se eu tivesse** tentado teria conseguido mas realmente faltou ânimo faltou interesse...((risos)) os interesses começam... a se:: (Inq. Nurc/SP 360)

**Pg. 44**

1570

... eu achei que as coisas dali para frente seriam mais difíceis eu comecei o colegial... pensando...em Medicina...e pensando em contar com o meu pai.. para... o custeio do estudo mas desde o momento em que eu... o perdi eu:: preferi uma carreira profissionalizante... um colegial profissionalizante para que eu **tivesse** chance de trabalhar assim... que formar não é? (Inq. Nurc/SP 360)

**Pg. 47**

30 L1

é e:: mas... depois diante das dificuldades de conseguir quem me **ajudasse**... nó::s paramos no sexto filho... (Inq. Nurc/SP 360)

**Pg. 67**

L2

mas existe um limite em que você **deva** um mínimo le/ levar neste tal de faturamento? (Inq. Nurc/SP 360)

**Pg. 68**

(02)

I-1 L1 ((pigarreou)) **veja** o que está acontecendo... por incrível que **pareça** há falta de doutores hoje... (Inq. Nurc/SP 062)

**Pg. 71**

555 L2

mas você está pegando uma coisinha assim sabe? um cara que **esteja** desempregado também eu posso... usar o mesmo exemplo num sentido contrário... o cara... (Inq. Nurc/SP 343)

**Pg. 72**

1020 I-3 L2

talvez você **possa** dizer mais alguma coisa do que eu nesse campo...

**Pg. 77**

945 L2

é normal mesmo vai uma base acho que de uns ... cem engenheiros por ano... financiado por Uma empresa que eu conheço... você **imagine** as outras entende? aqui eles não têm campo de desenvolver isso... então a França é:: é normal .. (Inq. Nurc/SP 062).

**Pg. 95**

1205 L1

razoável se eu **continuasse** trabalhando sabe? (Inq. Nurc/SP 360)

1215 L1

que foi melhor embora futuramente eu **pretenda** trabalhar eu quero continuar os estudos... e::e trabalhar fora mas por enquanto ainda não as crianças dependem muito de mim... (Inq. Nurc/SP 360)

*Em Variações na fala e na escrita* (Dino Preti org.) p. 292.

(Inq. 208, NURC/SÃO Paulo, p.89)

Doc.:

seu N...nós gostaríamos que o senhor **contasse** pra gente... todo seu ciclo de vida... desde... a inFÃNcia... adolesCÊNCIA maturidade época de casaMENto... como é que FOI... como é que o senhor conheceu sua esposa como foi o casaMEN::to ahn:: a sua adolescência enfim tudo que o senhor podia contar pra gente as assim de interessante nós gostaríamos que o senhor **contasse** por favor... (Inq. Nurc/SP 208)

(Bagno 2012, p.560):

“Acredito por exemplo... que a compra do carro próprio: ou a ajuda para construção da casa própria... **seriam** medidas... de GRANDE repercussão... social... [...] então a casa própria eu acredito que **seria** evidentemente uma medida de LAR::GA repercussão... social.. porque **viria** inclusive proporcionar... uma integração: por assim dizer melhor:... [...] o presidente é eleito evidentemente... pelos associados... **(a) acredito que seja... por uma votação... do tipo que classificamos como maioria absoluta... [...]** por exemplo a cooperativa dos usineiros... **(b) acredito que ela presta... aos usineiros... informações sobre: o mercado... é exatamente por isso... que (c) nós acreditamos... que... uma sociedade democrática... seja um tipo de sociedade inclusive onde os sindicatos podem realmente participar... [...]** ”  
(NURC/SP/REC/131)

Bagno (557)

(148) se fosse passar um filme para crianças que tipo de filme a senhora acha que deveria ser passado? (Nurc/SP 234)

NURC/SP em Bagno (579):

“agora talvez ele *goste* de ficar na cama até mais tarde... não seria conveniente mudá-lo de período escolar?” (Nurc/SP 360)

DECAT (p. 109)

(17)

o que tem ajudado muito... é a novela... embora isso **pó/possa** ser... e eu concordo que *seja* largamente contestado... por outro lado também (...) a televisão está servindo para o aprimoramento do cinema... (D2-SP-333.919-924)

*Cortesia Verbal* – Dino Pretti

Nurc Inf. 7

... mas a princípio o o relacionamento já começa dar certo agora a questão é que a criança *talvez* ela não *tenha* .... [...] ... *talvez* ela se *cale* mas ela não tenha consciência disso que ela está nesse processo a [[ ahã ] que ela *talvez* não *vai* perceber isso né então é uma situação muito (l. 240)

Nurc inf. 10

E sabe o que que eu acho também desculpa interromper agora é que agora veio na cabeça é assim **veja** bem eu acho que as pessoas não querem acreditar porque quanto votos o Lula teve? (l. 1.002)

*A linguagem falada culta na cidade de São Paulo* - Pretti e Castilho (orgs.),.

Inquérito 343 Projeto NURC/SP transcritos das páginas 28 a 31 do volume II –  
Diálogos entre dois informantes

**P. 191**

Linha 505

L1 agora **PE::gue**... os indivíduos... desse país... é melhor ou pior para eles isso?

(Inq. Nurc/SP 343)

**P. 216**

1 gostaríamos que **dessem** as suas opiniões a respeito de  
televisão. (Nurc Inq. 333)